



Fábulas de Fedro

Estudo e tradução

Ana Thereza Basilio Vieira



Ana Thereza Basilio Vieira

Fábulas de Fedro:

Estudo e tradução

Apresentação
Douglas Gonçalves



Editora da Universidade
Estadual de Alagoas

Arapiraca/al
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
Reitor: Odilon Máximo de Morais
Vice-Reitor: Anderson de Almeida Barros
Diretor da Eduneal: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

CONSELHO EDITORIAL DA EDUNEAL
Presidente: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

Titulares

Professores:

José Lidemberg de Sousa Lopes
João Ferreira da Silva Neto
Luciano Henrique Gonçalves da Silva
Natan Messias de Almeida
Maria Francisca Oliveira Santos
Márcia Janaína Lima de Souza - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Suplentes

José Adelson Lopes Peixoto
Edel Guilherme Silva Pontes
Maryny Dyellen Barbosa Alves Brandão
Ariane Loudemila Silva de Albuquerque
Ahiranie Sales dos Santos Manzoni
Elisângela Dias de Carvalho Marques - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Planejamento do Projeto gráfico e diagramação
Mariana Lessa de Santana

Capa

Maiso de Albuquerque Ferraz

Catálogo na Fonte

-
- V658f Vieira, Ana Thereza Basilio.
Fábulas de Fedro : estudo e tradução. –Arapiraca : Eduneal, 2025.
42 p. : il. : color. (e-book).
- Disponível em PDF no link:
<https://eduneal.com.br/livros/fabulas-de-fedro-estudo-e-traducao/>
Bibliografia. p. 273-274.
Apêndice: p. 222-272.
ISBN: 978-65-6061-101-6.
1. Literatura Latina. 2. Fábulas – estudo - tradução. 3. Fedro - gênero fabulístico – verso. I. Título.

CDU: 871

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717



Sumário

Apresentação 6
Douglas Gonçalves

Ensino, diversão, advertência: originalidade e propósito das fábulas de Fedro 11
Ana Thereza Basilio Vieira



Phaedri Augusti liberti fabularum aesopiarum
Fábulas esópicas de Fedro, liberto de Augusto 39

Liber primus 40
Livro 1

Liber Secundus 84
Livro 2

Liber Tertius 103
Livro 3



<i>Liber quartus</i>	150
Livro 4	
<i>Liber quintus</i>	202
Livro 5	
<i>Appendix Perottina</i>	222
Apêndice de Perotti	
Referências bibliográficas	273





Apresentação

Douglas Gonçalves de Souza

Há escritores que se caracterizam por inovar a cena literária, ao propor algo inédito. Mesmo que inseridos em uma tradição mais ampla, esses autores elegem um modelo de autor ou um modelo de gênero a ser imitado e a ser emulado. Esse “confronto” literário permite que as particularidades de cada autor sejam postas em relevo. Esse é o caso de Fedro que, nas palavras de Citroni *et al.*, pode “vangloriar-se de ter enriquecido a literatura latina com uma obra que, no seu gênero, foi pioneira no contexto romano” (2006, p. 703).

Produzida durante o principado de Tibério, a obra de Fedro inaugura uma tradição do gênero fabulístico em verso. No prólogo do livro I, *Phaedrus* (ou talvez *Phaeder*) expõe sua intenção poética de lapidar, de polir (*polire*) o material literário de Esopo, acomodando-o às medidas do verso latino:

Esopo, o autor, encontrou a matéria,
Eu a poli em versos senários.
(Fedro, I, prólogo, v. 1-2)



No verso inicial, Fedro, esclarece que seu modelo literário grego é Esopo. Como bem destacado pela tradutora Ana Thereza Basilio Vieira, em uma de suas abundantes notas explicativas ao texto, Esopo é considerado o “pai” do gênero fabulístico, no qual animais falantes interagem em alusão a situações típicas das relações humanas, com a clara finalidade de ensinamento moral. Por outro lado, no segundo verso, o autor romano ressalta sua contribuição poética ao manejar um conteúdo literário já conhecido – diante da tradição literária grega – sob uma nova forma: os versos senários iâmbicos.

Também nesse ponto a tradutora Ana Thereza Basilio Vieira se aproxima das intenções poéticas do autor romano, pois tendo já publicado uma tradução das fábulas de Fedro em prosa, lança-se ao trabalho hercúleo de tradução em verso, ainda que sem pretensões de tradução poética. O senário iâmbico, como anotado pela tradutora, é um verso inicialmente associado às peças teatrais, o que possibilita que o tom da tipologia dialogal seja recriado no contexto fabulístico em que há interação – sem encenação – das personagens. Esse tom típico da oralidade também é mantido na tradução em expressões como “falou mal de mim” (I, 1, v.12) ou “olha” (I, 23, v. 5).

Com extensões variadas, distribuídas ao longo de cinco livros, as fábulas de Fedro podem apresentar a lição de moral ou nos versos iniciais de cada texto (*promitio*) ou nos versos finais (*epimitio*). Embora, em sua grande maioria, as fábulas do autor romano



retomem fábulas da tradição esópica, há também, na coletânea, fábulas particulares que podem aludir a um modelo desconhecido ou mesmo ser uma criação autêntica. De todo modo, distanciando-se do modelo e da figura lendária de Esopo, Fedro acrescenta em alguns de seus prólogos ou de seus epílogos, de seus promítios ou de seus epimítios, referências (auto)biográficas – dotadas de juízo de valor – que se reportam à experiência de vida concreta de um homem que vive na sociedade romana imperial.

Do atalho de Esopo, Fedro fez um caminho (Cf. III, prólogo). A fábula esópica, até mesmo pelo fato de Esopo ter sido escravizado, evoca um mundo servil e abarca os humildes e os marginalizados. Consoante Citroni *et al.*, Fedro, levado a Roma também na condição de escravo, “concebe a fábula precisamente como o gênero que os escravos haviam inventado para poderem contar a sua verdade, sem riscos e protegidos pelo véu da simbologia animal” (2006, p. 707), conforme salientado no prólogo do terceiro livro. Aliás, deve-se destacar o fato de a fábula que abre a coletânea retratar o episódio entre o lobo e o cordeiro, em que o mais forte, “vencido pelas forças da verdade” e diante de sua própria prepotência, dilacera o mais o mais fraco:

Esta fábula foi escrita para aqueles homens
Que com causas fictícias aos inocentes oprimem.
(Fedro, I, 1, v. 14-15)

Como toda obra literária, as fábulas de Fedro refletem, em alguma medida, o meio em que foram escritas. Para a literatura



latina do contexto imperial, não seria uma novidade a figura de um escravo ou ainda a produção de um escravo escritor. A novidade aqui está associada ao ato de escrita isento de uma patronagem, o que possibilitou a Fedro expressar o ponto de vista dos humildes. Embora em algumas passagens o fabulista critique os pedantes por não reconhecerem sua obra como cultura oficial e se dirija aos leitores ora em tom mais amigável, ora em tom mais agressivo, pode-se afirmar que, mediante a simplicidade formal e a evidência contextual dos seus conteúdos, sua obra podia ser desfrutada por leitores menos instruídos.

O autor romano manipula brilhantemente os dois níveis de discurso que coexistem harmonicamente: do ponto de vista narrativo, elenca uma série de histórias, de traços anedóticos e alegóricos, que visam instruir moralmente o cidadão romano; do ponto de vista social e político, denuncia diversos comportamentos que exprimem as desigualdes nas relações humanas. Vale ainda ressaltar que muitas das verdades morais expostas possuem tal poder expressivo que sinalizam para as práticas retóricas da época, em que as máximas (*sententiae*) empregadas eram condizentes com as práticas escolares. Mas para a observação destes e de tantos outros aspectos da obra fabulística de Fedro, o leitor é aqui convidado a se deleitar com esta atenta e cuidadosa tradução.

Nas páginas que se seguem, Ana Thereza Basilio Vieira apresenta ao leitor brasileiro uma tradução integral e anotada das *Fábulas* de Fedro. No contexto editorial brasileiro, era preciso



que uma tradução assim, realizada diretamente a partir do texto latino e acompanhada do texto original, viesse a lume. O leitor brasileiro, com esta publicação, passa a ter em mãos uma tradução embasada em conhecimento filológico apurado e em vasta sapiência literária, uma vez que tal autor romano vem sendo estudado, já por alguns anos, pela tradutora em questão. Além disso, também esta tradução deve ser notabilizada pelo tom fluente, vazado em excelente português, que particularizam a escrita da autora/tradutora.

Finalmente, ao leitor brasileiro, é disponibilizada, em edição acurada, uma das obras mais interessantes da literatura latina, representativa de um gênero de bastante sucesso e circulação no universo literário ocidental, que tem atraído leitores de diferentes níveis de instrução e de diferentes idades. Uma obra clássica tem esse poder: explora a condição humana em sua universalidade, independentemente da época, do local e do contexto sociopolítico. *Multatis multandis...*

Eu, um dia, quando menino, li a sentença:
“É sacrilégio para a plebe publicamente murmurar”,
Enquanto o bom senso continuar, disto bem me lembrarei.
(Fedro, III, *epílogo*, v. 33-35)

Douglas Gonçalves de Souza





Ensino, diversão, advertência: originalidade e propósito das fábulas de Fedro

Ana Thereza Basilio Vieira



A fábula é um gênero literário que faz parte de nossos conhecimentos antes mesmo de sabermos o que é literatura. Quem nunca ouviu ou leu uma história em que animais ou objetos falavam e agiam como seres humanos apresentando, ao final, uma frase indicando uma moral? Quem desconhece a história da raposa e das uvas ou do cordeiro e o lobo? A fábula integra o nosso imaginário desde muito cedo, a ponto de afirmarmos que ao menos uma das centenas de narrativas fabulísticas está registrada em nossa memória.

É praticamente impossível definir quando e onde a fábula surgiu com exatidão. Sabe-se que esse tipo de narrativa integrou a literatura de boa parte dos povos antigos no entorno

do Mediterrâneo: Egito, Assíria, Índia, Grécia, Líbia, Frígia, cada qual conservando ao menos um exemplo fabulístico antigo, reconduzindo à Suméria ou Acádia-Babilônia, cujos registros não se conseguia analisar por escassez de elementos.

Devemos a Hesíodo o mais antigo registro escrito, conhecido como “O rouxinol e o gavião”, presente em *Os trabalhos e os dias*, v. 202-217, obra do século VIII-VII a.C.: “Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam. / Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo...”¹, onde se discorria sobre a justiça e o excesso. Já Dezotti² afirma que a relativamente recente interpretação de escritas cuneiformes ensejou a datação de textos sumérios contendo fábulas ao século VIII a.C., com animais antropomorfizados, tal qual ocorre nas fábulas.

É consenso se conferir a origem escrita de uma obra que se serve unicamente deste gênero, no século VI a.C., a Esopo, cognominado “pai das fábulas”, por terem sido a ele atribuídas algumas centenas de fábulas em prosa. Posteriormente serão conhecidas como fábulas esópicas um conjunto de fábulas com temática e disposição similares às fábulas de Esopo, distintas, por sua vez, dos demais tipos de fábulas. Em verdade, as fábulas esópicas apresentam uma origem, inicialmente de circulação oral, versando sobre temas do cotidiano, com personagens inventados.

1 Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer.

2 DEZOTTI, 2003, p. 21.



No século IV a.C., Demétrio de Falero se torna o responsável pela primeira coleção publicada, reunindo fábulas gregas, possivelmente muitas delas concernentes a uma literatura oral, contadas de geração em geração, ainda sem uma preocupação maior com relação à literariedade. Sua importância se deve ao fato de ser ela a origem das coleções fabulísticas gregas e latinas.

No século seguinte, Bábrio redige uma centena de fábulas esópicas, pela primeira vez em versos, ainda em língua grega. Mas há escassíssima notícia sobre o autor, talvez proveniente de uma região helenizada da Itália, tendo vivido na Ásia Menor, talvez na Síria. O mais importante é que temos preservado o conjunto de suas narrativas.

Na literatura latina, por sua vez, atribui-se a Menênio Agripa, cônsul romano do século V a.C., uma narrativa, que se serve do corpo humano como personagem para convencer a plebe a fazer as pazes com o senado, por ocasião de uma contenda civil, lembrando as fábulas anteriores. Mais tarde, autores como Plauto, Cícero, Virgílio ou Horácio, não dedicados ao estudo e desenvolvimento da fábula como gênero literário próprio, se servem de narrativas fabulísticas em suas obras, usadas como exemplo, numa forma de trazer deleite para o público.

Quintiliano, em suas *Instituições oratórias*, no século I d.C., revela que, à sua época, historietas eram contadas às criancinhas e seu uso era comum no ensino escolástico. Diz ele:



Assim, que aprendam bem as fábulas de Esopo, que estão muito próximas das histórias das nutrizas, a contá-las com linguagem correta e sem qualquer exagero e, em seguida, exigir por escrito a mesma sobriedade de estilo: primeiramente, deslindar os versos, depois interpretá-los com a substituição por palavras sinônimas e logo, com mais audácia, montar paráfrases tanto abreviando como embelezando, até onde for permitido pela ideia do poeta. Quem desenvolver satisfatoriamente esse trabalho, difícil até para professores consumados, fará o suficiente para qualquer aprendizado. (QUINT. *Inst. Or.* I, 9, 2-3)³.

Fedro, no mesmo século, foi o primeiro autor a se dedicar exclusivamente à composição fabulística em língua latina e Aviano, no século IV ou V d.C., dará continuação ao gênero, ambos compondo suas obras em versos. Depois deles, a fábula terá representações de maior vulto ao longo da Idade Média, com autores dedicados a esse gênero. Não obstante ser comumente atestado que as fábulas de Esopo servem de fonte primária para as coleções fabulísticas posteriores, como vimos, as fábulas esópicas é que tomam esse lugar, sendo as obras de Bábrio e Fedro as mais utilizadas para as novas coleções.



3 Tradução de Bruno Fregni Bassetto.

1. Significação e estruturação.

A fábula é uma narrativa curta quanto à sua extensão e, sobretudo, ao desenvolvimento da estrutura narrativa, isto é, aparentemente sem grande complexidade, por expor um único tema a cada história. Ao mesmo tempo, ela possui um caráter didático, que se torna mais evidente através da moral, que pode ser implícita ou explícita.

Ao tomarmos um dicionário de língua latina, observamos que o vocábulo latino *fabula*, -ae é definido como: “de que se fala, assunto de conversação, conversa, boato, rumor; fábula”. E ainda: “conto, anedota, narração, historieta”. Todos significados relacionados ao ato da fala, derivando o substantivo do verbo *for*, *faris*, *fatus sum*, *fari* “falar, ter a faculdade ou o uso da fala. Dizer, explicar, declarar.”

A fábula se prende, pois, a um caráter oral. Daí, talvez, fique mais fácil entendermos a imprecisão quanto à data ou local exato de surgimento do gênero, pois que tais narrativas eram primeiramente orais. Com o passar dos séculos, aos poucos essa tradição oral passa a ter uma escrita, literária, recebendo novos contornos. Devido às variações sofridas ao longo dos tempos, Dezotti (2003, p. 22) a define da seguinte maneira: “fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrar passa a ser o meio de expressão do dizer.”



Ao discorrer sobre as características comuns aos discursos retóricos, Aristóteles apresenta uma utilização bem específica da fábula, nos discursos retóricos, portanto, com um caráter persuasivo, no momento em que o orador pode se servir de exemplos inventados, como as parábolas ou as fábulas esópicas ou assírias:

As fábulas são apropriadas às arengas públicas e têm esta vantagem: é que sendo difícil encontrar fatos históricos semelhantes entre si, ao invés, encontrar fábulas é fácil. Tal como as parábolas, para as imaginar, só é preciso que alguém seja capaz de ver as semelhanças, o que é fácil para quem é de filosofia. Assim é fácil prover-se de argumentos mediante fábulas; mas os argumentos com base em fatos históricos são mais úteis nas deliberações públicas, porque, na maior parte dos casos, os acontecimentos futuros são semelhantes aos do passado. (ARIST. *Ret.* 1394a)⁴.



A fábula esópica ou líbica apresenta, então, uma história fictícia. No que concerne à sua formação, ela está dividida duas partes: uma historieta (o corpo da narrativa) e o comentário ou moral. A história deve ainda ser breve, com uma ação única, geralmente no tempo passado, para servir de exemplo.

Segundo André Malta (2017, p. 9), na apresentação à edição das *Fábulas* de Esopo, as histórias esópicas, como o autor as chama, eram “efetivamente, um breve relato ilustrativo, uma peque-

4 Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Pena.

na cena dramática a partir da qual se podia tirar alguma lição ou reflexão, sendo em seu contexto original aproveitada dentro de narrativas maiores (históricas ou fictícias) e discursos em geral.”

Quanto aos personagens, nas fábulas esópicas proliferaram os animais – que constituem o maior percentual –, além de árvores, objetos, deuses e homens – alguns personagens históricos, como o próprio Esopo, Augusto, Tibério e Sejano, e outras nomeadas através de profissões determinadas, como oleiro, camponês, pastor, sapateiro, escravo, entre outras. Algumas vezes os humanos são genericamente categorizados como jovem, ancião, lembrando os personagens típicos da comédia nova, não obstante aparecerem de forma anônima. Embora haja uma tendência a se identificar cada personagem com um tipo específico de comportamento – a ovelha pacífica, o leão feroz, o macaco esperto –, na verdade, o caso é muito mais complexo, pois que um leão pode ser generoso e preocupado com o bem-estar da sociedade, o macaco pode cometer injustiças, apoiado em um julgamento errôneo, e assim por diante.

O que se pode afirmar, então, é que alguns personagens não são de origem grega ou itálica, mas asiática, como o macaco; as árvores na fabulística esópica igualmente provêm da Líbia, do Líbano, da Mesopotâmia. Então, se infere que, em algum tempo, houve uma mescla de tradições orais que levaram à constituição do arcabouço fabulístico que ora analisamos.



Aos deuses cabem as fábulas de caráter etiológico, que explicam a origem de alguma coisa, como a atribuição das plantas a cada divindade, ou como o camelo adquire a sua corcova após se dirigir a Zeus/Júpiter para ter um sinal distintivo como o chifre do touro. Por vezes, dentro da tradição latina, certas abstrações são alçadas ao ranque das divindades, como é o caso da Fortuna, simbolizando o destino humano, ou o Engano, mostrando um equívoco cometido durante um aprendizado. Não era incomum à religião romana que alguma dessas abstrações fossem divinizadas, como uma forma de espantar o temor que essas sensações poderiam despertar nos seres humanos.

Quanto aos objetos, apesar de participarem de um grupo menor, eles são extremamente importantes dentro do contexto fabulístico, pois se tornam o motivo em torno do qual se desenrola a narrativa em que se encontram. Mostram-se como coisas estranhas, por vezes danosas e até inúteis, sem uma função aparente, aos poucos se revelam imprescindíveis, verdadeiros antagonistas de homens e animais, sem os quais não haveria a narrativa. A máscara trágica (Fedro I, 7), por exemplo, serve de contraponto à raposa, que a encontra pelo caminho. Mesmo sem nenhuma fala ou atuação, ela representa um universo estranho ao outro personagem, associada à tragédia, gênero elevado dos primórdios da literatura latina, literatura refinada, que Augusto tentou trazer de



volta a Roma, em meio a uma grande polêmica para a necessidade justamente de uma literatura mais próxima da vida real⁵.

A estrutura fabulística mais comum é a de um conflito entre dois personagens, que representam forças ou pensamentos opostos. Um terceiro personagem pode ser inserido na história para resolver algum dilema, principalmente em fábulas de caráter judiciário, como “O lobo e a raposa, sendo o símio o juiz” (Fedro I, 10), em que o símio atesta que ambos os litigantes mentem sobre a causa em juízo, ou como a narrativa em que Esopo participa dando conselhos e resolvendo uma questão de assassinato e herança, intitulada “O poeta sobre crer e não crer” (Fedro III, 10). Em outras ocasiões há um número maior de participantes, como é o caso de “A vaca e a cabrinha, a ovelha e o leão” (Fedro I, 5), onde o leão – o caçador forte – chama a vaca, a cabrinha e a ovelha – as presas em potencial – para uma sociedade na caçada. Muito embora estas sejam herbívoras, portanto, não caçadoras, elas se transformam na força bruta, que realiza todo o trabalho, enquanto que o leão só usufrui da presa final, impondo sua força sobre as demais. Em algumas fábulas, sobretudo naquelas comuns ao repertório esópico, o terceiro personagem pode aparecer sem se envolver na situação, apenas comentando os fatos ocorridos, com uma voz narrativa, com o intuito de dar mais crédito ao evento.

Outro elemento importantíssimo dentro da narrativa é, como dissemos, o fundo moralístico, que leva o leitor para uma

5 Cf. Renda, 2021, p. 83-99.

direção, mesmo que a história em si não necessite de explicações maiores. A moral acentua o caráter para o qual o autor quer chamar a atenção de seu público, não deixando espaço para outras interpretações. Sendo assim, veremos agora como se constitui esse elemento decisivo para a narração.

2. A moral da fábula.

A moral é parte integrante da narrativa fabulística, que pode ser apresentada antes da ação, denominada de *promitio*, de época remota, funcionando como uma espécie de explicação do que virá a seguir, ou após a ação, denominada de *epimitio*, que aponta mais especificamente a que pessoas a narrativa se dirige, sendo ambos entendidos também como as partes metalinguísticas da fábula, que, de certa forma, direcionam o entendimento da narrativa. Stocchi (2013, p. X-XI) aponta que existem três tipos de moral: a) paradigmática, mais frequente, que estabelece um princípio geral como “A fábula demonstra que...”; b) parenética, em que o público é exortado a seguir determinado comportamento como “Nós também...” e c) sarcástica, tipo de réplica dirigida a um grupo de pessoas como “Esta fábula é dirigida àquelas pessoas que, embora...”.

Nas fábulas esópicas, a moral no fim da narrativa se articula com a situação narrada, explicando-a, ou faz uma recomendação. Mas, a moral pode ser também de sentido arbitrário, banal, contrariando a expectativa do público. Tal é o caso de “O asno e o



leão caçando” (Fedro I, 11), em que o leão convence o asno a rugir como um leão, escondido em um arbusto, afugentando as presas para as garras do leão; no fim, ironicamente o leão argumenta que, se não conhecesse o asno, também dele fugiria. O reconhecimento ou a recompensa pelo esforço do asno simplesmente não acontece, como seria de se esperar. O mesmo ocorre com “A serpente nociva ao misericordioso” (Fedro IV, 20), que conta a história de um homem que se apieda de uma serpente que está morrendo de frio. Ele a recolhe e a reanima. No fim, a serpente fere mortalmente seu cuidador e, arguida porque fora ingrata, profere as seguintes palavras: “Para que ninguém aprenda a ser útil aos perversos.”, significando que a índole da serpente é nociva, não importa em que situação ela se encontre. Ela simplesmente não consegue mudar sua índole má, pois é da sua natureza ser nociva.

Algumas fábulas revelam comportamentos a não serem seguidos, exemplos de como a vida pode ter reviravoltas, como a injustiça ou a morte afligindo os seres humanos. Tais são os casos das fábulas “As rãs que pediram um rei” (Fedro I, 2), retomada de uma narrativa esópica, em que as rãs não se contentam com seu governante e pedem a Júpiter um novo rei. Achando graça, o deus lhes envia um “rei-madeira” que não faz absolutamente nada. Descontentes, elas exigem outro rei, que vem agora na forma de uma hidra que as devora. Implorando pelo seu destino, Júpiter não se compadece e as repreende por não saberem aproveitar o que era bom: “Porque não quisestes suportar o vosso bom, / diz, o mau provai”. E o deus continua, agora se dirigindo aos cidadãos



romanos: “Vós também cidadãos, diz, / sustentai, para que maior não venha, este mal”. Ou a fábula “O asno e os Galos” (Fedro IV, 1), em que os Galos, sacerdotes de Cibele, se faziam acompanhar por um asno que carregava os apetrechos para as celebrações à deusa. Após a morte do asno, a quem tinham como de grande estima, eles tiraram seu couro e com ele fizeram tamboretas, surrados durante as festas. Ao serem interpelados por sua atitude para quem só lhes ajudara, dizem: “Julgava que após a morte seguro estaria; / Eis que outras chagas ao morto se amontoaram!”. Não bastou o sofrimento durante a vida, após a morte sua sorte não mudou.

Trata-se da representação de um mundo anti-heroico em vários sentidos: sem façanhas sobre-humanas, sem personagens que se aproximam das divindades, sem personagens altruístas, características comuns aos heróis épicos. Pelo contrário, notam-se as vicissitudes diárias, os personagens são comuns, por vezes egoístas, ferozes, sem privilégios, não forçados por nenhum deus a cometer um erro que lhes leve a uma desgraça, senão por sua insensatez, mas algumas vezes vencedores de obstáculos, submissos a situações de hierarquia e constrangidos a permanecer como estão, a não ser que sejam dotados de grande astúcia, como é o caso da gata, na fábula “A águia, a gata e a javalina” (Fedro II, 4), em que a felina divide um carvalho com as demais personagens, todas criando seus filhotes. Logo a gata revela sua astúcia, fazendo uma intriga entre as duas outras coabitantes da árvore, que, ao fim, leva à morte das mães e de seus filhotes, ficando a gata sozinha na imensa árvore.



Uma atenção especial deve ser dada às características de cada personagem. Temos, por exemplo, a associação da passividade à ovelha, a força ao leão, a esperteza à raposa e assim por diante. Tal como era comum em comédias gregas e latinas os escravos estarem associados a peripécias, enganadores de seus senhores, mas fieis aos jovens amantes, as escravas amarem o vinho, as jovens serem ingênuas, semelhantemente os personagens das fábulas eram aproximados de certos atributos. Mas se bem atentarmos a cada história, as características são maleáveis, mutáveis, pois a raposa pode ser ingênuo ou a ovelha mostrar audácia. Devemos, então, atentar mais a uma oposição de grupo, como se vem demonstrando ao longo deste estudo. O leão ou o touro são caçadores, fortes, por natureza, assim como a ovelha, a cabra ou a rã são a caça, portanto, personagens submissos.

A aceitação da realidade pode estar relacionada com a filosofia cínica, à qual era comum associarem os fabulistas. A ideia de sobrevivência se sobrepõe a um ideal de vingança ou de ódio, porque não há tempo para isso. Embora possa haver um breve tempo para consolação, o que guia as narrativas fabulísticas são outros sentimentos e a moral, exposta no início ou no final da narração e até mesmo implícita na própria história, pronunciada pelos personagens ou apresentada pelo narrador, não deixa margem a dúvidas sobre a questão abordada no texto.

Entende-se, assim, que a moral se adapta a cada autor, a cada cultura, a cada contexto, levando em conta os temas típicos



das culturas antigas. Trata-se de uma moralidade pagã, que reflete sobre temas como amizade, ambição, sorte, engano, verdade, noções eternas, interculturais.

3. A inovação das fábulas fedrianas

Fedro é um autor de fábulas do séc. I d.C., à respeito de quem não se tem muitas notícias. Comumente é chamado pelo nome latino *Phaedrus* (ou *Phaeder*), que consta do título de sua obra. Segundo alguns manuscritos, ele seria liberto do imperador Augusto. Entretanto, estudiosos modernos questionam essa probabilidade⁶, indicando que esse título poderia fazer parte da constituição de uma *persona* poética, assumida pelo autor, para se fazer mais próximo de seu público, como uma pessoa humilde, do povo. Adrados (1999, p. 123) marca que Fedro foi um escravo, provavelmente trazido a Roma por Calpúrnio Piso Frugi, por volta de 13 ou 11 a.C., tendo talvez frequentado o palácio de Augusto, servindo de *magister* a seu neto.

Quintiliano, que, como se viu, faz ponderações sobre a fábula, não toca em seu nome, indicativo muito provável de que a obra de Fedro ainda não alcançara a apreciação esperada da crítica literária de seu tempo. Apenas Marcial, em suas *Sátiras*, reconhecerá o nome do autor, além de Aviano, no séc. IV-V d.C., que atribuirá a Fedro sua parcela de contribuição para o desenvolvimento do gênero em Roma.

⁶ Como Champlin (2005), Libby (2008), Mattiacci (2014).



Libby (2008, p. 2) menciona que para Ted Champlin, em estudo de 2005, datariam as composições de Fedro dos tempos de Cláudio ou Nero, postergando, portanto, a sua obra em alguns anos e colocando-o como um membro da elite romana, disfarçado de plebeu na elaboração de sua *persona* poética, fundamentado no fato de que a habilidade do autor em questionar tão detalhadamente o poder só poderia partir de alguém que conhecesse a fundo os meandros desse círculo. A proposição de Fedro ter publicado em tempos mais tarde, entretanto, não exime o fato de ele ter iniciado suas composições – ou ao menos um primeiro volume – nos tempos de Augusto, um dos personagens históricos de suas fábulas, assim como Tibério, seu sucessor.

O pouco que se depreende da vida de Fedro é o que ele relata aos poucos em sua obra: oriundo da Trácia, conterrâneo de Lino e Orfeu, portanto estrangeiro, de uma terra geralmente não benquista, a não ser justamente pelos citados poetas, nos confins da Grécia. Autor nem grego nem bárbaro, como costumam dizer. Justamente esse teria sido um dos motivos a não ser apreciado pelos círculos literários, se desprezarmos a ideia de Fedro ter sido um aristocrata.

A obra é composta em cinco livros, de tamanhos diferentes, compostos em épocas variadas. Não se sabe se houve uma publicação primeira, algo bastante razoável de se deduzir, levando em conta que tal era o costume. Mas a obra chega fragmentada⁷ e o

⁷ Cf. Adrados, 1999, p. 126.



humanista Niccolò Perotti, no século XV, acrescenta-lhe um apêndice – *Appendix Perottina* –, contendo de 30 a 32 fábulas, conforme a edição utilizada, algumas contendo, ainda, alguns poemas. Cada um dos livros apresenta um prólogo e alguns também um epílogo, que revela a evolução da obra, no que se refere ao desenvolvimento do gênero e ao da própria escritura fedriana. Passemos à análise destes prólogos e epílogos.

O livro I inicia com o prólogo apresentando o conteúdo programático do autor, exposto em somente sete versos: há a retomada de um gênero, cujo criador (*auctor*, v. 1) foi Esopo, que aparecerá como personagem em algumas narrativas, expondo como alguém esperto e observador, sempre pronto a dar bons conselhos e a solucionar situações embaraçosas. Entretanto, a fábula é renovada, conferindo-lhe Fedro uma nova forma de disposição, não mais em prosa, mas em versos, mais precisamente em senários iâmbicos (*hanc ego polivi versibus senariis*, v. 2), que trarão leveza aos temas propostos nas narrativas, versos que são próximos ainda de uma fala, talvez mais próximos do que a prosa de predecessor-mor do gênero.

Em continuidade à apreciação deste prólogo, nota-se que o autor discorre acerca da função do gênero escolhido: promover o riso (*quod risum movet*, v. 3), isto é, agradar ao público, e ao prudente exortar com um conselho a vida (*Et quod prudenti vitam consilio monet*, v. 4), dar conselhos sobre o modo de vida ao prudente, àquele que não age de modo incontrolável, que atenta para



o momento certo de agir. Os personagens das fábulas são fictícios assim como o gênero, isto é, árvores e feras que falam (*arborea loquantur, non tantum ferae*, v. 6), provavelmente uma ideia inicial de fazer mais composições em que as árvores tivessem uma participação mais efetiva, o que não se verifica ao longo da obra, em que elas são escassamente citadas ou ganham vida. As feras sim, são um dos componentes que mais participam de suas narrativas, ao lado de seres humanos, deuses e objetos. Por fim, a alusão à calúnia (*calumniari si quis autem voluerit*, v. 5) muito provavelmente se refere ao fato de o autor ter sido caluniado perante um tribunal e sofrido suas consequências, se tomarmos como biográficos os dados apresentados ao longo dos cinco livros. O livro primeiro, contendo 31 narrativas ao estilo de Esopo, finda sem um epílogo, algo que se tornará comum nos demais livros.

O prólogo ao livro II retoma a ideia do prólogo anterior, posicionando novamente Esopo como a autoridade no gênero fabulístico, a quem ele toma os exemplos (*Exemplis continetur Aesopi genus*, v. 1). Nova advertência segue ao leitor, indeterminado, para que não procure o que não é próprio deste tipo de narrativa, isto é, corrigir os erros humanos (*Nec aliud quicquam per fabellas quaeritur / Quam corrigatur error ut mortalium*, v. 2-3), desde que use de seu engenho (*Acuatque sese diligens industria*, v. 4). Observa-se, portanto, mais uma vez que o leitor, quem quer que seja, deve ser alguém de conhecimentos, que use de suas habilidades para encontrar no texto as alusões, as admoestações, os divertimentos. Fato que nos remete à proposição de Mattiacci (2014), revelan-



do que Fedro escreveria contra uma elite romana proveniente de imigrantes de origem oriental, portanto, não nata, considerada iletrada, não no sentido de analfabeto, mas inculta, não refinada a ponto de perceber as sutilezas de uma inovação no gênero literário. Para esta elite, seria justamente o grecismo um elemento benquisto, elitista. Os prudentes e diligentes nomeados por Fedro seriam, então, os mais que não se deixam levar por modismos, por um falso refinamento no gosto literário. Ao contrário, trata-se de pessoas que saberiam apreciar a inovação, os jogos de palavras, as insinuações remissivas, que eram tão típicas da poesia apresentada por Catulo e seus contemporâneos, poetas que igualmente sofreram inúmeras calúnias por sua produção inovadora.

Há uma referência a Esopo, a quem o autor toma como mestre no gênero literário (*auctoris nomine*, v. 7), logo a seguir mencionado como o velho, cujos preceitos ele conservará com todo apreço (*omni cura morem servabo senis*, v. 8), mas inserindo novidades. Logo, Fedro emula seu antecessor ao mesmo tempo em que revela que seu trabalho não se serve apenas de um modelo, continuamente repetido. Sentimos, assim, que, aos poucos, ele vai se desprendendo de quem toma por autoridade, por fonte primeira, para dar seus primeiros passos em direção a um trabalho inovador, quer pela forma, quer pelo conteúdo.

Ao fim, a menção à brevidade (*brevitas*, v. 11) revela não exatamente a extensão das histórias narradas, decerto curtas em relação a uma epopeia ou a uma tragédia. Trata-se, pois, da brevi-



dade dos enredos, que comportam apenas uma ação envolvendo poucos personagens, num espaço curto de tempo – alguns instantes, um intervalo de 24 horas, no máximo, não mais que isso. É o tempo suficiente para que uma história ocorra. Exceção é a narrativa intitulada “Poeta” (Fedro IV, 5), sobre o testamento de um pai deixando os bens para suas filhas, difícil de ser interpretado pela viúva e pelos próprios atenienses. Passa-se um tempo até que “o velho” Esopo toma ciência dos fatos e facilmente consegue interpretar o impetrado.

Assim como no prólogo I o narrador se dirige a um público específico, a quem aconselha, aqui Fedro se mantém fiel à sua ideia: lá era o prudente (*prudenti*, v. 4), aqui são os modestos (*modestis*, v. 15) que recebem sua atenção e ensinamento. Aos demais, cobiçosos (*cupidi*, v. 14), tudo deverá ser negado. Os cobiçosos bem lembram aqueles que perambulam pelo fórum, atrás de notícias que lhes tragam alguma vantagem, sobretudo financeira. As fábulas não são escritas para esse tipo de gente, que em outra ocasião será chamada de *ardaliones*, os intrometidos, atrapalhados, que gostam da balbúrdia, da confusão, mas nada fazem de prestativo a si e aos seus.

O livro é curto, com apenas 8 fábulas, mas apresentando um epílogo, intitulado “Autor”. Esopo aqui é emulado não apenas por Fedro, mas pelos atenienses que erigiram uma estátua em sua homenagem, colocando um escravo em sua base. Ora, pouco sa-



bemos sobre Esopo, mas segundo a Vida de Esopo⁸ ele teria sido um escravo frígio, que, após conseguir sua liberdade, foi incansavelmente recrutado por seus conselhos sábios. Tamanho era o seu engenho que tal estátua teria sido exposta junto aos Sete Sábios da Grécia. A grande ironia da fábula é justamente colocar um escravo como vigia de um ex-escravo. Um tributo a alguém que galgou as honras por mérito próprio, sem se valer de nome de família ou de qualquer outro artifício, plenamente reconhecível nos versos 3 e 4 desse prólogo.

Não obstante a emulação (*aemulatio*, v. 7) ao mestre, Fedro recorda mais uma vez que Esopo foi o primeiro a produzir, mas não o único, posto que a dedicação fedriana às fábulas lhe tornam igualmente digno do nome de autor. A oposição entre gregos e latinos faz parte desse jogo literário, em que os últimos procuram superar os primeiros em talento e inovação. Fedro se utiliza dessa tradição tão comumente vista por toda a literatura latina.

Mais uma vez, o direcionamento das narrativas se faz presente, dessa vez aos ouvidos cultos (*ad aures cultas*, v. 12), lembrando que sua obra não é para incultos, para ignorantes das letras, mas para aqueles que sabem apreciar o refinamento, a sutileza presente nas narrativas, na proposição e finalização de situações adversas, mostrando a vida através de histórias criadas, fábulas

8 Também denominado de *Romance de Esopo*, uma obra em prosa, de autoria desconhecida, tida como uma espécie de romance, sobre a biografia do pai das fábulas, que teve sua grande difusão, principalmente na Idade Média (Cf. Duarte, 2017, p. 185-186).



fingidas (*fictas fabulas*, v. 13), retomando a expressão do primeiro prólogo. A história, portanto, não ocorre ao pé da letra, como se costuma dizer, mas se saiba tomar o ensinamento nela encoberto.

O livro III inicia com um prólogo dirigido a Eutico, um desconhecido, talvez outro ex-escravo, que ora segue sua vida em meio aos negócios, como se pode perceber pela sequência dos versos. Como um leitor cioso de seu trabalho, não desejando despertar a inveja, aludida no epílogo do livro anterior, Fedro nomeia seu novo trabalho como “livrinhos” (*Phaedri libellos*, v. 1), retomando uma expressão que Catulo usará no poema de abertura de seus *carmina*, com um sentido afetuoso, fruto de trabalho cuidadoso que chega às mãos do leitor; um trabalho recém-terminado, cujo autor está ansioso por receber a crítica literária favorável. Plínio o velho, séc. I d.C., se refere à sua obra retomando a mesma expressão, que ele lembra ser catuliana.

Eutico, então, ocupado em negócios, deve ler as fábulas apenas em seu momento de ócio (*vaces oportet, Euthyce, a negotiis*, v. 2), livre de seus afazeres, públicos ou políticos, para se dedicar totalmente à leitura, pois tem seus ouvidos ocupados (*occupatis auribus*, v. 7), algo que lembra o vai-e-vem das ruas do fórum, com todos falando ao mesmo tempo, sobrecarregados de tarefas, portanto, com pouco ou nenhum tempo para os momentos de lazer, para leituras triviais, enfim, para o deleite. Dado enfatizado pela lembrança do narrador de que dias feriados estão próximos (*Aliquae venient feriae*, v. 8), aos quais ainda não há uma direção proposta: serão dedicados à ajuda doméstica, à dedicação à esposa, à



leitura de obras mais ligeiras como as nênias, ao relaxamento do corpo? Todas questões que o narrador cogita poderem acontecer. Todas ações menos gloriosas. Fedro, então, propõe que o amigo mude seu propósito e pense em se dedicar mais à literatura, propondo que Eutico também tem intenções de enveredar pelo caminho das letras mais sérias.

A elucubração do narrador segue no que se costuma mencionar como a parte “biográfica” da obra fedriana: o local de nascimento, o monte Piério (*Pierio mater enixa est iugo*, v. 17), o mesmo local em que a sagrada Mnemosine (*sancta Mnemosyne*, v. 18) concebeu as nove Musas, denotando que Fedro uma formação literária forte. No entanto, Fedro se lamenta porque, embora tendo quase nascido na escola das Musas, a escola da poesia, ele não recebe o reconhecimento esperado de seus pares (*fastidiose tamen in coetum recipior*, v. 23).

Esopo é lembrado como o estilo literário a ser seguido (*Aesopi stilo*, v. 29) neste novo livro de fábulas. Segue a explicação do motivo de criação do gênero fabulístico: dar voz aos escravos (*servitus obnoxia*, v. 34), como uma forma de expressar o que não poderiam abertamente relatar. Libby (2014, p. 7) propõe que, embora Fedro use tal alegoria para falar sobre a escravidão, as fábulas não se limitam a ser uma forma de expressão dos escravos com relação à sua frustração literária⁹. A autora lembra que os prólogos

⁹ *Despite this explanation, Phaedrus does not mean to say that fables are simply expressions of a slave's frustration. In numerous other poems, including the prologues to Books 1 and 2, Phaedrus explicitly calls attention to the didactic intent of his fables.*

dos livros I e II remetem à função didática das fábulas, que sobreleva qualquer outra. A emulação a Esopo prossegue, mas de forma diferente, apontando para o próprio trabalho de Fedro que superou seu mostro: enquanto o primeiro fez um atalho para a divulgação do gênero, o segundo trilhou um verdadeiro caminho, acrescentando-lhe outras propostas, com temas e formas variadas. Seu talento é tão grande que ele, ao fim, se compara a poetas “conterrâneos” seus, Lino e Orfeu, ambos trácios, apreciados pelas divindades, Apolo e a Musa, respectivamente (*Linoque Apollo sit parens, Musa Orpheo*, v. 57). Fedro igualmente aguardará pela glória de seu nome.

No epílogo deste mesmo livro, com o total de 19 fábulas, estando o autor já em idade mais avançada, primeiramente relata que deixará o que resta a tratar, isto é, temas ainda não abordados, provavelmente com novos personagens, para os que vierem a se dedicar à fabulística, pois a variedade existe (*supersunt mihi quae scribam*, v. 1). Como bem sinalizou no prólogo, ele trilhou um caminho, que outros agora devem também trilhar. Entretanto, logo a realidade se mostra: há trabalho, mas não operário (*labor faber ut desit, non fabro labor*, v. 7). Poucos se dispõem a trilhar o caminho.

A brevidade das fábulas é agora a brevidade de sua vida. A alusão à morte, iminente, pensa o autor, e à debilidade da velhice ensejam Fedro a mais uma vez se dirigir a Eutico, desta vez não nomeado, para reclamar o reconhecimento por seu trabalho, esperança do fim da vida.



Já o livro IV inicia-se com um prólogo dedicado a Particulão, talvez um discípulo de Fedro ou alguém que tenha se dedicado igualmente à composição de fábulas. Não obstante a lamentação do epílogo anterior, ele não desiste e reinicia a escritura das narrativas fabulísticas, desta vez no total de 26 historietas. A renúncia a depor a escritura é mencionada logo nos três primeiros versos. Após uma reflexão do autor, ele admite que os pósteros não saberão do que ele deixou de tratar, mero jogo literário, pois assuntos tomados às novelas, às comédias, aos mimos e aos apólogos não faltam.

Comparando-se o destinatário deste livro com o do livro anterior, se percebe que Particulão é afeito às fábulas, que, revelando a cada passo o conteúdo programático de sua obra, Fedro lembra que compõe fábulas esópicas, não de Esopo (*quas Aesopias, non Aesopi, nomino*, v. 11), aludindo ao fato de que ele retoma um gênero, não um autor, ao qual nada mais deve. Novos assuntos foram acrescentados a um gênero antigo (*rebus novis*, v. 13). Ao fim, se pressupõe que o trabalho de Fedro começa, finalmente, a ser reconhecido, sendo digno de memória (*dignumque longa iudicatis memoria*, v. 19).

No breve epílogo dirigido a Particulão, o autor relembra que existem assuntos a tratar, numa retomada do epílogo ao livro anterior (*Adhuc supersunt multa quae possim loqui*, v. 1), enfatizada pelo advérbio “ainda” como primeiro elemento da frase. A brevidade, já antes aludida com relação ao fato de a fábula possuir,



em geral, uma temática única, é retomada neste epílogo, que é breve também em extensão. Em poucas palavras, Fedro menciona os principais critérios para a composição fabulística: a) há muitos assuntos a tratar, b) o autor ainda não falou tudo, c) os gracejos – retomados do primeiro prólogo – são inerentes às fábulas, embora mais comedidos, d) o nome do destinatário será eternizado em sua obra, e) a ação breve, f) o desejo de recomendação de seu trabalho aos demais críticos.

O quinto e último livro de fábulas, contendo apenas 10 historietas, se distancia bastante da emulação ao Esopo do primeiro livro. Fedro já fez seu nome, já trilhou seu caminho, portanto, já pagou sua dívida à autoridade da qual tomou de empréstimo o gênero literário escolhido (*auctoritatis esse scito gratia*, v. 3). Fedro se tornou a autoridade no assunto e a ele se deve prestar o reconhecimento, tal qual os grandes artistas. Tal renome se deve à sua vetustez, a tingida velhice (*fucatae vetustati*, v. 8), que dará prosseguimento a seu trabalho.

Não há epílogo propriamente dito neste livro. Mas, ao se tomar a última fábula – O cão velhinho e o caçador (*Canis vetulus et venator*) –, não é difícil deduzir que o “cão velhinho” é uma autorreferência, lembrando que os cães eram associados à doutrina cínica, de que muitos fabulistas se serviam. Os temas mais comumente tratados pelos cínicos seria o retorno a valores como liberdade de ação e de palavra, a virtude, o esforço e a austeridade, além de uma posição de indiferença com relação aos prazeres, às



convenções, enfim, a tudo que represente a velha ordem social¹⁰. A fábula de fundo cínico, então, teria uma dupla função: ensino e investida, algo muito próximo do que Fedro apresentou no prólogo ao primeiro livro.

Por outro lado, a alusão ao “caçador” pode bem nos remeter aos perseguidores de Fedro: os políticos, como Sejano, e os literários, seus críticos, anônimos.

A fábula, em tom lamentoso, dedicada a Fileto, provável amigo do autor, alude à perda das forças na velhice. O cão ainda consegue fazer seu trabalho, caçar, mas, debilitado, não mais tem êxito. O dono do cão, para quem trabalhara durante toda a sua existência, lamenta-se, não pela apiedado pela perda de forças do animal, mas pela falta de sorte por ter deixado a presa escapar. Assim, Fedro não conseguiria mais deter a habilidade e consistência de produção em suas mãos, muito embora vontade não lhe faltasse.

Cascón Dorado (2018, p. 27-28), ao fazer uma reflexão sobre as narrativas fedrianas, aponta três motivos que levam à impossibilidade do triunfo da justiça entre os homens nas fábulas: 1) o comportamento injusto dos homens na busca por benefícios próprios; 2) a ignorância e a estupidez humana, levando a erros que facilitam a injustiça; 3) a incapacidade humana de reconhecer a verdade, ainda que ele seja evidente. O estudioso demonstra que em nenhuma fábula Fedro se revolta contra o status social, contra a escravidão ou contra o poder, mas aponta o dedo para a incapa-

10 Cf. Nuñez, 1998, p. 46-49.



cidade humana de tomar uma decisão que mude sua situação. O pesquisador, então, propõe a leitura de como a mudança poderia ocorrer: 1) o humilde, mais onerado com as injustiças sociais, deve saber tirar vantagem de sua posição social, em invejar o poder – inatingível – dos poderosos; 2) confiar na providência divina, a única, de fato, justa e infalível; 3) utilizar sua astúcia para evitar um confronto maior.

As fábulas, assim, voltam-se para outra leitura: não a dos oprimidos que lutam por justiça social, mas a dos humildes – a classe mais baixa da sociedade, os desfavorecidos, alguma classe de escravos – que devem saber como lidar com as situações cotidianas. Será, portanto, uma literatura que intensifica o valor da prevenção contra o poder estabelecido e da aceitação das hierarquias, não um enfrentamento direto, impensado, sem a (pré)visão de uma solução para os problemas. Isso não significa que Fedro não critique as atitudes dos homens maus, invejosos, inescrupulosos. A crítica está ali, nas entrelinhas, as quais Fedro alerta, nos prólogos e epílogos, que devem saber ser percebidas e entendidas pelos mais expertos.

4. Sobre a tradução

As fábulas de Fedro foram compostas em versos iâmbicos senários, ou seja, com 6 pés, conforme indicado pelo próprio autor no prólogo do primeiro livro, muito comumente usado nas comédias, de Plauto e Terêncio, remetendo ao caráter oral. Nesse



tipo de verso, o iambo (uma sílaba breve seguida de uma longa, ~-) ocorre exatamente no 6º pé, sendo os demais pés mais livres do que o iambo grego, do qual se origina. O senário empregado por Fedro difere daquele dos comediógrafos supracitados por não se valer do princípio de encurtamento do pé¹¹.

A tradução que apresentamos a seguir não se propõe a reconstruir o metro latino, ainda que em forma adaptada à língua portuguesa, sendo, então, realizada em verso livre, dada as dificuldades de adaptação a cada uma das fábulas.

A edição com o texto latino que nos serviu de guia é aquela editada por Perry – *Babrius and Phaedrus* –, da Harvard University Press, conhecida como Loeb Classical Library, de 1990. A escolha se deveu ao fato de que esta edição apresenta textos mais completos, sobretudo no 5º livro e no apêndice, partes em que as fábulas apresentam uma lacuna maior. Apresentamos, então, o texto latino seguido de sua proposta de tradução, da edição completa.



11 Cf. Halporn; Ostwald; Rosenmeyer, 1980, p. 74.



*Phaedri Augusti liberti
fabularum aesopiarum*

**Fábulas esópicas de Fedro,
liberto de Augusto**

Phaedri Augusti liberti fabularum aesopiarum



Liber primus

Prologus

Aesopus auctor quam materiam repperit,

Hanc ego polivi versibus senariis.

Duplex libelli dos est: quod risum movet,

Et quod prudenti vitam consilio monet.

Calumniari si quis autem voluerit,

Quod arbores loquantur, non tantum ferae,

Fictis iocari nos meminerit fabulis.



Fábulas esópicas de Fedro, liberto de Augusto

Livro 1

Prólogo

Esopo¹², o autor, encontrou a matéria,

Eu a poli em versos senários¹³.

12 Autor grego do século VI a.C., considerado como o “pai” do gênero fabulístico, por mais de dois séculos terem circulado diversas fábulas sob seu nome. Dentro da estrutura narrativa, Esopo aparece como personagem ou narrador, homem habilidoso em resolver problemas que os demais não veem solução.

13 Os versos cenários iâmbicos se constituem de seis pés, em geral com cesura no terceiro. Tipo de verso comumente utilizado em peças teatrais.

Duplo dom do libelo que riso move
 E ao prudente com conselho a vida exorta.
 Se alguém, contudo, quiser caluniar,
 Porque falam as árvores¹⁴, não só as feras,
 Não esqueça que nós gracejamos com fábulas fictícias.

1. *Lupus et agnus*

*Ad rivum eundem lupus et agnus venerant,
 Siti compulsi. Superior stabat lupus,
 Longeque inferior agnus. Tunc fauce improba
 Latro incitatus iurgii causam intulit:
 “Cur” inquit “turbulentam fecisti mihi
 Aquam bibenti?” Laniger contra timens:
 “Qui possum, quaeso, facere quod quereris, lupe?
 A te decurrit ad meos haustus liquor.”
 Repulsus ille veritatis viribus
 “Ante hos sex menses male” ait “dixisti mihi.”
 Respondit agnus “Equidem natus non eram.”
 “Pater hercle tuus” ille inquit “male dixit mihi.”
 Atque ita correptum lacerat iniusta nece.*

¹⁴ Das fábulas supérstites de Fedro, não há nenhuma em que árvores ou plantas tomem a palavra. É possível, no entanto, que esta seja uma referência a composições perdidas do autor.



*Haec propter illos scripta est homines fabula
Qui fictis causis innocentes opprimunt.*

1. O lobo e o cordeiro

A um mesmo rio lobo e cordeiro vieram
Pela sede impelidos; acima estava o lobo,
Abaixo, ao longe, o cordeiro¹⁵. Então, pela insaciável goela
Movido, o ladrão apresentou a causa da queixa:

“Por que fizeste a água turva” diz

“A mim que a bebo?” Contrariamente, o lanígero temendo:

“Como posso, explica, fazer o que lamentas, lobo?

De ti a meus tragos passa o líquido”.

Vencido aquele pelas forças da verdade:

“Seis meses antes falaste mal de mim” disse.

Responde o cordeiro: “Mas, eu não era nascido”.

“Por minha fé, teu pai falou mal de mim” ele diz;

E aí ao atacado ele dilacera, com injusta mortandade.

Esta fábula foi escrita para aqueles homens

Que com causas fictícias aos inocentes oprimem¹⁶.

15 Logo após a apresentação do ambiente onde se desenvolve a narrativa do encontro, inicia-se uma série de oposições entre os dois personagens: lobo x cordeiro; acima x abaixo; ladrão x lanígero; insaciável goela x temendo; homens que oprimem x inocentes.

16 Alusão a processos judiciais em que se procurava encontrar um culpado e puni-lo imediatamente, sem levar em consideração a veracidade dos fatos.



2. *Ranae regem petierunt*

*Athenae cum florent aequis legibus,
Procax libertas civitatem miscuit,
Frenumque solvit pristinum licentia.
Hic conspiratis factionum partibus
Arcem tyrannus occupat Pisistratus.
Cum tristem servitutem flerent Attici,
Non quia crudelis ille, sed quoniam grave
Omne insuetis onus, et coepissent queri,
Aesopus talem tum fabellam rettulit.
“Ranae, vagantes liberis paludibus
Clamore magno regem petiere ab Iove,
Qui dissolutos mores vi compesceret.
Pater deorum risit atque illis dedit
Parvum tigillum, missum quod subito vadi
Motu sonoque terruit pavidum genus.
Hoc mersum limo cum iaceret diutius,
Forte una tacite profert e stagno caput
Et explorato rege cunctas evocat.
Illae timore posito certatim adnatant,
Lignumque supra turba petulans insilit.
Quod cum inquinassent omni contumelia,*



*Alium rogantes regem misere ad Iovem,
Inutilis quoniam esset qui fuerat datus.
Tum misit illis hydrum, qui dente aspero
Corripere coepit singulas. Frustra necem
Fugitant inertes, vocem praecludit metus.
Furtim igitur dant Mercurio mandata ad Iovem,
Adflictis ut succurrat. Tunc contra Tonans:
‘Quia noluitis vestrum ferre’ inquit ‘bonum,
Malum perferte’. Vos quoque, o cives,” ait,
“hoc sustinet, maius ne veniat, malum.”*



2. As rãs pediram um rei

Como Atenas florescesse com justas leis¹⁷,
A liberdade sem freio remexeu a cidade
E a licença rompeu o antigo freio.
Ali, conspiradas as facções dos bandos,
Ocupa a cidadela o tirano Pisístrato¹⁸.
Como os Atenienses lamentassem a triste servidão,

17 Referência às leis de Sólon, arconte em 594 a.C., que levaram à tirania de Pisístrato.

18 Pisístrato iniciou seu período de tirania por volta de 561 a.C., apoiado por um grupo de atenienses populares mais agressivos. Depois de um período no exílio, voltou ao poder com mais prudência.

Não porque fosse cruel aquele, mas porque pesado
Aos inteiramente néscios do trabalho começassem a se queixar,
Esopo tal anedota então contou.
As rãs vagantes pelos livres brejos
Com máximo clamor um rei a Jove¹⁹ pediram,
Que os dissolutos costumes com força detivesse.
O pai dos deuses riu e um pequeno lenho
Lhes deu, que, súbito mandado aos vaus,
Com movimento e som a pávida gente aterrorizou.
Como imerso no limo este jazesse muitíssimo,
Por acaso do lago uníssonamente uma cabeça emerge
E, explorado o rei, a todas evoca.
Deposto o temor, ao desafio nadam
E sobre o lenho a turba petulante salta.
Como o denegrissem com toda afronta,
Outro rei a Júpiter pedintes mandaram,
Que inútil era o que lhes fora doado.
Enviou-lhes, então, a hidra²⁰, que com áspero dente
A corroer começou uma a uma. Vãmente à mortandade
Em fuga se põem, incapazes, o medo a voz obstrui.

19 Jove, ou Júpiter, aqui é uma alusão a Tibério.

20 A hidra, uma serpente aquática muito voraz, é, muito provavelmente, referência a Sejano, perseguidor do próprio Fedro.



Furtivamente, pois, dão a Mercúrio²¹ mandados para Jove
 Para que às aflitas socorra. Então, por sua vez, o deus:
 “Porque não quisestes” diz “suportar o vosso bom,
 O mau provai”. “Vós também, cidadãos” diz
 “Sustentai, para que maior não venha, este mal”.

3. *Graculus superbus et pavo*

*Ne gloriari libeat alienis bonis,
 Suoque potius habitu vitam degere,
 Aesopus nobis hoc exemplum prodidit.
 Tumens inani graculus superbia
 Pennas pavoni quae deciderant sustulit
 Seque exornavit. Deinde, contemnens suos
 Immiscet se pavonum formoso gregi.
 Illi impudenti pennas eripiunt avi
 Fugantque rostris. Male mulcatus graculus
 Redire maerens coepit ad proprium genus,
 A quo repulsus tristem sustinuit notam.
 Tum quidam ex illis quos prius despexerat:
 “Contentus nostris si fuisses sedibus*



²¹ O mensageiro dos deuses, mediador das relações entre Júpiter e os animais nas fábulas.

*Et quod Natura dederat voluisses pati,
Nec illam expertus esses contumeliam
Nec hanc repulsam tua sentiret calamitas.”*

3. O gaio altivo e o pavão

Não se ache bom dos bens alheios gloriar-se
E, antes, segundo sua posição a vida passar,
Esopo este exemplo nos manifestou.
Intumescido o gaio de frívola soberba
As penas que do pavão caíram ele sustentou
E com elas se enfeitou. Donde, desdenhando os seus
Ao formoso bando dos pavões se imiscuiu.
Àquele imprudente as penas as aves extirparam
E a bicadas o rechaçaram. Mal o gaio desancado
Começa a retornar à própria raça, magoado,
Da qual, apartado, uma triste nota²² sustentou.
Então, um daqueles que antes ele desprezara:
“Se contente em nossas sedes estivesses
E o que natureza prouvera acolher quisesses,
Nem uma contumélia experimentarias,
Nem esta repulsa tua desventura sentiria.

22 Trata-se da anotação censória (nota censoria), em que os censores apontavam o cidadão como indigno, devendo ser afastado de sua tribo.



4. *Canis per fluvium carnem ferens*

*Amittit merito proprium qui alienum adpetit.
Canis per fluvium carnem cum ferret, natans
Lympharum in speculo vidit simulacrum suum,
Aliamque praedam ab altero ferri putans
Eripere voluit; verum decepta aviditas
Et quem tenebat ore dimisit cibum,
Nec quem petebat adeo potuit tangere.*

4. O cão levando a carne pelo rio

Deixa merecidamente ir o seu quem o alheio cobiça.
Como um cão pelo rio a carne levasse nadando,
No espelho das águas viu o simulacro seu²³,
E outra presa já por outro levada julgando
Extirpá-la quis; mas, decepcionada foi a avidez
E o alimento, que na boca tinha, perdeu
E o que lhe apetecia, então, tomar não pôde.

²³ O simulacro passa a atuar na fábula como um segundo personagem, a qual, ao final da narrativa, triunfará sobre o personagem principal, o cão, por razão de sua cobiça.



5. *Canis et capella, ovis et leo*

Numquam est fidelis cum potente societas.

Testatur haec fabella propositum meum.

Vacca et capella et patiens ovis iniuriae

Socii fuere cum leone in saltibus.

Hi cum cepissent cervum vasti corporis,

Sic est locutus partibus factis leo:

“Ego primam tollo nomine hoc quia rex cluo;

Secundam, quia sum consors, tribuetis mihi;

Tum, quia plus valeo, me sequetur tertia;

Malo adficietur si quis quartam tetigerit.”

Sic totam praedam sola improbitas abstulit.

5. A vaca e a cabrinha, a ovelha e o leão

Nunca é fiel com um potente a sociedade,

Atesta esta anedota o propósito meu.

A vaca e a cabrinha e a ovelha paciente de injúria

Sócias foram do leão nos bosques.

Como elas um cervo de vasto corpo capturassem,

Feitas as partilhas, assim o leão falou:

“Eu tomo a primeira, porque me chamo rei, é minha;

Porque sou sócio, a mim atribuireis a segunda,

Então, porque valho mais, me segue a terceira,



Seja pelo mal castigado quem tocar a quarta”.

Assim toda a presa o atrevimento sozinho aferrou.

6. *Ranae ad solem*

Vicini furis celebres vidit nuptias

Aesopus, et continuo narrare incipit:

Uxorem quondam Sol cum vellet ducere,

Clamorem ranae sustulere ad sidera.

Convicio permotus quaerit Iuppiter

Causam querellae. Quaedam tum stagni incola

“Nunc” inquit “omnes unus exurit lacus,

Cogitque miseris arida sede emori.

Quidnam futurum est si crearit liberos?”



6. *As rãs ao Sol*

De vizinho ladrão as célebres núpcias viu

Esopo, e de contínuo começa a narrar:

Como um dia o Sol²⁴ esposa tomar quisesse,

²⁴ Talvez seja uma nova alusão a Lúcio Hélio Sejano, que desejava ingressar na família imperial através da contração de matrimônio com Lúvia, viúva de Druso, filho de Tibério, com quem ele rivalizava.

Um clamor aos astros as rãs elevaram.
Pela balbúrdia perturbado procura Júpiter
Do queixume a causa. Então, uma habitante do brejo
Diz: “Agora todos os lagos um só consome
E constringe as míseras a em uma árida morada morrer.
Que futuro haverá se filhos procriar?”

7. *Vulpes ad personam tragicam*

Personam tragicam forte vulpes viderat:

“O quanta species” inquit “cerebrum non habet!”

Hoc illis dictum est quibus honorem et gloriam

Fortuna tribuit, sensum communem abstulit.



7. A raposa à máscara trágica

Fortuitamente uma máscara trágica²⁵ a raposa vira:

“Quanta beleza” diz “cérebro não tem”.

Isto foi dito para quem honra e glória

A Fortuna²⁶ proveio e seu senso comum arrebatou.

25 A máscara usada durante as apresentações das tragédias, aqui se transforma em personagem, símbolo da aparência e da pompa; bela, mas sem importância quando se encontra fora de seu contexto.

26 A Fortuna é uma deusa romana, cujas origens se associam a abstrações. Representando o destino, a deusa era considerada como primigênia, com um culto ancestral na cidade de Preneste, onde havia um templo oracular a ela dedicado.

8. *Lupus et gruis*

*Qui pretium meriti ab improbis desiderat,
Bis peccat: primum quoniam indignos adiuvat,
Impune abire deinde quia iam non potest.
Os devoratum fauce cum haereret lupi,
Magno dolore victus coepit singulos
Inlicere pretio ut illud extraherent malum.
Tandem persuasa est iure iurando gruis,
Gulae quae credens colli longitudinem
Periculosam fecit medicinam lupo.
Pro quo cum pactum flagitaret praemium,
“Ingrata es” inquit “ore quae nostro caput
Incolume abstuleris et mercedem postules.”*

8. O lobo e o grou

Dos ímprobos desejando o prêmio por seu mérito,
Duas faltas comete, pois primeiro aos indignos ajuda,
Daí, pois, impunemente já não se pode ir.
Como o osso devorado se apegasse à garganta do lobo,
Por grande dor vencido começa a cada um
A corromper com prêmio, se aquele mal lhe extirpasse.



Enfim, foi persuadido pelo poder de juramento um grou,
E à goela confiando o comprimento do pescoço
Ao lobo faz perigoso tratamento.
Como pelo pacto seu prêmio rogasse:
“És ingrato” diz “que de nossa boca a cabeça
Incólume afastastes e inda salário pedes.”

9. *Passer ad leporem consiliator*

*Sibi non cavere et aliis consilium dare
Stultum esse paucis ostendamus versibus.
Oppressum ab aquila, fletus edentem graves,
Leporem obiurgabat passer: “Ubi pernicitas
Nota” inquit “illa est? Quid ita cessarunt pedes?”
Dum loquitur, ipsum accipiter necopinum rapit
Questuque vano clamitantem interficit.
Lepus semianimus: “Mortis en solacium!
Qui modo securus nostra inridebas mala,
Simili querela fata deploras tua.”*



9. O pardal conciliador para a lebre

Mostraremos, em poucos versos, como é tolo
Não se acautelar e aos outros aconselhar.
Oprimida pela águia e fortes prantos soltando,
O pardal reprendia a lebre: “Onde aquela notável
Rapidez está?” Diz, “Como assim os pés pararam?”
Enquanto fala, um açor o inopinado fendeu
E com vão lamento o gritador exterminou.
A semiviva lebre: “Da morte eis a consolação!
Há pouco tu, seguro, de nossos males escarnecias,
Com semelhante queixa teu destino deploras!”



10. *Lupus et vulpes iudice simio*

*Quicumque turpi fraude semel innotuit,
Etiam si verum dicit, amittit fidem.
Hoc adtestatur brevis Aesopi fabula.
Lupus arguebat vulpem furti crimine;
Negabat illa se esse culpae proximam.
Tunc iudex inter illos sedit simius.
Uterque causam cum perorassent suam,
Dixisse fertur simius sententiam:*

*“Tu non videris perdidisse quos petis;
Te credo subripuisse quod pulchre negas.”*

10. O lobo e a raposa sendo juiz o símio²⁷.

Qualquer um que, duma vez, com torpe fraude se deu a conhecer,
Ainda que a verdade diga, o crédito perdeu.

Isto atesta a breve fábula²⁸ de Esopo.

Um lobo à raposa por um furto arguia;

Negava aquela de má ação ter culpa.

Então, entre eles assenta o símio juiz.

Como cada qual a sua causa perorasse,

Narra-se ter proferido o símio a sentença:

*“Tu não pareceres ter perdido o que reclamas,
Creio teres surrupiado o que belamente negas.”*



27 O símio era considerado símbolo de sabedoria. Nesta narrativa, ele consegue vislumbrar que os outros dois personagens mentem sobre a causa do litígio, observando a índole de cada um deles.

28 A brevidade a que alude Fedro, aqui e em outras fábulas ao longo de seus livros, se refere não à extensão da narrativa, mas ao estilo do autor, que prefere trabalhar com seleção de temas, mais ligeiros.

11. *Asinus et leo venantes*

*Virtutis expers, verbis iactans gloriam,
Ignotos fallit, notis est derisui.
Venari asello comite cum vellet leo,
Contexit illum frutice et admonuit simul
Ut insueta voce terreret feras,
Fugientes ipse exciperet. Hic auritulus
Clamorem subito totis tollit viribus
Novoque turbat bestias miraculo.
Quae dum paventes exitus notos petunt,
Leonis adfliguntur horrendo impetu.
Qui postquam caede fessus est, asinum evocat
Iubetque vocem premere. Tunc ille insolens:
“Qualis videtur opera tibi vocis meae?”
“Insignis” inquit “sic ut, nisi nossem tuum
Animum genusque, simili fugissem metu.”*

11. O asno e o leão caçando.

De virtude desprovido, com palavras a glória jactando,
Aos ignaros ilude, aos notórios e é motivo de riso.
Como quisesse o leão caçar, sendo companheiro o burrinho,



Cobriu-o com arbusto e logo lhe advertiu
 Para com estranha voz as feras aterrorizar,
 As fugitivas ele próprio recolheria. Aí o orelhudinho
 Um clamor, de súbito, com todas as forças eleva
 E as bestas perturba com nova maravilha.
 Enquanto, pasmadas, as notórias saídas buscam,
 Por horrendo ímpeto do leão são espedaçadas.
 Que, após a carnificina, cansado, o asno evoca
 E ordena a voz calar. Então, ele, insolente:
 “Como te parece o efeito de minha voz?”
 “Soberbo” diz, “pois se teu ânimo e raça
 Eu não conhecesse, com semelhante medo eu fugiria.”



12. *Cervus ad fontem*

*Laudatis utiliora quae contempseris
 Saepe inveniri testis haec narratio est.
 Ad fontem cervus, cum bibisset, restitit
 Et in liquore vidit effigiem suam.
 Ibi dum ramosa mirans laudat cornua
 Crurumque nimiam tenuitatem vituperat,
 Venantum subito vocibus conterritus*

*Per campum fugere coepit, et cursu levi
 Canes elusit. Silva tum excepit ferum,
 In qua retentis impeditus cornibus
 Lacerari coepit morsibus saevis canum.
 Tunc moriens edidisse vocem hanc dicitur:
 “O me infelicem, qui nunc demum intelligo,
 Utilia mihi quam fuerint quae despexeram,
 Et quae laudaram quantum luctus habuerint.”*

12. O cervo junto à fonte.

Esta narração é testemunha de muitas vezes se acharem
 Mais úteis do que as coisas louvadas, as desprezadas.
 Como bebesse junto à fonte, um cervo se deteve
 E no líquido a sua efígie viu.
 Ali, enquanto, admirando, os frondosos chifres louva
 E das patas a excessiva delicadeza desaprova,
 Assustado, de súbito, pelas vozes de caçadores
 Pelo campo a fugir se apressa e com rápida carreira
 Aos cães ilude. Então, das feras se recolhe na selva,
 Em que, impedido pelos retidos chifres,
 Pelas mordidas cruéis dos cães começa a ser dilacerado.



Então, morrendo, narra-se estas palavras ter produzido:

“Ai, pobre de mim! Que agora, alfim, percebo
Quão úteis me foram as coisas que eu desprezara
E quanto luto trouxeram as que eu louvara.”²⁹

13. *Vulpes et corvus*

Qui se laudari gaudent verbis subdolis

Fere dat poenas turpi paenitentia.

Cum de fenestra corvus raptum caseum

Comesse vellet celsa residens arbore,

Vulpes invidit, deinde sic coepit loqui:

“O qui tuarum, corve, pennarum est nitor!

Quantum decoris corpore et vultu geris!

Si vocem haberes, nulla prior ales foret.”

At ille stultus, dum vult vocem ostendere

Lato ore emisit caseum; quem celeriter

Dolosa vulpes avidis rapuit dentibus.

Tum demum ingemuit corvi deceptus stupor.

[Hac re probatur quantum ingenium valet;

Virtute semper praevalet sapientia.]

²⁹ A fábula analisa o contraste entre beleza/inutilidade x feiura/utilidade, pressupostos apresentados já na moral que precede a narrativa.



13. A raposa e o corvo.

Quem folga por se exaltar com astutas palavras
Quase sempre sofre castigos com torpe arrependimento.
Como um queijo roubado da janela quisesse comer
O corvo, na excelsa árvore pousado,
A raposa, que assim lhe viu, começa a falar:
“Quão brilhosas são, corvo, as tuas penas!
Quanta dignidade no corpo e no rosto passas!
Se voz tivesses, mais altiva nenhuma ave seria!”
Mas ele, tolo, enquanto quer a voz ostentar,
Soltou da boca o queijo, que rapidamente
A dolosa raposa com ávidos dentes surrupiou.
Então, alfim, lamentou-se o estupor do corvo decepcionado.
[Por isso está provado o quanto o engenho vale;
Sobre a virtude sempre a sabedoria prevalece.]³⁰



14. *Ex sutore medicus*

Malus cum sutor inopia deperditus
Medicinam ignoto facere coepisset loco

³⁰ Os dois versos finais se encontram entre colchetes na maioria das edições por serem considerados espúrios.

*Et venditaret falso antidotum nomine,
Verbosis adquisivit sibi famam strophis.
Hic cum iaceret morbo confectus gravi...
Rex urbis, eius experiendi gratia
Scyphum poposcit: fusa dein simulans aqua
Illius se miscere antidoto toxicum,
Combibere iussit ipsum, posito praemio.
Timore mortis ille tum confessus est
Non artis ulla medicum se prudentia,
Verum stupore vulgi factum nobilem.
Rex advocata contione haec edidit:
“Quantae putatis esse vos dementiae,
Qui capita vestra non dubitatis credere
Cui calceandos nemo commisit pedes?”
Hoc pertinere vere ad illos dixerim,
Quorum stultitia quaestus impudentiae est.*



14. De sapateiro a médico.

Como um sapateiro³¹ ruim, pela pobreza arruinado,
Em ignorado lugar começasse a medicar³²
E, com falso nome, um antídoto vendesse,
Fama para si adquiriu com palavrosos artifícios.
Como, então, por grave doença consumido...
Jazesse o soberano³³ da cidade, para experimentá-lo,
Um copo exigiu: depois, vertida a água simulando
Ao seu antídoto um tóxico misturar,
Mandou-lhe sorver, um prêmio impondo.
Por temor da morte, ele, então, confessou
Que por nenhuma previsão da arte médica,
Mas, por estupidez do povo, notável se tornou.
O soberano, convocada a assembleia isto ajuntou:
“De quanto julgais ser a demência, vós,
Que vossa cabeça não duvidais confiar
A quem ninguém, a calçar, os pés entregou?”

31 O sapateiro era visto como tagarela, que deveria se restringir a opinar sobre sua profissão.

32 Os romanos tiveram um longo histórico de desconfiança dos médicos, por alguns charlatães terem ido para Roma assim que a ciência médica da época começou a ter seus avanços. Como alguns pacientes vieram a óbito por causa de tratamentos mais agressivos e desnecessários, os romanos preferiam seguir seus tratamentos baseados nas tradições dos antigos *patresfamilias*, sobretudo com o uso de ervas medicinais.

33 O *rex* era um governante, alguém que tivesse sob seu comando uma cidade; mas também um general, a cujas ordens o exército estaria subordinado, sem ser, necessariamente, um rei, um monarca.



De verdade, eu diria que isto é pertinente àqueles
Cuja tolice é ofício do descaramento.

15. *Asinus ad senem pastorem*

*In principatu commutando civium
Nil praeter dominum, non res mutant pauperes.
Id esse verum parva haec fabella indicat.
Asellum in prato timidus pascebat senex.
Is hostium clamore subito territus
Suadebat asino fugere, ne possent capi.
At ille lentus: “Quaeso, num binas mihi
Clitellas impositurum victorem putas?”
Senex negavit. “Ergo quid refert mea
Cui serviam, clitellas dum portem unicas?”*

15. O asno ao velho pastor.

Na mudança de comando, geralmente,
Além dos senhores, os pobres nada mudam.
Que isto é vero esta pequena anedota indica.
Um burrinho no prado um tímido pastor apascentava.



Ele, de súbito, por clamores hostis aterrorizado,
Ao asno a fugir persuadia, para que capturá-lo não pudessem.
Mas ele, lentamente: “Pergunto, acaso duas
Cargas julgas a mim o vencedor impor?”
O velho negou. “Ora, que me importa
A quem servirei, desde que uma só carga eu porte?”³⁴

16. *Ovis cervus et lupus*

*Fraudator homines cum vocat sponsum improbos
Non rem expedire, sed malum ordiri expetit.
Ovem rogabat cervus modium tritici,
Lupo sponsore. At illa, praemetuens dolum:
“Rapere atque abire semper adsuevit lupus;
Tu de conspectu fugere veloci impetu.
Ubi vos requiram cum dies advenerit?”*



³⁴ Diante da imutabilidade das coisas, o asno pouco se importa a quem servirá, desde que não tenha mais trabalho ou seja castigado.

16. A ovelha, o cervo e o lobo.

Quando um embusteiro com promessas aos homens ímprobos evoca,
Não resolver a questão, mas o mal começar ocorre.

A ovelha rogava ao cervo um módio de trigo,
Sendo o lobo fiador. Mas ela, já o dolo receando:
“A rapinar e ir-se sempre se habituou o lobo;
E tu em veloz corrida a das vistas fugires.
Onde vos buscarei quando da paga o dia chegar?”

17. *Ovis canis et lupus*

*Solent mendaces luere poenas malefici.
Calumniator ab ove cum peteret canis
Quem commendasse panem se contenderet,
Lupus citatus testis non unum modo
Deberi dixit, verum adfirmavit decem.
Ovis damnata falso testimonio
Quod non debebat, solvit. Post paucos dies
Bidens iacentem in fovea prospexit lupum:
“Haec” inquit “merces fraudis a superis datur.”*



17. A ovelha, o cão e o lobo.

Costumam os mentirosos as penas do malfeito expiar.

Como um cão caluniador da ovelha exigisse

Que oferecesse pão nele confiando,

O lobo, por testemunha citado, não um só

Disse dever-lhe, mas dez, afirmou.

Condenada a ovelha pelo falso testemunho,

O que não devia, saldou. Poucos dias depois,

A bidente³⁵ numa fossa viu o lobo jazendo.

“Esta” diz “recompensa pela fraude é dada pelos deuses”.



18. *Mulier parturiens*

Nemo libenter recolit qui laesit locum.

Instante partu mulier actis mensibus

Humi iacebat flebilis gemitus ciens.

Vir est hortatus corpus lecto reciperet,

Onus naturae melius quo deponeret.

“Minime” inquit “illo posse confido loco

Malum finiri quo conceptum est initio.”

35 O termo *bidens* se refere tanto ao que tem dois dentes (*dens*), quanto designa uma ovelha de dois anos, geralmente usada nos sacrifícios. O jogo de palavra aqui se evidencia pelo fato de a ovelha poder se tornar uma “vítima sacrificial”, caso o lobo saia da fossa, pois antes já a acusara com um falso testemunho.

18. A mulher parturiente.

Ninguém, livremente, cultiva o lugar que lhe lesou.
No instante do parto, a mulher nos últimos meses
No chão jazia, dolorosos gemidos soltando.
O homem a instigou a, no leito, o corpo repousar,
Aonde melhor o peso da natureza depusesse.
“De jeito nenhum” diz “confio que naquele lugar
Possa terminar o mal onde seu início foi concebido.”³⁶

19. *Canis parturiens*

*Habent insidias hominis blanditiae mali,
Quas ut vitemus versus subiecti monent.
Canis parturiens cum rogasset alteram
Ut fetum in eius tugurio deponeret,
Facile impetravit. Dein reposcenti locum
Preces admovit, tempus exorans breve,
Dum firmiores catulos posset ducere.
Hoc quoque consumpto flagitari validius
Cubile coepit. “Si mihi et turbae meae
Par” inquit “esse potueris, cedam loco.”*

36 O leito é um lugar ambivalente: de prazer e de sofrimento.



19. A cadela parturiente.

Os prazeres de um homem mau guardam ciladas,
Que os próximos versos instruem a evitarmos.
Como uma cadela parturiente a outra rogasse
A ter sua cria no casebre depositado,
E facilmente conseguiu. Daí, à reclamante do lugar
Preces exortou, um breve tempo rogando,
Até que mais fortes os filhotes pudesse criar.
Findo este também, mais fortemente a suplicar
Um canto começa: “Se a mim e a minha turba
Parelha pudesses ser” diz, “um lugar te cederia.”



20. *Canes famelici*

*Stultum consilium non modo effectu caret,
Sed ad perniciem quoque mortalis devocat.
Corium depressum in fluvio viderunt canes.
Id ut comesse extractum possent facilius,
Aquam coepere ebibere: sed rupti prius
Periere quam quod petierant contingerent.*

20. Os cães famélicos.

Um tolo conselho não só de efeito carece,
Mas ainda à perdição os mortais atrai.
Os cães um couro afundado no rio viram³⁷.
Para mais facilmente poderem o extrato comer,
A beber a água começaram: mas, rompidos pereceram
Antes que tocassem ao que aspiravam.

21. *Leo senex, aper, taurus et asinus*

*Quicumque amisit dignitatem pristinam,
Ignavis etiam iocus est in casu gravi.
Defectus annis et desertus viribus
Leo cum iaceret spiritum extremum trahens,
Aper fulmineis spumans venit dentibus
Et vindicavit ictu veterem iniuriam.
Infestis taurus mox confodit cornibus
Hostile corpus. Asinus, ut vidit ferum
Inpune laedi, calcibus frontem extudit.
At ille exspirans: “Fortis indigne tuli*

³⁷ Era costume submergir o couro dos animais na água por um tempo para que se tornasse mais macio, antes do tingimento. Com eles, em geral, eram feitos uniformes e escudos para os soldados.



*Mihi insultare; te, Naturae dedecus,
Quod ferre certe cogor, bis videor mori.”*

21. O leão velho, o javali, o touro e o asno.

Aquele que perdeu a dignidade primeira
Ainda é pilhéria dos fracos em grave acaso.
Como o leão jazesse exalando o último suspiro,
Esgotado pelos anos e de forças desamparado,
Um javali com impetuosas dentadas espumando veio
E com um golpe uma velha injúria vingou.
Logo, com chifres hostis um touro lhe trespassou
O corpo inimigo. Como o asno o visse pelas feras
Ser impunemente lesado, a coices sua frente abriu.
Mas ele, expirando: “Indignamente aos fortes suportei
Me insultarem; mas tu, opróbio da natureza,
Que na morte sou forçado a tolerar, vejo-me duas vezes morrer.”

22. *Mustela et homo*

*Mustela ab homine prensa, cum instantem necem
Effugere vellet, “Parce, quaeso,” inquit “mihi,*



Quae tibi molestis muribus purgo domum.”

Respondit ille “Faceres si causa mea,

Gratum esset et dedissem veniam supplici.

Nunc quia laboras ut fruaris reliquiis,

Quas sunt rosuri, simul et ipsos devores,

Noli imputare vanum beneficium mihi.”

Atque ita locutus improbam leto dedit.

Hoc in se dictum debent illi agnoscere,

Quorum privata servit utilitas sibi,

Et meritum inane iactant imprudentibus.



22. A doninha e o homem.

Como a doninha, por um homem capturada, a morte iminente

Quisesse evitar: “Por favor” diz, “poupa a mim,

Que dos ratos molestos tua casa limpo.”³⁸

Responde ele: “Se por mim isso fizesses,

Grato te seria, do suplício já te pouparia.

Agora que trabalhas para usufruíres do restante,

Que será roído, logo que o devoras,

Um favor em vão não me atribuas.”

³⁸ Como os romanos ainda não estavam habituados aos gatos, usavam as doninhas para caçarem os ratos importunos dentro das casas e dos estabelecimentos.

E assim falando à imprudente levou à morte.
Isto devem aceitar aqueles
Cuja utilidade para si apenas serve,
E um mérito frívolo aos imprudentes proferem.

23. *Canis fidelis*

*Repente liberalis stultis gratus est,
Verum peritis inritos tendit dolos.
Nocturnus cum fur panem misisset cani,
Obiecto temptans an cibo posset capi,
“Heus,” inquit “linguam vis meam praeccludere,
Ne latrem pro re domini? Multum falleris.
Namque ista subita me iubet benignitas
Vigilare, facias ne mea culpa lucrum.”*



23. O cão fiel.

De repente, um liberal aos tolos é agradável
E, de verdade, aos instruídos nenhum dolo oferece.
Como um ladrão noturno³⁹ um pão ao cão jogasse,

³⁹ As leis romanas faziam distinção entre um ladrão noturno (*fur nocturnus*) e um ladrão diurno (*fur diurnus*), segundo sua periculosidade. Ao ladrão noturno eram imputadas penas mais severas, pois ele se valia das trevas da noite para cometer seus crimes.

Sondando se com o alimento lançado pudesse ser capturado:
“Olha”, diz, “a minha boca queres tapar
Para em favor do dono não latir? Muito te enganarias,
Pois essa súbita liberalidade me constrange
A velar para que, por minha causa, não lucrez.”⁴⁰

24. *Rana rupta et bos*

*Inops potentem dum vult imitari perit.
In prato quondam rana conspexit bovem,
Et tacta invidia tantae magnitudinis
Rugosam inflavit pellem; tum natos suos
Interrogavit an bove esset latior.
Illi negarunt. Rursus intendit cutem
Maiore nisu, et simili quaesivit modo,
Quis maior esset. Illi dixerunt bovem.
Novissime indignata, dum vult validius
Inflare sese, rupto iacuit corpore.*



40 Exemplo da fidelidade canina, que vela por seu dono, ausente na narrativa.

24. A rã rompida e o boi.

Perece o fraco enquanto ao potente quer imitar.

No prado, outrora, a rã um boi avistou

E, tocada por inveja de tamanha extensão,

A rugosa pele inflou; então, aos filhos seus

Interrogou se maior que o boi estava.

Eles negaram. De novo a cútis entesou

Com maior esforço, e semelhantemente perguntou

Quem maior seria. Eles disseram: o boi.

Novamente indignada, enquanto mais forte quer

Se inflar, com rompido corpo no chão ficou.



25. *Canes et corcodilli*

Consilia qui dant prava cautis hominibus

Et perdunt operam et deridentur turpiter.

Canes currentes bibere in Nilo flumine,

A corcodillis ne rapiantur, traditum est.

Igitur cum currens bibere coepisset canis,

Sic corcodillus: “Quamlibet lambe otio,

Noli vereri.” At ille: “Facerem mehercule,

Nisi esse scirem carnis te cupidum meae.”

25. Os cães e os crocodilos.

Quem tortos conselhos aos cautos homens dão,
 Não só perdem esforço, mas inda são torpemente escarnecidos.
 Que cães bebem correndo no rio Nilo,
 A fim de pelos crocodilos não serem pegos, é tradição.
 Logo, como um cão, correndo, começasse a beber,
 Assim o crocodilo: “Fique à vontade, lambe com vagar;
 Não receies”. Mas ele: “Por minha fé, assim o faria,
 Se não soubesse que minha carne tu cobiças.”



26. *Vulpes et ciconia*

*Nulli nocendum; si quis vero laeserit,
 Multandum simili iure fabella admonet.
 Ad cenam vulpes dicitur ciconiam
 Prior invitasse, et liquidam in patulo marmore
 Posuisse sorbitionem, quam nullo modo
 Gustare esuriens potuerit ciconia.
 Quae vulpem cum revocasset, intrito cibo
 Plenam lagonam posuit; huic rostrum inserens
 Satiatur ipsa et torquet convivam fame.
 Quae cum lagonae collum frustra lamberet,*

*Peregrinam sic locutam volucrem accepimus:
“Sua quisque exempla debet aequo animo pati.”*

26. A raposa e a cegonha.

A ninguém se deve prejudicar; se alguém, de verdade, lesar,
A condenar com semelhante justiça a anedota adverte.
Diz-se que uma raposa a cegonha a jantar
Primeiro convidou, e em liso mármore líquida
Papa depositou, a qual, de modo algum,
Provar podia a esfomeada cegonha.
Como à raposa ela chamasse, com diluído alimento
Uma vasilha longa ofereceu; ali o bico inserindo
A própria se sacia e de fome a conviva contorce.
Como, em vão, o gargalo da vasilha esta bebesse,
Assim aceitamos que a peregrina volátil falou:
“Seus exemplos cada um com serenidade deve padecer.”



27. *Canis et thesaurus et vulturius*

*Haec res avaris esse conveniens potest
Et qui humiles nati dici locupletes student.*

*Humana effodiens ossa thesaurum canis
Invenit, et violarat quia Manes deos
Iniecta est illi divitiarum cupiditas,
Poenas ut sanctae religioni penderet.
Itaque aurum dum custodit oblitus cibi,
Fame est consumptus. Quem stans vulturius super
Fertur locutus. “O canis, merito iaces,
Qui concupisti subito regales opes,
Trivio conceptus, educatus stercore.”*

27. O cão e o tesouro e o abutre.

Aos avarentos este assunto pode ser conveniente
E os que humildes nasceram a se dizerem ricos se inclinam.
Escavando ossos humanos, um cão um tesouro
Encontrou e, porque os deuses Manes⁴¹ violara,
Atiçou-se nele o desejo por riquezas,

41 Os deuses Manes (*Di Manes*) eram reconhecidos como os espíritos dos mortos. As famílias que cuidavam dos túmulos de seus antepassados passaram a associar Manes (*Manes*) aos espíritos de seus familiares, tornando-o uma única divindade familiar. Os deuses Manes, por sua vez, foram associados aos Deuses Inferiores (*Di Inferi*), que viviam no submundo. No período augustano, os Manes foram objeto de culto, mas não há evidências que comprovem se havia oferendas para eles.



Até que as penas expiasse à sacra Religião⁴².
E assim, enquanto o ouro custodia, do alimento obliterado,
Pela fome é consumido. Sobre ele estando um abutre,
Diz-se que assim falou: “Cão, merecidamente jazes,
Tu que, de súbito, os recursos reais cobiçastes,
Na encruzilhada concebido e educado no esterco.”

28. *Vulpes et aquila*

*Quamvis sublimes debent humiles metuere,
Vindicta docili quia patet sollertiae.
Vulpinos catulos aquila quondam sustulit,
Nidoque posuit pullis escam ut carperent.
Hanc persecuta mater orare incipit,
Ne tantum miserae luctum importaret sibi.
Contempsit illa, tuta quippe ipso loco.
Vulpes ab ara rapuit ardentem facem,
Totamque flammis arborem circumdedit,
Hosti dolorem damno miscens sanguinis.
Aquila, ut periclo mortis eriperet suos,
Incolumes natos supplex vulpi tradidit.*

42 A Religião (*Religio*) é outra das divindades abstratas, possivelmente resquício de cultos ancestrais, antes do estabelecimento do panteão romano.



28. A raposa e a águia.

O quanto possível, os grandes aos humildes devem temer,
 Porque com doce ardil a vingança se manifesta.
 Os filhotes vulpinos outrora a águia surrupiou
 E no ninho pousou, para de alimento às crias servirem.
 A esta a perseguida mãe principiou a rogar
 Para tanto luto a ela, infeliz, não causar.
 Desprezou-a aquela, decerto segura em seu lugar.
 A raposa a um altar⁴³ um ardente facho roubou
 E de chamas toda a árvore circundou,
 À inimiga de dor pela perda do sangue ameaçando.
 A águia, para do perigo de morte os seus arrancar,
 Os incólumes filhos a suplicante à raposa entregou.



29. *Asinus inridens aprum*

*Plerumque stulti, risum dum captant levem,
 Gravi destringunt alios contumelia,
 Et sibi nocivum concitant periculum.
 Asellus apro cum fuisset obvius,*

⁴³ A ara ou o altar é um lugar sagrado por excelência. A palavra latina significa também “proteção” e “urna funerária”, de onde entendemos a alusão ao facho ardente roubado pela raposa.

*“Salve” inquit “frater.” Ille indignans repudiat
Officium et quaerit cur sic mentiri velit.
Asinus demisso pene: “Similem si negas
Tibi me esse, certe simile est hoc rostro tuo.”
Aper, cum vellet facere generosum impetum,
Repressit iram, et: “Facilis vindicta est mihi,
Sed inquinari nolo ignavo sanguine.”*

29. O asno rindo-se do javali.

Geralmente, enquanto os tolos um leve sorriso granjeiam,
Com pesada afronto aos outros criticam
E em nocivo perigo se colocam.
Como um burrinho com um javali topasse:
“Olá, irmão” disse. Ele, indignado, a deferência repudia
E busca saber por que assim deseja mentir.
O asno, com o pênis abaixado: “Se ser semelhante a ti
Me negas, decerto ao teu focinho isto é semelhante.”
Como o javali dar um grande ímpeto quisesse,
Conteve a ira e: “Fácil me é a vingança,
Mas não quero com sangue covarde me manchar.”



30. *Ranae metuentes taurorum proelia*

*Humiles laborant ubi potentes dissident.
Rana in palude pugnam taurorum intuens,
“Heu, quanta nobis instat pernicies” ait.
Interrogata ab alia cur hoc diceret,
De principatu cum illi certarent gregis
Longeque ab ipsis degerent vitam boves,
“Sit statio separata ac diversum genus;
Expulsus regno nemoris qui profugerit
Paludis in secreta veniet latibula,
Et proculcatas obteret duro pede.
Ita caput ad nostrum furor illorum pertinet.”*



30. As rãs temendo as pelejas dos touros.

Os humildes trabalham quando os potentes divergem.
A rã no pântano a briga dos touros intuindo:
“Ai, tamanha destruição nos insta!” Diz.
Por outra interrogada por que aquilo dissera,
Pois que pela primazia da manada competiam
E longe delas os bois a vida passavam:
“Seja a paragem separada e diversa a raça,

Expulso do lugar de pasto, quem fugir
Aos refúgios do pântano virá
E com rude pé, pisoteadas, nos destruirá.
Assim, à nossa cabeça o seu furor se estenderá.”

31. *Milvus et columbae*

*Qui se committit homini tutandum improbo,
Auxilium dum requirit, exitium invenit.
Columbae saepe cum fugissent miluum,
Et celeritate pennae vitassent necem,
Consilium raptor vertit ad fallaciam
Et genus inerme tali decepit dolo:
“Quare sollicitum potius aevum ducitis
Quam regem me creatis icto foedere,
Qui vos ab omni tutas praestem iniuria?”
Illae credentes tradunt sese miluo;
Qui regnum adeptus coepit vesci singulas
Et exercere imperium saevis unguibus.
Tunc de reliquis una: “Merito plectimur,
<Huic spiritum praedoni quae commisimus.>”*



31. O milhafre e as pombas.

Quem, para se proteger, ao homem ímprobo se confia,
Enquanto auxílio requer, o exílio encontra.
Como muitas vezes as pombas do milhafre se esquivassem
E com celeridade as penas da mortandade evitassem,
O rapinador um plano com esperteza verte
E a raça inerme com tal dolo ilude:
“Por que antes desassossegada vida levais
A, com celebrado pacto, me elegerdes,
Que, de toda injúria, seguras, vos apoiarei?”
Confiantes, elas ao milhafre elas se entregam,
Que, ajustado o poder, uma a uma começa a comer
E com sevas garras o comando exercer.
Então, uma das restantes: “Merecidamente nos punimos,
<Que a este salteador o espírito confiamos.”>





Liber Secundus

Prologus. Auctor.

Exemplis continetur Aesopi genus;

Nec aliud quicquam per fabellas quaeritur

Quam corrigatur error ut mortalium,

Acuatque sese diligens industria.

Quicumque fuerit ergo narrandi iocus,

Dum capiat aurem et servet propositum suum,

Re commendatur, non auctoris nomine.

Equidem omni cura morem servabo senis;

Sed si libuerit aliquid interponere,

Dictorum sensus ut delectet varietas,

Bonas in partes, lector, accipias velim,

Ita, si rependet illi brevitatis gratiam.

Cuius verbosa ne sit commendatio,

Attende cur negare cupidus debeas,

Modestis etiam offerre quod non petierint.



Livro 2

Prólogo. O autor.

Em exemplos está contido de Esopo o gênero,
E nenhuma outra coisa nas anedotas se procure

Senão que se corrija o erro dos mortais,

E a indústria diligente se aguça.

O que quer que seja, pois, o gracejo narrativo,

Desde que o ouvido cativa e o seu propósito preserve,

Por isso é recomendado, não pelo nome do mestre⁴⁴.

Na verdade, com todo cuidado o preceito do velho conservarei;

Mas, se me agradar algo intercalar,

Que, aos sentidos dos ditos, a variedade encante,

Em boa parte, leitor, desejaria que o aceitasses,

Então, se a brevidade àquele na mesma moeda pagar,

Atenta porque deves aos cobiçosos negar,

Mas aos modestos o que não pediram entregar.



44 Referência a Esopo, assim como no verso seguinte o vocábulo “velho”, de quem Fedro havia tomado de empréstimo o gênero fabulístico. Porém, acentua-se aqui a noção de que Fedro não se apropria simplesmente das fábulas de seu antecessor, vertendo-as para o latim, mas sim do gênero literário, ao qual ninguém ainda havia dedicado seu empenho com exclusividade. O trabalho de Fedro é inserir novos elementos, trazer vivacidade aos temas e novidade às fábulas.

1 Iuvenus, leo et praedator

*Super iuvenum stabat deiectum leo.
Praedator intervenit partem postulans.
“Darem” inquit “nisi soleres per te sumere;”
Et improbum reiecit. Forte innoxius
Viator est deductus in eundem locum,
Feroque viso rettulit retro pedem.
Cui placidus ille “Non est quod timeas” ait ;
“En, quae debetur pars tuae modestiae
Audacter tolle.” Tunc diviso tergo
Silvas petivit, homini ut accessum daret.
Exemplum egregium prorsus et laudabile;
Verum est aviditas dives et pauper pudor.*



1. O bezerro, o leão e o saqueador.

Sobre um bezerro derrubado estava o leão.
O saqueador interveio, sua parte reclamando:
“Eu daria” diz, “se não te habituasses a tomar”;
E ao imprudente rejeitou. Por acaso, um inofensivo
Viajante ao mesmo lugar é levado
E, à feroz aparição, o pé retrocedeu.

Ao qual, ele, plácido: “Não há o que temer” diz;
“eis que a parte que à tua modéstia é devida
Com audácia toma.” Então, dividido o corpo,
Às selvas se dirigiu para ao homem dar acesso.
Exemplo perfeitamente egrégio e louvável;
De verdade, a avidez é rica e pobre o pudor.

2. *Anus diligens iuvenem, item puella*

*A feminis utcumque spoliari viros,
Ament, amentur, nempe exemplis discimus.
Aetatis mediae quendam mulier non rudis
Tenebat, annos celans elegantia,
Animosque eiusdem pulchra iuvenis ceperat.
Ambae, videri dum volunt illi pares,
Capillos homini legere coepere invicem.
Qui se putaret fingi cura mulierum,
Calvus repente factus est; nam funditus
Canos puella, nigros anus evellerat.*



2. A velha, e também a menina, gostando do rapaz.

De qualquer maneira que os homens sejam pelas mulheres espoliados,
Amem ou sejam amados, evidentemente, pelos exemplos aprendemos.
A alguém de meia idade uma mulher experiente
Mantinha, com elegância os anos ocultando,
E o pensamento do mesmo bela jovem capturou.
Enquanto ambas a ele parelhas desejam se ver,
Os cabelos do homem mutuamente começaram a colher.
Quem se julgava pelo zelo das mulheres ser moldado,
De repente calvo se tornou; pois até o fim
Os encanecidos a menina, e os negros a velha, extirpou.



3. *Aesopus ad quendam de successu inproborum*

*Laceratus quidam morsu vehementis canis,
Tinctum cruore panem misit malefico,
Audierat esse quod remedium vulneris.
Tunc sic Aesopus: "Noli coram pluribus
Hoc facere canibus, ne nos vivos devorent,
Cum scierint esse tale culpae praemium."
Successus inproborum plures allicit.*

3. Esopo a alguém sobre o sucesso dos imprudentes.

Alguém, lacerado pela mordida de violento cão,
Tingido de sangue um pão ao maléfico lançou;
Pois ouvira ser esse o remédio para a ferida.
Assim, então, Esopo: “Perante vários cães
Isso não façam, para a nós, vivos, não devorarem
Quando souberem ser tal o prêmio pela culpa.”
O sucesso dos imprudentes a vários alicia.

4. *Aquila, feles et aper*

Aquila in sublimi quercu nidum fecerat;
Feles, cavernam nancta in media pepererat;
Sus nemoris cultrix fetum ad imam posuerat.
Tum fortuitum feles contubernium
Fraude et scelestas sic evertit malitia.
Ad nidum scandit volucris: “Pernicies” ait
“Tibi paratur, forsan et miserae mihi.
Nam fodere terram quod vides cotidie
Aprum insidiosum, quercum vult evertere,
Ut nostram in plano facile progeniem opprimat.”
Terrore offuso et perturbatis sensibus,



*Derepit ad cubile saetosae suis;
“Magno” inquit “in periculo sunt nati tui.
Nam simul exieris pastum cum tenero grege,
Aquila est parata rapere porcellos tibi.”
Hunc quoque timore postquam complevit locum,
Dolosa tuto condidit sese cavo.
Inde evagata noctu suspenso pede,
Ubi esca sese replevit et prolem suam,
Pavorem simulans prospicit toto die.
Ruinam metuens aquila ramis desidet;
Aper rapinam vitans non prodit foras.
Quid multa? Inedia sunt consumpti cum suis,
Felisque catulis largam praebuerunt dapem.
Quantum homo bilinguis saepe concinnet mali,
Documentum habere hinc stulta credulitas potest.*



4. A águia, a gata e a javalina.

A águia em elevado carvalho o ninho fizera;
A gata, uma caverna no meio encontrando, ali parira;
A porca, do bosque moradora, no fundo dela um filho depusera.
Então a gata à fortuita coabitação

Assim voltou com fraude e criminosa malícia.
Ao ninho da ave escalou: “Um massacre” diz
“te é preparado, quiçá até a mim, infeliz;
Pois cotidianamente cava a terra que vês
A javalina insidiosa, querendo o carvalho derrubar,
Para em fácil plano a nossa progênie oprimir.”
Difundido o terror e perturbados os sentidos,
Desceu à toca da sedosa porca;
“Em grande perigo” diz “estão os filhos teus.
Pois logo que saís ao pasto com terna manada,
A águia se prepara para de ti os bacorinhos raptar”.
Depois que ainda de temor encheu aquele lugar,
Astuciosa se escondeu na segura cavidade.
Dali, de noite se evadiu, pé ante pé,
Quando a isca saciou a si e à sua prole,
Simulando pavor, por todo o dia vigiou.
A ruína temendo, a águia, nos ramos se sentou;
A javalina, evitando a rapina, da porta não passou.
Para que mais? De inédia foram com os seus consumidas
E à gata e aos gatinhos lauto banquete ofereceram.
Quanto mal com frequência um homem hipócrita prepara,
Donde uma lição pode a tola credulidade guardar.



5. Tib. Caesar ad atriensem

*Est ardalionum quaedam Romae natio,
Trepide concursans, occupata in otio,
Gratis anhelans, multa agendo nil agens,
Sibi molesta et aliis odiosissima.
Hanc emendare, si tamen possum, volo
Vera fabella; pretium est operae attendere.
Caesar Tiberius cum petens Neapolim
In Misenensem villam venisset suam,
Quae monte summo posita Luculli manu
Prospectat Siculum et respicit Tuscum mare,
Ex alte cinctis unus atriensibus,
Cui tunica ab umeris linteo Pelusio
Erat destricta, cirris dependentibus,
Perambulante laeta domino viridia,
Alveolo coepit ligneo conspargere
Humum aestuantem, iactans come officium comes;
Sed deridetur. Inde notis flexibus
Praecurrit alium in xystum, sedans pulverem.
Agnoscit hominem Caesar remque intellegit:
[Vt putavit esse nescioquid boni]
“Heus!” inquit dominus. Ille enimvero adsilit,*



Donationis alacer certae gaudio.

Tum sic iocata est tanta maiestas ducis:

“Non multum egisti et opera nequiquam perit;

Multo maioris alapae mecum veneunt.”

5. Tibério César ao atriense⁴⁵.

Há, em Roma, certa raça de intrometidos,

Para cá e para lá andando, no descanso ocupada,

Por nada ofegando, muito fazendo nada fazendo,

A si nociva e aos outros muito odiada.

Mas, se eu puder, isto corrigir eu quero

Com verdadeira anedota; basta atenção prestar.

Como Tibério César, a Nápoles se dirigindo,

À sua vila em Miseno⁴⁶ viesse,

Que, em alta montanha assentada, obra de Luculo,

Contempla o mar siciliano e avista o tirreno mar,

45 Trata-se de um escravo responsável pela limpeza e manutenção do átrio, daí seu nome. Para melhor desempenhar suas funções, o atriense embolsava sua túnica, prendendo com uma espécie de cinto, ficando mais curta que o habitual.

46 Caio Mário ordenara a construção desta vila em cima de um promontório, de onde se avistava, de um lado, o Mar Siciliano e, de outro, o Mediterrâneo. Depois a vila passou às mãos da família dos Luculo e, depois, integrou o espólio imperial. Quando Tibério se retirou para lá, Sejano se aproveitou da situação para tentar se impor em Roma. Este foi, ainda, o local onde faleceu o próprio imperador.



Um dos atrienses altaneiros,
Cuja túnica de linho pelusino⁴⁷ dos ombros
É separada, com franjas despendendo,
Perambulando o senhor por belos jardins,
Com regador de lenho começa a aspergir
A terra escaldante, jactando-se do ofício o preceptor;
Mas é zombado. Daí com notáveis flexões
Precede o outro no passeio, assentando a poeira.
César reconhece o homem e tudo entende:
[Que julgaria não sei que de bom dar de si]
“Ei!” diz o senhor. Ele logo salta,
Alegre pelo prazer da dádiva certa.
Então, assim zombou a majestade de tamanho soberano:
“Não fizeste muito e em vão o serviço se perdeu;
Por muito mais comigo são vendidas as bofetadas.”⁴⁸



6. *Aquila et cornix*

Contra potentes nemo est munitus satis;

Si vero accessit consiliator maleficus,

47 Pelúsio era uma cidade do Baixo Egito, apreciada pela fabricação de linhos.

48 Uma das formas de um escravo conseguir sua liberdade era levando uma bofetada ou uma vergastada de seu antigo dono.

*Vis et nequitia quicquid oppugnant ruit.
Aquila in sublime sustulit testudinem.
Quae cum abdidisset cornea corpus domo
Nec ullo pacto laedi posset condita,
Venit per auras cornix et propter volans:
“Opimam sane praedam rapuisti unguibus;
Sed nisi monstraro quid sit faciendum tibi,
Gravi nequiquam te lassabit pondere.”
Promissa parte suadet ut scopulum super
Altis ab astris duram inlidat corticem,
Qua comminuta facile vescatur cibo.
Inducta vafris aquila monitis paruit,
Simul et magistrae large divisit dapem.
Sic tuta quae Naturae fuerat munere,
Impar duabus occidit tristi nece.*



6. A águia e a gralha.

Contra os potentes ninguém está assaz protegido;
Mas, se o conciliador maléfico se aproximou,
Se arruína aquilo a que a força e a maldade se opõem.
A águia nas alturas a tartaruga levantou.

Como ela escondesse o corpo em cascudo domicílio,
Ali conservada, de modo algum podia ser lesada,
Pelos ares veio a gralha e por perto voando:
“Sem dúvida uma presa opima nas garras raptaste;
Mas, se eu não te mostrar o que deves fazer,
Sem motivo isso te cansará pelo grande peso.”
Prometida a parte, a persuade a sobre o escolho
Das altas estrelas a dura casca atirar,
Que, esmagada, da fácil comida se alimenta.
A velhacos avisos a induzida águia se submeteu,
E logo largamente com a mestra o banquete dividiu.
Assim, a que segura estava pelo presente da Natureza,
Desigual às duas, pereceu em triste mortandade.



7. *Muli duo et latrones*

Muli gravati sarcinis ibant duo;
Unus ferebat fiscos cum pecunia,
Alter tumentes multo saccos hordeo.
Ille onere dives celsa cervice eminent
Clarumque collo iactat tintinabulum;
Comes quieto sequitur et placido gradu.

*Subito latrones ex insidiis advolant
Interque caedem ferro ditem sauciant,
Diripiunt nummos, neglegunt vile hordeum.
Spoliatus igitur casus cum fleret suos,
“Equidem” inquit alter “me contemptum gaudeo;
Nam nil amisi, nec sum laesus vulnere.”
Hoc argumento tuta est hominum tenuitas,
Magnae periclo sunt opes obnoxiae.*

7. Os dois mulos e os carregamentos.

Dois mulos, carregados de cargas, iam;
Um levava cestos com dinheiro,
O outro, sacos intumescidos de muita cevada.
Aquele, de peso rico, com a cerviz excelsa se mostra
E da sonora campainha no pescoço se jacta;
O companheiro com quieto e plácido passo segue.
Subitamente, de emboscadas ladrões voam
E, em meio à matança, com a espada o rico ferem,
As moedas roubam, a vil cevada negligenciam.
Como o espoliado, então, seu ocaso chorasse,
“Em verdade”, diz o outro, “desprezível, me alegro;



Pois nada perdi e por ferida não fui lesado.”
Por este argumento segura está a fraqueza dos homens;
As grandes riquezas ao perigo estão sujeitas.

8. *Cervus ad boves*

*Cervus nemorosis excitatus latibulis,
Ut venatorum effugeret instantem necem,
Caeco timore proximam villam petit,
Ut opportuno se bovili condidit.
Hic bos latenti: “Quidnam voluisti tibi,
Infelix, ultro qui ad necem cucurreris,
Hominumque tecto spiritum commiseris?”
At ille supplex “Vos modo” inquit “parcite;
Occasione rursus erumpam data.”
Spatium diei noctis excipiunt vices.
Frondem bubulcus adfert, nil adeo videt.
Eunt subinde et redeunt omnes rustici,
Nemo animadvertit; transit etiam vilicus,
Nec ille quicquam sentit. Tum gaudens ferus
Bubus quietis agere coepit gratias,
Hospitium adverso quod praestiterint tempore.*



*Respondit unus “Salvum te volumus quidem,
Sed ille qui oculos centum habet, si venerit,
Magno in periculo vita vertetur tua.”
Haec inter ipse dominus a cena redit,
Et, quia corruptos viderat nuper boves,
Accedit ad praesaepe: “Cur frondis parum est?
Stramenta desunt. Tollere haec aranea
Quantum est laboris?” dum scrutatur singula,
Cervi quoque alta conspicatur cornua;
Quem convocata iubet occidi familia,
Praedamque tollit. Haec significat fabula
Dominum videre plurimum in rebus suis.*



8. O cervo aos bois.

O cervo, dos esconderijos cerrados despertado,
Para dos caçadores fugir à matança instantânea,
Com cego temor uma vila próxima procura
E em oportuno curral ali se esconde.
Aí, um boi ao escondido: “O que quiseste para ti,
Infeliz, que até para a matança correste
E ao abrigo dos homens o espírito confiaste?”

Mas ele, suplicante: “Vós”, diz, “apenas guardai;
Apresentada a ocasião, logo irrompereí.”
A alternância do dia dá lugar à noite.
A folhagem o boiadeiro traz, nada ainda vê.
Seguidamente vão e vêm todos os lavradores,
Ninguém dá atenção; passa também o feitor,
Nem ele nada sente. Então, alegrando-se a fera
Aos bois silenciosos começa a agradecer,
Que hospitalidade em desfavorável tempo concederam.
Responde um: “Salvo te queremos, por certo;
Mas aquele que cem olhos tem, se vier,
Em grande perigo tua vida incorrerá.”
Entrementes, o senhor em pessoa da ceia volta,
E, porque recentemente os bois emagrecidos vira,
Aproxima-se do estábulo: “Por que há pouca folhagem?
Palhas faltam. Retirar estas teias de aranha
Quanto trabalho dá?” Enquanto perscruta uma a uma,
Do cervo também os altos chifres vê;
A quem, convocada a criadagem, ordena matar,
E a presa recolhe. Esta fábula prognostica
Que o senhor muito vê nos haveres seus.



9. Auctor

*Aesopi ingenio statuam posuere Attici,
Servumque collocarunt aeterna in basi,
Patere honoris scirent ut cuncti viam
Nec generi tribui sed virtuti gloriam.
Quoniam occuparat alter ut primus foret,
Ne solus esset, studui, quod superfuit.
Nec haec invidia, verum est aemulatio.
Quodsi labori faverit Latium meo,
Plures habebit quos opponat Graeciae.
Si Livor obtrectare curam voluerit,
Non tamen eripiet laudis conscientiam.
Si nostrum studium ad aures cultas pervenit,
Et arte fictas animus sentit fabulas,
Omnem querelam submovet felicitas.
Sin autem rabulis doctus occurrit labor,
Sinistra quos in lucem natura extulit,
Nec quidquam possunt nisi meliores carpere,
Fatale exilium corde durato feram,
Donec Fortunam criminis pudeat sui.*



9. O autor.

Ao engenho de Esopo uma estátua esculpíram os atenienses,
E um servo colocaram em sua eterna base⁴⁹,
Para todos saberem ser evidente o caminho da honraria
E a glória não ser atribuída ao gênero, mas à virtude sua.
Porquanto primeiro fosse o outro que antecederá,
Eu me apliquei a que único não fosse ao que restou.
Isto não é inveja, mas é emulação.
Se o Lácio ao trabalho meu favoreceu,
Muitos haverá que à Grécia se oponham.
Se a Inveja a obra quiser caluniar,
Não subtraia, pois, a consciência da façanha.
Se o nosso estudo chegar aos ouvidos cultos,
E habilmente o ânimo percebe as fingidas fábulas,
A qualquer querela move a felicidade.
Se, contudo, aos rábulas não se apresentar um douto trabalho,
Que a sinistra natura à luz trouxe,
E, senão os melhores, nada possam percorrer,
Fatal exílio, de coração endurecido, suportarei,
Até que de seu crime a Fortuna se envergonhe.

49 Lisipo esculpira uma estátua de Esopo, que, pela sagacidade demonstrada nas fábulas, foi colocada junto às estátuas dos Sete Sábios.





Liber Tertius

Prologus. Phaedrus ad Eutychem.
Phaedri libellos legere si desideras,
Vaces oportet, Eutyche, a negotiis,
Ut liber animus sentiat vim carminis.
“Verum” inquis “tanti non est ingenium tuum,
Momentum ut horae pereat officiis meis.”
Non ergo causa est manibus id tangi tuis,
Quod occupatis auribus non convenit.
Fortasse dices: “Aliquae venient feriae,
Quae me soluto pectore ad studium uocent.”
Legesne, quaeso, potius viles nenias,
Impendas curam quam rei domesticae,
Reddas amicis tempora, uxori vaces,
Animum relaxes, otium des corpori,
Ut adsuetam fortius praestes vicem?
Mutandum tibi propositum est et vitae genus,
Intrare si Musarum limen cogitas.
Ego, quem Pierio mater enixa est iugo,
In quo Tonanti sancta Mnemosyne Iovi,
Fecunda novies, artium peperit chorum,



Quamvis in ipsa paene natus sim schola,
Curamque habendi penitus corde eraserim,
Nec Pallade hanc invita in vitam incubuerim,
Fastidiose tamen in coetum recipior.
Quid credis illi accidere qui magnas opes
Exaggerare quaerit omni vigilia,
Docto labori dulce praeponens lucrum?
Sed iam, “quodcumque fuerit,” ut dixit Sinon
Ad regem cum Dardaniae perductus foret,
Librum exarabo tertium Aesopi stilo,
Honori et meritis dedicans illum tuis.
Quem si leges, laetabor; sin autem minus,
Habebunt certe quo se oblectent posterī.
Nunc, fabularum cur sit inventum genus,
Brevi docebo. Servitus obnoxia,
Quia quae volebat non audebat dicere,
Affectus proprios in fabellas transtulit,
Calumniamque fictis elusit iocis.
Ego illius pro semita feci viam,
Et cogitavi plura quam reliquerat,
In calamitatem deligens quaedam meam.
Quodsi accusator alius Seiano foret,



*Si testis alius, iudex alius denique,
Dignum faterer esse me tantis malis,
Nec his dolorem delenirem remediis.
Suspicione si quis errabit sua,
Et, rapiens ad se quod erit commune omnium,
Stulte nudabit animi conscientiam,
Huic excusatum me velim nihilo minus.
Neque enim notare singulos mens est mihi,
Verum ipsam vitam et mores hominum ostendere.
Rem me professum dicet fors aliquis gravem.
Si Phryx Aesopus potuit, si Anacharsis Scythes
Aeternam famam condere ingenio suo,
Ego litteratae qui sum proprior Graeciae,
Cur somno inerti deseram patriae decus,
Threissa cum gens numeret auctores deos,
Linoque Apollo sit parens, Musa Orptheo,
Qui saxa cantu movit et domuit feras
Hebrique tenuit impetus dulci mora?
Ergo hinc abesto, Livor, ne frustra gemas,
Quom iam mihi sollemnis dabitur gloria.
Induxi te ad legendum? Sincerum mihi
Candore noto reddas iudicium peto.*



Livro 3

Prólogo. Fedro a Eutico⁵⁰.

Se os livrinhos de Fedro desejas ler,

Dos negócios, Eutico, convém estares livre,

Para que o livre espírito a força do verso sinta.

“De verdade”, dizes, “tão caro não é o engenho teu,

Para que um instante do dia perca dos ofícios meus.”

Não há motivo, pois, que por tuas mãos tocado seja,

Que aos ocupados ouvidos não convém.

Talvez digas: “Virão outros feriados,

Que, de peito aberto, ao estudo me chamarão.”

Pergunto se preferes ler as vulgares nênias⁵¹,

A dispensares cuidado a assuntos domésticos,

Se preferes dar aos amigos os instantes, estar livre para a esposa,

O espírito relaxar, dar repouso ao corpo,

Para a costumeira mudança mais fortemente preservares?

Deves o teu propósito mudar e o tipo de vida,

Se o limiar das Musas⁵² pensas cruzar.

50 Pessoa desconhecida.

51 Originalmente as nênias eram cantos fúnebres. Aqui, no entanto, seu significado remete a algo de pouco valor, ninharia, como um sinônimo de *nuga*.

52 As Musas eram filhas da titã Mnemosine, cujo culto era realizado na Piéria, Macedônia. Em número de nove, eram divindades protetoras das artes e da literatura.



Eu, a quem a mãe concebeu em Piério monte⁵³,
Em que ao tonitruante Júpiter a sagrada Mnemosine,
Nove vezes fecunda⁵⁴, o coro das artes gerou,
Embora quase eu tenha nascido na própria escola,
E o interesse de posse do fundo do meu coração eu tenha arrancado,
E, não contrariada Palas, a esta vida não tenha me inclinado,
Desdenhosamente, contudo, na assembleia sou recebido.
O que crês acontecer àquele que grandes riquezas
Procura amontoar em toda vigília,
Ao douto trabalho propondo doce lucro?
Mas já, “o que quer que seja”, como disse Sinão⁵⁵,
Quando ao rei de Troia⁵⁶ fora conduzido,
Ao estilo de Esopo o terceiro livro lavrarei,
À tua honra e mérito lhe dedicando⁵⁷.
Se o leres, eu me alegrarei; mas, senão,
Decerto, terão com o que se encantar os pósteros.

53 Fedro remonta sua origem à região do culto às Musas.

54 Júpiter teria se unido a Mnemosine por nove noites consecutivas, gerando, assim, as nove Musas.

55 Sinão persuadiu aos gregos a aceitarem o cavalo de madeira como um presente, relatando que este seria uma oferenda a Atenas. Desse modo, o cavalo foi levado para dentro das muralhas, onde soldados saltaram para fora do ventre do cavalo, destruindo a cidade.

56 Referência a Príamo, rei de Troia durante o cerco à cidade.

57 A cada livro, o Fedro se distancia mais dos temas de seu precursor, não deixando de reconhecer o mérito da primazia de Esopo.



Agora porque das fábulas foi inventado o gênero
Brevemente indicarei. A tímida servidão,
Porque aquilo que queria não ousava dizer,
Os afetos próprios às anedotas transpôs,
E a falsa acusação iludiu com fictícios jogos⁵⁸.
Do atalho daquele um caminho⁵⁹ eu fiz,
E excogitei mais do que ele deixara,
À calamidade unindo algo meu.
Pois, se o acusador fosse outro que Sejano⁶⁰,
Se outra a testemunha, outro o juiz, alfim,
Digno me confessaria ser de tantos males,
E a dor não abrandaria com estes remédios.
Se, por sua suspeição, alguém errar,
E, para si roubando o que a todos for comum,
Tolamente do espírito a consciência desnudará,
Nada menos que a este escusar-me desejaria.
E, decerto, não é minha intenção um a um notar,
Mas a vida mesma e os costumes dos homens revelar.

58 O autor remete aqui ao prólogo do livro 1, em que dizia que trabalharia com narrações fictícias.

59 Jogo de palavras *semita* (atalho), relacionando-se a Esopo, e *uia* (caminho), a trajetória de Fedro.

60 O autor relembra o fato de Sejano ter sido cruel contra seus inimigos. Quando Tibério o condenou à morte por suspeita de traição, o povo comemorou, jogando seus membros no rio.



De algo grave, por acaso, alguém me dirá professo.
Se o frígio Esopo pôde, se Anacarses da Cítia⁶¹,
Eterna fama conservar ao engenho seu,
Eu, que sou mais próximo da letrada Grécia,
Por que ao sono inerte deixaria a decência da pátria,
Quando a gente trácia enumerar os autores como deuses,
E a Lino⁶² seja submisso Apolo, a Musa a Orfeu⁶³,
Que com seu canto os seixos moveu e as feras domou
E do Hebro⁶⁴ o ímpeto reteve com doce demora?
Assim, daqui te afasta, Inveja, para em vão não gemeres,
Quando já a mim se der a solene glória.
Eu te induzi a ler? Um sincero juízo
Com notável esplendor me restituas, eu te peço.



61 Filósofo da Cítia, que viveu no séc. VI a.C., amigo e discípulo do legislador Sólon.

62 Herói grego que morreu muito cedo. Segundo uma tradição antiga, ele foi um cantor exímio, celebrado durante a época das colheitas com a entoação de cantos tristes, as nênias.

63 Provavelmente filho da Musa Calíope, Orfeu era sinônimo de cantor por excelência. De origem bastante remota, sua lenda narra que seu canto conseguia amansar até mesmo as feras, como narrado no verso seguinte. Quando sua esposa Eurídice faleceu, picada por uma cobra, Orfeu foi até os Infernos convencer os deuses inferiores a deixá-la voltar à vida. Os deuses assim permitiram, desde que ele não olhasse nunca para trás. Ao fazer isso, Orfeu perdeu de vez sua esposa e se entregou ao desespero, tendo sido despedaçado pelas Mênades.

64 Rio da Trácia.

1. *Anus ad amphoram*

Anus iacere vidit epotam amphoram,
Adhuc Falerna faece e testa nobili
Odorem quae iucundum late spargeret.
Hunc postquam totis avida traxit naribus:
“O suavis anima, quale in te dicam bonum
Antehac fuisse, tales cum sint reliquiae!”
Hoc quo pertineat dicet qui me noverit.

1. A velha à ânfora.

A velha viu jazer uma ânfora esvaziada,
Ainda com resíduo Falerno⁶⁵ de nobre vasilha,
Que um agradável odor amplamente espargira.
Depois que com todo o seu nariz a ávida o extraiu:
“Ah, suave emanação, que bem em ti descreveria
Antes disso existir, quando tais são teus restos?”
Isto seja pertinente a quem disser me conhecer.

65 O vinho de Falerno, região da Campânia, era muito apreciado por sua qualidade.



2. *Panthera et pastores*

*Solet a despectis par referri gratia.
Panthera imprudens olim in foveam decidit.
Videre agrestes; alii fustes congerunt,
Alii onerant saxis; quidam contra miseriti
Periturae quippe, quamvis nemo laederet,
Misere panem ut sustineret spiritum.
Nox insecuta est; abeunt securi domum,
Quasi inventuri mortuam postridie.
At illa, vires ut refecit languidas,
Veloci saltu fovea sese liberat
Et in cubile concito properat gradu.
Paucis diebus interpositis provolat,
Pecus trucidat, ipsos pastores necat,
Et cuncta vastans saevit irato impetu.
Tum sibi timentes qui ferae pepercerant
Damnum haut recusant, tantum pro vita rogant.
At illa: “Memini quis me saxo petierit,
Quis panem dederit; vos timere absistite;
Illis revertor hostis qui me laeserunt.”*



2. A pantera e os pastores.

Pelos desprezados costuma ser obtida parelha graça.
A pantera imprudente um dia num fosso caiu.
Vieram os camponeses; uns os bastões ajuntam,
Outros carregam seixos; alguns, ao contrário, compadecidos
Da moribunda, então, posto que ninguém a lesara,
Jogaram-lhe pão para o espírito sustentar.
A noite sobreveio; vão para casa, seguros,
Como se no dia seguinte a encontrassem morta.
Mas como ela suas lânguidas forças recobrasse,
Com veloz salto do fosso se libera
E ao covil com acelerado passo se apresta.
Intercorridos poucos dias, ela correndo avança,
O gado trucida, aos próprios pastores assassina,
E tudo devastando se encarnaça com irritado ímpeto.
Então, por si temendo, os que à fera pouparam
O dano não recusam, somente pela vida rogam.
Mas ela: “Lembro de quem com seixo me atacou,
Quem pão deu; deixai de temer;
Volto-me para os inimigos que me lesaram.”



3. *Aesopus et rusticus*

*Usu peritus hariolo veracior
Vulgo perhibetur; causa sed non dicitur,
Notescet quae nunc primum fabella mea.
Habenti cuidam pecora perpererunt oves
Agnos humano capite. Monstro territus
Ad consulendos currit maerens hariolos.
Hic pertinere ad domini respondet caput,
Et avertendum victima periculum.
Ille autem adfirmat coniugem esse adulteram
Et insitivos significari liberos,
Sed expiari posse maiore hostia.
Quid multa? Variis dissident sententiis,
Hominisque curam cura maiore adgravant.
Aesopus ibi stans, naris emunctae senex,
Natura numquam verba cui potuit dare,
“Si procurare vis ostentum, rustice,
Uxores” inquit “da tuis pastoribus.”*



3. Esopo e o camponês.

Pela prática instruído o adivinho mais verdadeiro
Narra-se o vulgo ser, mas o motivo não se diz,
Que primeiramente agora se torna conhecida pela anedota minha.
A certo endinheirado um bando de ovelhas gerara
Cordeiros com cabeça humana. Pelo prodígio estarecido,
Afligindo-se, corre para os adivinhos consultar.
Este responde que à cabeça do senhor se refere,
E o perigo com uma vítima se deve afastar.
Aquele, contudo, afirma ser adúltera a esposa
E se anunciar como ilegítimos os filhos,
Mas se pode expiar com uma oferenda maior.
Para que mais? Em vários pareceres divergem
E com maior cuidado o cuidado do homem agravam.
Esopo ali estando, velho de fino trato⁶⁶,
A quem a Natureza nunca palavras pôde dar:
“Se o portento queres procurar, camponês,
Mulheres”, diz, “dá a teus pastores.”



66 Em latim, nariz assoado (*naris emuncta*), isto é, polido, fino.

4. *Lanius et simius*

*Pendere ad lanium quidam vidit simium
Inter reliquas merces atque opsonia;
Quaesivit quidnam saperet. Tum lanius iocans
“Quale” inquit “caput est, talis praestatur sapor.”
Ridicule magis hoc dictum quam vere aestimo;
Quando et formosos saepe inveni pessimos,
Et turpi facie multos cognovi optimos.*

4. O açougueiro e o símio.

Viu alguém no açougueiro pendurado um símio
Entre as demais mercadorias e alimentos;
Perguntou que sabor tinha. Então, o açougueiro brincando:
“Tal qual é a cabeça” diz “é o seu sabor”.
Mais espirituoso é este dito do que certo estimo;
Assim como formosos muitas vezes encontrei os piores,
Assim também com torpe rosto conheci muitos melhores.



5. *Aesopus et petulans*

Successus ad perniciem multos devocat.

Aesopo quidam petulans lapidem impegerat.

“Tanto” inquit “melior!” Assem deinde illi dedit

Sic prosecutus: “Plus non habeo mehercule,

Sed unde accipere possis monstrabo tibi.

Venit ecce dives et potens; huic similiter

Inpinge lapidem, et dignum accipies praemium.”

Persuasus ille fecit quod monitus fuit,

Sed spes fefellit impudentem audaciam;

Comprensus namque poenas persolvit cruce.



5. Esopo e o petulante.

O sucesso à perdição muitos convida.

Em Esopo certo petulante uma pedra atirara.

“Tanto melhor!” Diz. Depois um centavo⁶⁷ lhe deu,

E assim prosseguiu: “Mais não tenho, por minha fé,

Mas onde podes receber mais te mostrarei.

Vem esse, rico e potente; a ele semelhantemente

Atira uma pedra, e um digno prêmio receberás.”

67 Asse era uma moeda romana de pouquíssimo valor, equivalente ao centavo.

Persuadido, ele fez aquilo de que foi advertido,
Mas, a esperança a imprudente audácia enganou;
Com efeito, preso à cruz⁶⁸, o castigo pagou.

6. *Musca et mula*

Musca in temone sedit et mulam increpans
“*Quam tarda es*” inquit “*non vis citius progredi?*
Vide ne dolone collum conpungam tibi.”
Respondit illa: “Verbis non moveor tuis;
Sed istum timeo sella qui prima sedens
Cursum flagello temperat lento meum,
Et ora frenis continet spumantibus.
Quapropter aufer frivolum insolentiam;
Nam et ubi tricandum et ubi sit currendum scio.”
Hac derideri fabula merito potest
Qui sine virtute vanas exercet minas.



68 Forma de castigo imputada aos escravos ou estrangeiros e, em época imperial, aos bandidos livres.

6. A mosca e a mula.

A mosca no timão senta e tangendo a mula:

“Como és lenta!” Diz. “Não queres mais depressa avançar?”

Cuida que com um ferrão teu colo eu não pique.”

Responde ela: “Com tuas palavras não me comovo;

Mas temo esse preceptor que, sentado primeiro na sela,

Minha marcha tempera com lento flagelo,

E a boca contém com freios espumantes⁶⁹.

Por isso, retira a frívola insolência;

Pois sei quando se deve trapacear e quando correr.”

Com esta fábula merecidamente de pode rir

De quem, sem virtude, vãs ameaças nutre.



7. *Lupus ad canem*

Quam dulcis sit libertas breviter proloquar.

Cani perpasto macie confectus lupus

Forte occucurrit; dein, salutati invicem

Ut restiterunt, “Vnde sic, quaeso, nites?

Aut quo cibo fecisti tantum corporis?

Ego, qui sum longe fortior, pereo fame.”

⁶⁹ A boca do cavalo é que espuma por conta do atrito dos freios.

*Canis simpliciter: “Eadem est condicio tibi,
Praestare domino si par officium potes.”
“Quod?” inquit ille. “Custos ut sis liminis,
A furibus tuearis et noctu domum.
Adfertur ultro panis; de mensa sua
Dat ossa dominus; frustra iactat familia,
Et quod fastidit quisque pulmentarium.
Sic sine labore venter impletur meus.”
“Ego vero sum paratus: nunc patior nives
Imbresque in silvis asperam vitam trahens.
Quanto est facilius mihi sub tecto vivere,
Et otiosum largo satiari cibo!”
“Veni ergo mecum.” Dum procedunt, aspicit
Lupus a catena collum detritum cani.
“Unde hoc, amice?” “Nil est.” “Dic, sodes, tamen.”
“Quia videor acer, alligant me interdum,
Luce ut quiescam, et vigilem nox cum venerit:
Crepusculo solutus qua visum est vagor.”
“Age, abire si quo est animus, est licentia?”
“Non plane est” inquit. “Fruere quae laudas, canis;
Regnare nolo, liber ut non sim mihi.”*



7. O lobo ao cão.

Quão doce é a liberdade brevemente declararei.

A um cão bem nutrido, pela magreza consumido, um lobo

Acaso ocorreu; daí, mutuamente se cumprimentando

Quando pararam: “Pergunto, donde acaso a boa saúde?

Ou com que comida ganhaste tamanho corpo?

Eu, que de longe sou mais forte, de fome pereço.”

O cão, simplesmente: “A mesma condição podes ter,

Se ao senhor parelho ofício puderes prestar.”

“Qual?” Diz ele. “Seres guardião do limiar,

E dos ladrões à noite a casa defenderes.”

“De fato, estou preparado; agora suporto as neves

E as chuvas nas selvas, árdua vida levando;

Quão mais facilmente é para mim sob um teto viver

E, ocioso, por farta comida me saciar!”

“Então, vem comigo.” Enquanto avançam, observa

O lobo por uma corrente o colo destruído do cão⁷⁰.

“Donde isto, amigo?” “Não é nada.” “Mas, dize, companheiro.”

“Porque forte pareço, prendem-me durante o dia,

Para que à luz do dia descanse, e vigie quando vier a noite;

⁷⁰ A corrente presa ao pescoço simbolizava a escravidão. A oposição lobo/livre x cão/preso faz referência ao fato de que é melhor ser pobre e livre do que rico e preso.



Ao crepúsculo solto por onde me parecer eu vago.
 De mais, me trazem pão; de sua mesa
 O senhor dá ossos; bocados joga a criadagem
 E, porque se enfastia alguém, também manjar.
 Assim, sem trabalho, o ventre meu se enche.”
 “Agora, se te dá no ânimo ir, tens permissão?”
 “Absolutamente não tenho”, diz. “Usufriui o que exaltas, cãõ;
 Reinara não quero, onde livre eu não esteja.”

8. *Soror ad fratrem*

*Praecepto monitus saepe te considera.
 Habebat quidam filiam turpissimam,
 Idemque insignem pulchra facie filium.
 Hi speculum, in cathedra matris ut positum fuit,
 Pueriliter ludentes forte inspexerunt.
 Hic se formosum iactat; illa irascitur
 Nec glorientis sustinet fratris iocos,
 Accipiens – quid enim? – Cuncta in contumeliam.
 Ergo ad patrem decurrit laesura invicem,
 Magnaque invidia criminatur filium,
 Vir natus quod rem feminarum tetigerit.*



*Amplexus ille utrumque et carpens oscula
Dulcemque in ambos caritatem partiens,
“Cotidie” inquit “speculo vos uti volo,
Tu formam ne corrumpas nequitiae malis,
Tu faciem ut istam moribus vincas bonis.”*

8. A irmã ao irmão.

Por um preceito advertido muitas vezes te examina.
Tinha certo alguém uma filha muito feia,
E também um filho insigne de belo rosto.
Estes a um espelho⁷¹, que na poltrona⁷² da mãe foi pousado,
Puerilmente brincando acaso o inspecionaram.
Este formoso se gaba; aquela se irrita
E os gracejos do irmão se gloriando não suporta,
Aceitando – pois quê? – tudo como insulto.
Por isso, ao pai desce correndo por sua vez lesada,

71 O espelho, originalmente confeccionado em cobre, estanho ou prata, comumente referido na literatura como um objeto ambivalente, que reflete a beleza e a feiura. Apuleio (*De mag.* 15) menciona que Sócrates já exortava os jovens a constantemente se observarem no espelho para que os que se vissem belos não se deixassem levar pela desonestidade; por sua vez, os feios deveriam redobrar a atenção com as qualidades morais para equilibrar suas qualidades físicas.

72 A poltrona (*cathedra*) era uma cadeira usada pelas mulheres, geralmente com apoio para os pés.



E por grande inveja o filho é incriminado,
Porque filho homem um objeto feminino tocara.
Ele um e outro abraçou e beijos colhendo,
Com ambos doce ternura partilhando:
“Cotidianamente” diz “quero que o espelho useis,
Tu para a imagem com os males da injustiça não corromperes,
Tu para esse rosto com bons costumes enfeitares.”

9. Socrates ad amicos

*Vulgare amici nomen sed rara est fides.
Cum parvas aedes sibi fundasset Socrates
(cuius non fugio mortem si famam adsequar,
Et cedo invidiae dummodo absolvar cinis),
Ex populo sic nescioquis, ut fieri solet:
“Quaeso, tam angustam talis vir ponis domum?”
“Utinam” inquit “veris hanc amicis impleam!”*

9. Sócrates aos amigos.

Comum é o nome de amigo, mas rara é a fidelidade.
Como uma pequena casa Sócrates para si edificasse



(De cuja morte eu não fujo, se sua fama eu alcançar
 E à inveja cedo, contanto que como cinza eu termine),
 Assim não sei quem do povo, como costuma ocorrer:
 “Por gentileza, tão angusta casa, tamanho homem, constróis?”⁷³
 “Oxalá” diz “de verdadeiros amigos eu a enchesse!”

10. *Poeta de credere et non credere*

Periculosum est credere et non credere.

Utriusque exemplum breviter adponam rei.

Hippolytus obiit, quia novercae creditum est;

Cassandrae quia non creditum, ruit Ilium.

Ergo exploranda est veritas multum, prius

Quam stulte prava iudicet sententia.

Sed, fabulosam ne vetustatem eleves,

Narrabo tibi memoria quod factum est mea.

Maritus quidam cum diligeret coniugem,

Togamque puram iam pararet filio,

Seductus in secretum a liberto est suo,

Sperante heredem suffici se proximum.

Qui, cum de puero multa mentitus foret

⁷³ Era notória a pequenez da morada de Sócrates.



*Et plura de flagitiis castae mulieris,
Adiecit, id quod sentiebat maxime
Doliturum amanti, ventitare adulterum
Stuproque turpi pollui famam domus.
Incensus ille falso uxoris crimine
Simulavit iter ad villam, clamque in oppido
Subsedit; deinde noctu subito ianuam
Intravit, recta cubiculum uxoris petens,
In quo dormire mater natum iusserat,
Aetatem adultam servans diligentius.
Dum quaerunt lumen, dum concursant familia,
Irae furentis impetum non sustinens
Ad lectum vadit, temptat in tenebris caput.
Ut sentit tonsum, gladio pectus transigit,
Nihil respiciens dum dolorem vindicet.
Lucerna adlata, simul adspexit filium
Sanctamque uxorem dormientem <illum prope>,
Sopita primo quae nil somno senserat,
Representavit in se poenam facinoris
Et ferro incubuit quod credulitas strinxerat.
Accusatores postularunt mulierem,
Romamque pertraxerunt ad centumviros.*



*Maligna insontem deprimit suspicio,
Quod bona possideat. Stant patroni fortiter
Causam tuentes innocentis feminae.
A divo Augusto tum petiere iudices
Ut adiuuaret iuris iurandi fidem,
Quod ipsos error implicuisset criminis.
Qui postquam tenebras dispulit calumniae
Certumque fontem veritatis repperit,
“Luat” inquit “poenas causa libertus mali;
Namque orbam nato simul et privatam viro
Miserandam potius quam damnandam existimo.
Quod si delata perscrutatus crimina
Paterfamilias esset, si mendacium
Subtiliter limasset, a radicibus
Non evertisset scelere funesto domum.”
Nil spernat auris, nec tamen credat statim,
Quandoquidem et illi peccant quos minime putes,
Et qui non peccant inpugnantur fraudibus.
Hoc admonere simplices etiam potest,
Opinione alterius ne quid ponderent.
Ambitio namque dissidens mortalium
Aut gratiae subscribit aut odio suo.*



*Erit ille notus quem per te cognoveris.
Haec exsecutus sum propterea pluribus,
Brevitate nimia quoniam quosdam offendimus.*

10. O poeta sobre crer e não crer.

Perigoso é crer e não crer.

De um e outro assunto um exemplo brevemente exporei.

Hipólito⁷⁴ morreu, porque à madrasta crédito deu;

Cassandra⁷⁵ porque não acreditou, Troia ruiu.

Portanto, deve-se explorar muito a verdade, antes

Que tolamente com precipitada sentença julgue.

Mas, para que uma fabulosa velhice não eleves,

O que de minha memória se fez te narrarei.

Como certo marido a esposa estimasse,

E para o filho a toga branca⁷⁶ já preparasse,

74 Hipólito era filho de Teseu com a amazona Hipólita. Teseu, em verdade, era casado com Fedra, que se apaixonou pelo enteado. Como não foi correspondida, ela falsamente o acusou de seduzi-la e seu pai rogou a Poseidon que lhe vingasse.

75 Cassandra era filha do rei Príamo. Por ter caluniado Apolo, de quem recebera o dom da profecia, fora punida com o descrédito de suas previsões, dentre as quais se conta a premonição sobre a destruição de Troia, caso aceitassem o cavalo de madeira, presente dos gregos.

76 Assim que chegavam aos 16 anos, os jovens romanos envergavam a toga branca, simbolizando seu ingresso na vida pública.



Em segredo por um liberto⁷⁷ seu à parte foi chamado,
Na esperança de ser apresentado como herdeiro próximo.
Como sobre o menino muito aquele mentisse
E mais sobre os opróbios da casta mulher,
Acrescentou o que especialmente conhecia
Ao amador afligiria; frequentemente vinha o amante
E com torpe desonra a reputação da casa se manchava.
Incendiado aquele pelo falso crime da esposa,
Simulou ir à vila e secretamente na cidade
Ficou; depois, à noite, de súbito pela porta
Entrou diretamente, o quarto da esposa procurando,
Onde a mãe o filho ordenara dormir,
A idade adulta mais atentamente observando.
Enquanto uma lâmpada procuram, enquanto a criadagem ocorre,
O ímpeto de delirante ira não sustentando
Até o leito vai, uma cabeça nas trevas tateia.
Como o cabelo sente, com o gládio o peito trespassa,
Nada entrevendo, enquanto a sua dor vinga⁷⁸.
Levado o lampião, assim que avistou o filho
E a virtuosa esposa <ao lado dele> dormindo,

77 Um ex-escravo, que comumente continuava servindo ao antigo dono mediante pagamento, fazendo trabalhos mais leves. Assim, ele poderia até acumular riquezas.

78 Até fins da República, era permitido ao marido matar a esposa e seu amante para vingar sua honra.



Que, antes adormecida, durante o sono nada sentira,
A si apresentou a pena do crime
E sobre a espada inclinou o que a credulidade sujeitara.
Os acusadores a esposa processaram,
E a Roma aos centúviro⁷⁹ a arrastaram.
Maligna suspeição a inocente abateu,
Porque bens possui. Os defensores fortemente perseveraram
A causa defendendo da mulher inocente.
Do divino Augusto⁸⁰, então, os juízes pediram
Que a promessa do juramento sustentasse,
Pois que aos próprios o erro pelo crime implicasse.
Depois que as trevas da calúnia ele dissipou
E a fonte certa da verdade reconheceu:
“Pague” diz “as penas do mal o liberto;
Pois do filho orfanada e simultaneamente do marido privada,
Mais miseranda que condenada lhe estimo.
Pois se os delatados crimes perscrutado tivesse
O pai de família, se a mentira
Sutilmente deslindasse, pelas raízes,
Com funesto crime a casa não destruiria.”
Nada o ouvido despreze, nem, enfim, logo creias,

79 Magistrados encarregados de julgar os processos relativos a heranças e propriedades.

80 O juiz máximo, que observa a cena e pronuncia a sentença justa.



Visto que pecam aqueles que minimamente julgas,
 E os que não pecam de fraudes são impugnados.
 Isto aos simples também pode advertir,
 Que da opinião alheia nada ponderem;
 Pois a ambição dos mortais divergindo
 Quer à sua graça, quer ao seu ódio subscreve;
 Será conhecido aquele que por ti conheceres.
 Por causa de muitos isto expus,
 Porque por demasiada brevidade alguns ofendemos⁸¹.



11. *Eunuchus ad improbum*

*Eunuchus litigabat cum quodam improbo,
 Qui super obscena dicta et petulans iurgium
 Damnum insectatus est amissi corporis.
 “En” ait “hoc unum est cur laborem validius,
 Integritatis testes quia desunt mihi.
 Sed quid Fortunae, stulte, delictum arguis?
 Id demum est homini turpe quod meruit pati.”*

81 Menção ao fato de que muitos consideravam a fábula um gênero menor por sua brevidade. No entanto, vale lembrar que por várias vezes Fedro não relaciona a ‘brevidade’ (*breuitas*) com a extensão, mas sim com a simplicidade de seus temas.

11. O eunuco ao imprudente.

Como o eunuco⁸² com certo imprudente litigasse,
 Que, insolente, sobre ditos obscenos e uma querela
 O dano por um corpo perdido contra-atacou.
 “Ei”, diz, “só por isso eu padeço mais fortemente,
 Porque testemunhas de minha integridade me faltam.
 Mas, tolo, por que delito à Fortuna acusas?
 Torpe ao homem é, decerto, o que mereceu sofrer.”

12. *Pullus ad margaritam*

*In sterculino pullus gallinacius
 Dum quaerit escam margaritam repperit.
 “Iaces indigno quanta res” inquit “loco!
 Hoc si quis pretii cupidus vidisset tui,
 Olim redisses ad splendorem pristinum.
 Ego quod te inveni, potior cui multo est cibus,
 Nec tibi prodesse nec mihi quicquam potest.”
 Hoc illis narro qui me non intellegunt.*

82 Escravo castrado, geralmente malvisto pelos romanos no período da República. Em número mais numeroso durante o Império, vigiavam os leitos nupciais.



12. O frango à pérola.

Na estrumeira um franguinho,
Enquanto uma isca procura, uma pérola encontra.
“Tamanha preciosidade!” Diz “Em indigno lugar jazes!
Isto se alguém visse, de teu preço cobiçoso,
Um dia ao esplendor primeiro tornarias.
Eu, por que te encontrei, a quem muito mais vale a comida,
Nem posso ser útil a ti nem isso a mim.”
Isto narro àqueles que não me entendem.

13. *Apes et fuci vespa iudice*

*Apes in alta fecerant quercu favos.
Hos fuci inertes esse dicebant suos.
Lis ad forum deducta est, vespa iudice;
Quae, genus utrumque nosset cum pulcherrime,
Legem duabus hanc proposuit partibus:
“Non inconueniens corpus et par est color,
In dubium plane res ut merito venerit.
Sed, ne religio peccet inprudens mea,
Alvos accipite et ceris opus infundite,
Ut ex sapore mellis et forma favi,*



De quis nunc agitur, auctor horum appareat.”

Fuci recusant, apibus condicio placet.

Tunc illa talem rettulit sententiam:

“Apertum est quis non possit et quis fecerit.

Quapropter apibus fructum restituo suum.”

Hanc praeterissem fabulam silentio,

Si pactam fuci non recusassent fidem.

13. As abelhas e os moscardos, sendo a vespa juiz.

As abelhas no alto do carvalho favos fizeram;

Estes os inertes moscardos seus diziam ser⁸³.

A luta ao tribunal foi conduzida, sendo a vespa juiz;

Como esta uma e outra raça perfeitamente conhecesse,

Tal lei às duas partes propôs:

“Não é discordante o corpo e é igual a cor,

Claramente e com razão o fato à dúvida viera.

Mas, para que minha consciência imprudente não peque,

Os cortiços aceitai e nos favos de mel o trabalho vertei,

Para que, pelo sabor do mel e pela forma do favo,

83 É possível entrever aqui uma referência a Fedro como abelha e à sua obra como os favos, que agradam a todos. Por sua vez, os moscardos seriam os plagiários, que usavam suas narrativas sem nenhum pagamento por elas.



De quem agora se trata, destes o autor irá aparecer.”
Os moscardos recusam, às abelhas a condição satisfaz.
Então, ela com esta sentença reverberou:
“Está patente quem não pode e quem produzira,
Por isso, às abelhas seu fruto restituo.”
Em silêncio esta fábula eu passaria,
Se a palavra pactuada os moscardos não recusassem.

14. *De lusu et severitate*

*Puerorum in turba quidam ludentem Atticus
Aesopum nucibus cum vidisset, restitit,
Et quasi delirum risit. Quod sensit simul
Derisor potius quam deridendus senex,
Arcum retensum posuit in media via:
“Heus” inquit “sapiens, expedi quid fecerim.”
Concurrit populus. Ille se torquet diu,
Nec quaestionis positae causam intellegit.
Novissime succumbit. Tum victor sophus:
“Cito rumpes arcum, semper se tensum habueris;
At si laxaris, cum voles erit utilis.”
Sic lusus animo debent aliquando dari,
Ad cogitandum melior ut redeat tibi.*



14. Sobre os prazeres e a severidade.

Como na turba de crianças certo ateniense a Esopo
Brincando com nozes⁸⁴ visse, parou,
E feito louco riu. Logo que isto sentiu,
Escarnecedor mais que escarnecido o velho,
Um arco distendido no meio da rua pousou:
“Olha!” Diz “sábio, resolve por que isso fiz.”
Acorre o povo. Por muito tempo ele se tortura,
E o motivo da questão posta não entende.
Sucumbe, afinal. Então, o sábio vencedor:
“Logo o arco romperás, se sempre tenso o tiveres;
Mas, se o relaxares, quando quiseres útil te será.”
Assim os prazeres ao ânimo, de vez em quando, devem se dar,
Para cogitar melhor quando a ti voltares.



15. *Canis ad agnum*

Inter capellas agno palanti canis
“*Stulte*” inquit “*erras; non est hic mater tua,*”
Ovesque segregatas ostendit procul.
“*Non illam quaero quae cum libitum est concipit,*

⁸⁴ O jogo de nozes era comum entre as crianças.

*Dein portat onus ignotum certis mensibus,
Novissime prolapsam effundit sarcinam;
Verum illam quae me nutrit admoto ubere,
Fraudatque natos lacte ne desit mihi.”
“Tamen illa est potior quae te peperit.” “Non ita.
Beneficium sane magnum natali dedit,
Ut expectarem lanium in horas singulas!
Unde illa scivit niger an albus nascerer?
Age porro, parere si voluisset feminam,
Quid profecisset cum crearer masculus?
Cuius potestas nulla in gignendo fuit,
Cur hac sit potior quae iacentis miserita est,
Dulcemque sponte praestat benevolentiam?
Facit parentes bonitas, non necessitas.”
[His demonstrare voluit auctor versibus
Obsistere homines legibus, meritis capi.]*

15. O cão ao cordeiro.

A um cordeiro errando entre as cabrinhas o cão:
“Tolamente” diz “erras; aqui não está a tua mãe”;
E as ovelhas segregadas ao longe mostra.



“Não procuro aquela que, quando lhe apraz, concebe,
Depois o desconhecido ônus nos meses fixados traz,
Afinal, a carga nascida despeja;
De fato, uma que aproximando o úbere me nutre,
E suas crias do leite priva, não me falta.”
“Contudo, é melhor a que te pariu.” “Não é assim.
Acaso ela soube se negro ou branco eu nasceria?
Ora vejamos: se parir fêmea quisesse,
De que adiantaria, quando macho eu nasci?
Benefício muito grande ao nascido deu,
Que a cada hora o açougueiro eu esperasse!
Seu poder na geração nulo foi,
Por que é melhor que aquela, que do jacente se apiedou
E doce afeição espontaneamente emprestou?
Torna pais a bondade, não a necessidade.”
[Por estes versos quis o autor demonstrar
Que resistem os homens às leis pelos méritos são cativados.]⁸⁵



85 Provavelmente estes são versos espúrios, que se encontram em coleções medievais.

16. Cicada et noctua

Humanitati qui se non accommodat
Plerumque poenas oppetit superbiae.
Cicada acerbum noctuae convicium
Faciebat, solitae victum in tenebris quaerere
Cavoque ramo capere somnum interdiu.
Rogata est ut taceret. Multo validius
Clamare occepit. Rursus admota prece
Accensa magis est. Noctua, ut vidit sibi
Nullum esse auxilium et verba contemni sua,
Hac est adgressa garrulam fallacia:
“Dormire quia me non sinunt cantus tui,
Sonare citharam quos putes Apollinis,
Potare est animus nectar, quod Pallas mihi
Nuper donavit; si non fastidis, veni;
Una bibamus.” Illa, quae arebat siti,
Simul gaudebat vocem laudari suam,
Cupide advolavit. Noctua, obsepto cavo,
Trepidantem consecrata est et leto dedit.
Sic, viva quod negarat, tribuit mortua.



16. A cigarra e a coruja.

Quem à humanidade não se acomoda,
Geralmente as penas da soberba suporta.
A cigarra aguda gritaria⁸⁶ à coruja
Fazia, acostumada a sustento nas trevas procurar
E de dia num buraco do ramo a pegar no sono.
Foi solicitada a se calar. Muito mais fortemente
A gritar principiou. De novo, pela prece dirigida
Mais foi instigada. A coruja, como visse que
Seu auxílio era nenhum e suas palavras fossem desprezadas,
Com esta falsidade a ruidosa agrediu:
“Porque dormir os cantos teus não me deixam,
Julgando a cítara de Apolo soar,
Penso beber o néctar que Palas⁸⁷ a mim
Um dia dou; se não te dá fastio, vem;
Juntas bebamos.” Aquela, que de sede ardia,
Logo se alegrou por sua voz ser elogiada,
Avidamente foi voando. Impedido o buraco, a coruja
A tremelicante acossou e à morte levou.
Assim, o que viva negara, morta concedeu.

86 As cigarras representam os maus poetas, que se aglomeravam pelas ruas, aos gritos, tentando vender seus poemas, como bem alude Petrônio, no *Satiricon*.

87 A coruja era o animal símbolo de Palas Atena/Minerva.



17. *Arbores in deorum tutela*

*Olim quas vellent esse in tutela sua
Divi legerunt arbores. Quercus Iovi,
At myrtus Veneri placuit, Phoebo laurea,
Pinus Cybebae, populus celsa Herculi.
Minerva admirans quare steriles sumerent
Interrogavit. Causam dixit Iuppiter:
“Honorem fructu ne uideamur vendere.”
“At mehercules narrabit quod quis voluerit,
Oliva nobis propter fructum est gratior.”
Tum sic deorum genitor atque hominum sator:
“O nata, merito sapiens dicere omnibus.
Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.”
Nihil agere quod non prosit fabella admonet.*



17. As árvores em tutela dos deuses.

Outrora, as árvores que quissem ter sob sua tutela
Os deuses escolheram. O carvalho⁸⁸ a Júpiter,

88 Por sua cor escura, o carvalho representa o céu nublado, morada de Júpiter.

Mas a murta⁸⁹ a Vênus agradou; a Febo o loureiro⁹⁰,
O pinheiro⁹¹ a Cibele, o excelso choupo⁹² a Hércules.
Minerva, admirando por que as estéreis assumissem,
Interrogou. O motivo disse Júpiter:
“Para que pelo fruto a honra não pareçamos vender.”
“Mas, por minha fé, alguém narrará o que quiser,
A oliveira⁹³, por causa do fruto, me é mais grata.”
Então, assim o pai dos deuses e criador dos homens:
“Filha, mercedamente sábia dentre todos te chamam:
Se não é útil o que fazemos, tola é a glória.”
Nada fazer que não seja útil a anedota adverte.



89 Após nascer das espumas do mar, Vênus teria se aproximado da costa e percebido sua nudez. Recolheu uma folha de murta com a qual se cobriu e, a partir daí, tornou-se sua planta preferida, sendo associada ao erotismo.

90 Febo Apolo foi punido por Cupido por zombar dele, sendo atingido por uma flecha que o deixou perdidamente apaixonado pela ninfa Dafne; por sua vez, o desprezo fora incutido em Dafne que, ao fugir desesperadamente, rogou aos deuses que a ajudassem. Assim, ela foi transformada em loureiro, cujas folhas Apolo trançou e fez uma coroa.

91 O pinheiro era uma árvore utilizada no culto a Cibele. Símbolo funerário e fálico, representava a mutilação de Átis, que teria se castrado embaixo do pinheiro.

92 Outro símbolo funerário, o choupo passou a ser usado como coroa por Hércules após o seu retorno dos Infernos.

93 A oliveira foi o presente de Minerva aos atenienses, que assim a fizeram protetora da cidade.

18. Pavo ad Iunonem de voce sua

*Pavo ad Iunonem venit, indigne ferens
Cantus luscini quod sibi non tribuerit;
Illum esse cunctis auribus mirabilem,
Se derideri simul ac vocem miserit.
Tunc consolandi gratia dixit dea:
“Sed forma vincis, vincis magnitudine;
Nitor smaragdi collo praeifulget tuo,
Pictisque plumis gemmeam caudam explicas.”
“Quo mi” inquit “mutam speciem si vincor sono?”
“Fatorum arbitrio partes sunt vobis datae;
Tibi forma, vires aquilae, luscini melos,
Augurium corvo, laeva cornici omina;
Omnesque propriis sunt contentae dotibus.
Noli adfectare quod tibi non est datum,
Delusa ne spes ad querelam reccidat.”*

18. O pavão a Juno sobre sua voz.

O pavão vem a Juno, indignamente referindo
Porque o canto do rouxinol não lhe fora atribuído;
A todos os ouvidos admirável ele era,



Mas foi escarnecido assim que a voz soltara.
Então, a fim de consolar, a deusa disse:
“Mas, na beleza vences, vences em grandeza;
O brilho da esmeralda em teu colo resplandece,
E com pintadas plumas ornada cauda desdobras.”⁹⁴
“De que me serve” diz “o mudo aspecto, se pelo som sou vencido?”
“Por arbítrio do destino as partes a vós são dadas;
A ti a beleza, a força à águia, ao rouxinol a melodia,
O augúrio ao corvo⁹⁵, à gralha o leviano agouro;
E todas de seus próprios dotes estão contentes.
Não ambiciones o que não te foi dado,
Para que a iludida esperança em queixa não reincida.”



19. Aesopus respondet garrulo

*Aesopus domino solus cum esset familia,
Parare cenam iussus est maturius.
Ignem ergo quaerens aliquot lustravit domus,
Tandemque invenit ubi lucernam accenderet,
Tum circumeunti fuerat quod iter longius
Effecit brevius: namque recta per forum*

94 Juno apetrechara o pavão com os cem olhos de Argos, representados pelos olhos de sua cauda.

95 Considerava-se que o voo do corvo à direita era sinal de bom presságio e à esquerda, de mau augúrio.

*Coepit redire. Et quidam e turba garrulus:
“Aesope, medio sole quid tu lumine?”
“Hominem” inquit “quaero,” et abiit festinans domum.
Hoc si molestus ille ad animum rettulit,
Sensit profecto se hominem non visum seni,
Intempestive qui occupato adluserit.*

19. Esopo responde ao ruidoso.

Como Esopo fosse a única criadagem de um senhor,
A preparar o jantar mais cedo foi ordenado.
Logo, procurando fogo, algumas casas percorreu,
E, alfim, encontrou onde a lanterna pudesse acender;
Então, porque, circundando, tomara um caminho mais longo,
Fez um mais curto; e, pois, por via reta pelo fórum
Começou a voltar. Mas certo ruidoso da turba:
“Esopo, por que ao meio dia com lúmen estás?”
“Um homem” diz “eu procuro”⁹⁶, e se apressando para casa foi.
Se isto no ânimo aquele importuno reteve,
Sem dúvida, sentiu que ao velho um homem não pareceu,
Que intempestivamente com um ocupado brincara.

⁹⁶ Alusão ao filósofo Diógenes, que dizia estar à procura de um verdadeiro homem, digno e conhecedor dos bons valores.



Epilogus

Supersunt mihi quae scribam, sed parco sciens:

Primum, esse videar ne tibi molestior,

Distringit quem multarum rerum varietas;

Dein, si quis eadem forte conari velit,

Habere ut possit aliquid operis residui;

Quamvis materiae tanta abundet copia,

Labori faber ut desit, non fabro labor.

Brevitatis nostrae praemium ut reddas peto

Quod es pollicitus; exhibe vocis fidem.

Nam vita morti propior est cotidie;

Et hoc minus redibit ad me muneris,

Quo plus consumet temporis dilatio.

Si cito rem perages, usus fiet longior;

Fruar diutius si celerius coepero.

Languentis aevi dum sunt aliquae reliquiae,

Auxilio locus est: olim senio debilem

Frustra adiuvaré bonitas nitetur tua,

Cum iam desierit esse beneficio utilis,

Et Mors vicina flagitabit debitum.

Stultum admovere tibi preces existimo,

Proclivis ultro cum sis misericordiae.



*Saepe impetravit veniam confessus reus:
Quanto innocenti iustius debet dari?
Tuae sunt partes; fuerunt aliorum prius;
Dein simili gyro vunient aliorum vices.
Decerne quod religio, quod patitur fides,
Ut gratuler me stare iudicio tuo.
Excedit animus quem proposui terminum,
Sed difficulter continetur spiritus,
Integritatis qui sinceræ conscius
A noxiorum premitur insolentiis.
Qui sint, requiris? Apparebunt tempore.
Ego, quondam legi quam puer sententiam
“Palam muttire plebeio piaculum est,”
Dum sanitas constabit, pulchre meminero.
Epilogus
Supersunt mihi quae scribam, sed parco sciens:
Primum, esse videar ne tibi molestior,
Distingit quem multarum rerum varietas;
Dein, si quis eadem forte conari velit,
Habere ut possit aliquid operis residui;
Quamvis materiae tanta abundet copia,
Labori faber ut desit, non fabro labor.*



*Brevitatis nostrae praemium ut reddas peto
Quod es pollicitus; exhibe vocis fidem.
Nam vita morti propior est cotidie;
Et hoc minus redibit ad me muneris,
Quo plus consumet temporis dilatio.
Si cito rem perages, usus fiet longior;
Fruar diutius si celerius coepero.
Languentis aevi dum sunt aliquae reliquiae,
Auxilio locus est: olim senio debilem
Frustra adiuvaré bonitas nitetur tua,
Cum iam desierit esse beneficio utilis,
Et Mors vicina flagitabit debitum.
Stultum admovere tibi preces existimo,
Proclivis ultro cum sis misericordiae.
Saepe impetravit veniam confessus reus:
Quanto innocenti iustius debet dari?
Tuae sunt partes; fuerunt aliorum prius;
Dein simili gyro vunient aliorum vices.
Decerne quod religio, quod patitur fides,
Ut gratuler me stare iudicio tuo.
Excedit animus quem proposui terminum,
Sed difficulter continetur spiritus,*



*Integritatis qui sinceræ conscius
A noxiorum premitur insolentiis.
Qui sint, requiris? Apparebunt tempore.
Ego, quondam legi quam puer sententiam
“Palam muttire plebeio piaculum est,”
Dum sanitas constabit, pulchre meminero.*

Epílogo.

Restam-me coisas a escrever, mas, disso sabendo, me poupo:
Primeiro para não te parecer mais importuno,
A quem a variedade de muitas coisas distrai;
Depois, se alguém as mesmas, acaso, quiser tentar,
Que algum trabalho residual possa ter;
Ainda que tamanha seja a riqueza da matéria,
Falta operário para o trabalho, não trabalho para o operário.
Peço que à nossa brevidade dêis o prêmio
Que ofereceste; cumpre a palavra dada.
Pois, cotidianamente, a vida à morte mais se aproxima,
E esta dádiva chegará menos a mim,
Quanto maior for a delonga do tempo.
Se logo o assunto expores, o uso será mais longo;



Usufri por mais tempo, se mais célere eu o escolher.
Enquanto alguns restos do lânguido tempo existem,
Ao auxílio dá lugar; um dia pela velhice fraco
Em vão tua bondade a ajudar se inclinará,
Quando já um benefício útil deixar de ser
E a morte vizinha o débito reclamar.
Dirigir preces a ti uma tolice julgo ser,
Quando à misericórdia sois mais propenso.
Com frequência obtive perdão o réu confesso;
Quanto ao inocente mais justamente deve ser dado?
Teus são os quinhões; de outros antes foram;
Depois, em semelhante giro, as vezes de outros virão.
Decide o que a religião, o que a fé permite,
Para que com teu julgamento eu me felicite estar.
Ultrapassou o ânimo o término que propus,
Mas dificilmente se contém o espírito,
Que, sabedor de sincera integridade,
Pelas insolências dos criminosos é oprimido.
Quem são, indagas? Com o tempo aparecerão.
Eu, um dia, quando menino, li a sentença:
“É sacrilégio para a plebe publicamente murmurar”,
Enquanto o bom senso continuar, disto bem me lembrarei.





Liber quartus

Prologus. Poeta ad Particulonem
Cum destinassem terminum operi statuere,
In hoc ut aliis asset materiae satis,
Consilium tacito corde damnavi <meum>,
Nam si quis etiam talis est tituli <appetens>,
Quo pacto divinabit quidnam omiserim,
Ut illud ipse incipiat famae tradere,
Sua cuique cum sit animi cogitatio
Colorque proprius? Ergo non levitas mihi,
Sed certa ratio causam scribendi dedit.
Quare, Particulo, quoniam caperis fabulis,
(quas Aesopias, non Aesopi, nomino,
Quia paucas ille ostendit, ego plures sero,
Usus vetusto genere sed rebus novis,)
Quartum libellum cum vacaris perleges.
Hunc obtrectare si volet malignitas,
Imitari dum non possit, obtrectet licet.
Mihi parta laus est quod tu, quod similes tui
Vestras in chartas verba transfertis mea,



Dignumque longa iudicatis memoria.

Inlitteratum plausum nec desidero.

Livro 4

Prólogo. O poeta a Particulão⁹⁷.

Como um fim para a obra eu decidisse estabelecer,
De modo a haver matéria suficiente para os outros,
[Minha] decisão no tácito coração rejeitei.

Pois se há alguém <desejoso> de tal título,

Por que meio adivinhará o que acaso eu omitira,

Para que ele mesmo comece a confiar isto à fama,

Visto que cada espírito tem sua comoção

E aspecto particular? Logo, não a lisura,

Mas certo interesse motivo me deu para escrever.

Por isso, Particulão, visto que pelas fábulas és cativado

(as quais esópicas, não de Esopo, eu nomeio,

Porque poucas ele expõe, eu várias crio,

Usufruo do vetusto gênero, mas com assuntos novos),

⁹⁷ Não há menção a nenhum personagem com este nome. Observemos, entretanto, que o vocábulo *particulo*, *-onis* significa “coerdeiro, parceiro”, provável alusão aos que pudessem seguir o estilo fedriano na composição de fábulas. Neste caso, Particulão seriam os herdeiros literários de Fedro, tal qual ele próprio fora de Esopo.



O quarto livrinho, quando livre estiveres, leias até o fim.
Se quiser a maldade a este se opor,
Enquanto não pode imitar, convém se opor.
Foi por mim obtido o louvor, posto que tu, posto que os semelhantes a ti
A vossos papeis minhas palavras transferis,
Como dignas de longa memória julgais.
Iletrado aplauso não desejo.

1. *Asinus et Galli*

*Qui natus est infelix, non vitam modo
Tristem decurrit, verum post obitum quoque
Persequitur illum dura fati miseria.
Galli Cybebes circum in questus ducere
Asinum solebant, baiulantem sarcinas.
Is cum labore et plagis esset mortuus,
Detracta pelle sibi fecerunt tympana.
Rogati mox a quodam, delicio suo
Quidnam fecissent, hoc locuti sunt modo:
“Putabat se post mortem securum fore:
Ecce aliae plagae congeruntur mortuo!”*



1. O asno e os Galos.

Quem infeliz nasceu, não só uma vida
Triste passou, mas depois da morte também
Pela dura miséria do destino aquele é perseguido.
Os Galos⁹⁸ de Cibele⁹⁹ à volta em lamentações costumavam
Levar um asno, suas cargas carregando.
Como pelo trabalho e pelas chagas morresse,
Tirada a pele, para si fizeram tambores.
Logo perguntados por alguém, que do querido seu
Fizeram, desse modo falaram:
“Julgava que após a morte seguro estaria;
Eis que outras chagas ao morto se amontoaram!”



98 Nome pelo qual eram conhecidos os sacerdotes do culto a Cibele, que tocavam tambores e címbalos, acompanhados de um asno transportando a imagem da deusa. O nome se deve ao fato de que os sacerdotes, todos eunucos, faziam seus cultos junto ao rio Galo, na Frígia.

99 Cibele é uma deusa de origem estrangeira, que representava as forças da natureza e, por isso, denominada também de “mãe”. Seu culto foi trazido para Roma, mas só eram permitidas procissões de seus sacerdotes, sendo interditos os rituais aos cidadãos romanos. Em III, 17, Fedro mencionara o pinheiro como sua árvore sagrada. Mencionaram seu culto Catulo (Carm. 63) e Lucrecio (De rer. nat. II, 615 e ss.).

2. Poeta

*Ioculari tibi videmur: et sane levi,
Dum nil habemus maius, calamo ludimus.
Sed diligenter intueri has nenas;
Quantum in pusillis utilitatem reperies!
Non semper ea sunt quae videntur: decipit
Frons prima multos, rara mens intellegit
Quod interiore condidit cura angulo.
Hoc ne locutus sine mercede existimer,
Fabellam adiciam de mustela et muribus.
Mustela, cum annis et senecta debilis
Mures veloces non valeret adsequi,
Involuit se farina et obscuro loco
Abiecit neclegenter. Mus, escam putans,
Adsiluit et comprehensus occubuit neci;
Alter similiter, deinde perit et tertius.
Post aliquot venit saeculis retorridus,
Qui saepe laqueos et muscipula effugerat;
Proculque insidias cernens hostis callidi,
“Sic ualeas,” inquit, “ut farina es, quae iaces!”*



2. O poeta.

A ti parecemos gracejar e, sem dúvida, leve,
Enquanto nada mais temos, com a pena brincamos,
Mas atentamente estas cantigas examinai;
Quanta utilidade sob os títulos reconhecerás!
Nem sempre eles são o que parecem: ilude
O primeiro aspecto a muitos, a rara mente compreende
O que num ângulo interno o cuidado conservou.
Para que isto sem recompensa eu não julgue falar,
Uma anedota ajuntarei sobre a doninha e os ratos.
Como uma doninha anosa e debilitada pela velhice
Aos velozes ratos já não tivesse forças para apanhar,
Com farinha se envolveu e em sombrio lugar
Negligentemente se atirou. O rato, uma isca julgando,
Assaltou e, surpreendido, a morte encontrou;
Outro semelhantemente, e depois um terceiro morre.
Depois de alguns, veio um matuto pelo tempo,
Que sempre dos laços e das ratoeiras escapara;
E ao longe as armadilhas discernindo do inimigo engenhoso,
“Passe bem” diz “tu que jazes como farinha que és!”



3. *De vulpe et uva*

*Fame coacta vulpes alta in vinea
Uvam adpetebat, summis saliens viribus.
Quam tangere ut non potuit, discedens ait
“Nondum matura es; nolo acerbam sumere.”
Qui, facere quae non possunt, verbis elevant,
Adscribere hoc debebunt exemplum sibi.*

3. Sobre a raposa e a uva.

Pela fome coagida, a raposa no alto da vinha
A uva apetecia, com suprema força saltando
Como não pôde tocá-la, descendo diz:
“Ainda não está madura; não quero consumi-la azeda.”
Os que com palavras elevam o que fazer não podem,
Para si este exemplo deverão inscrever.



4. *Equus et aper*

*Equus sedare solitus quo fuerat sitim,
Dum sese aper volutat turbavit vadum.*

*Hinc orta lis est. Sonipes, iratus fero,
Auxilium petiit hominis; quem dorso levans
Rediit ad hostem laetus. Hunc telis eques
Postquam interfecit, sic locutus traditur:
“Laetor tulisse auxilium me precibus tuis;
Nam praedam cepi et didici quam sis utilis.”
Atque ita coegit frenos invitum pati.
Tum maestus ille “Parvae vindictam rei
Dum quaero demens, servitutem repperi.”
Haec iracundos admonebit fabula
Inpune potius laedi quam dedi alteri.*



4. O cavalo e o javali.

Onde um cavalo estava acostumado a abrandar a sede,
Um javali turvou o vau, enquanto se revolvía.
Dali se originou o litígio. O corcel¹⁰⁰, irado com a fera,
Auxílio ao homem pediu; levando-o no dorso
Ao inimigo, alegre, voltou. Com dardos o cavaleiro,
Depois que o matou, assim diz-se que falou:
“Alegro-me por auxílio às preces tuas eu ter trazido;

100 *Sonipes*, -dis é “aquele que faz um estrondo com os pés”; daí, por extensão, “corcel”.

Pois a presa capturei e como és útil eu aprendi.”
E assim coagiu o constrangido os freios tolerar.
Então ele, magoado: “A vingança de parvo assunto
Enquanto demente busco, a servidão encontrei.”
Aos iracundos esta fábula advertirá
Que melhor impunemente ser lesado que ao outro se dar.

5. Poeta

*Plus esse in uno saepe quam in turba boni
Narratione posteris tradam brevi.
Quidam decedens tres reliquit filias,
Unam formosam et oculis venantem viros,
At alteram lanificam et frugi rusticam,
Devotam vino tertiam et turpissimam.
Harum autem matrem fecit heredem senex
Sub condicione, totam ut fortunam tribus
Aequaliter distribuatur, sed tali modo:
“Ni data possideant aut fruantur”; tum “simul
Habere res desierint quas acceperint,
Centena matri conferant sestertia.”
Athenas rumor implet, mater sedula*



*Iuris peritos consulit; nemo expedit
Quo pacto ni possideant quod fuerit datum,
Fructumve capiant; deinde quae tulerint nihil
Quanam ratione conferant pecuniam.
Postquam consumpta est temporis longi mora,
Nec testamenti potuit sensus colligi,
Fidem advocavit iure neglecto parens.
Seponit moechae vestem, mundum muliebrem,
Lavationem argenteam, eunuchos glabros;
Lanificae agellos, pecora, villam, operarios,
Boves, iumenta et instrumentum rusticum;
Potrici plenam antiquis apothecam cadis,
Domum politam et delicatos hortulos.
Sic destinata dare cum vellet singulis
Et adprobaret populus, qui illas noverat,
Aesopus media subito in turba constitit:
“O si maneret condito sensus patri,
Quam graviter ferret quod voluntatem suam
Interpretari non potuissent Attici!”
Rogatus deinde solvit errorem omnium:
“Domum et ornamenta cum venustis hortulis
Et vina vetera date lanificae rusticae;*



*Vestem, uniones, pedisequos et cetera
Illi adsignate vitam quae luxu trahit;
Agros et villam et pecora cum pastoribus
Donate moechae. Nulla poterit perpeti
Ut moribus quid teneat alienum suis.
Deformis cultum vendet ut vinum paret;
Agros abiciet moecha ut ornatum paret;
At illa gaudens pecore et lanae dedita
Quacumque summa tradet luxuriam domus.
Sic nulla possidebit quod fuerit datum,
Et dictam matri conferent pecuniam
Ex pretio rerum quas vendiderint singulae.”
Ita quod multorum fugit imprudentiam
Unius hominis repperit sollertia.*



5. O poeta.

Que muitas vezes mais vale estar só do que na turba,
Em breve narração aos pósteros narrarei.
Alguém, ao morrer, três filhas deixou,
Uma formosa e com os olhos maridos caçando,
Mas outra fiadeira e de trigo camponesa,

Devotada ao vinho¹⁰¹ a terceira e muito feia.
 Contudo, a mãe destas como herdeira¹⁰² o velho fez
 Sob a condição de que toda a fortuna às três
 Iguamente distribua, mas desse modo:
 “As dádivas não possuam ou usufruam”; daí, “logo
 Que deixarem de ter os bens, que receberam,
 Uma centena de sestércios¹⁰³ à mãe confirmam.”
 O boato percorre Atenas, a mãe zelosa
 Os peritos em direito consulta; ninguém resolve
 Como “não possuam” o que lhes for dado,
 Ou “usufruam”; daí, do que nada levarem
 Por que meio o dinheiro confeririam.
 Depois que o espaço de longo tempo se passou,
 E nem o sentido do testamento compreender se pôde,
 A mãe, negligenciando o direito, a fé invocou.
 Reserva para a concubina¹⁰⁴ veste, adorno feminino,
 Toucador argênteo, eunucos, imberbes;



101 Não era considerado adequado a uma romana beber vinho, sendo permitido apenas que ela bebesse em ocasiões especiais o vinho misturado com água.

102 A mãe teria sido registrada como *fideicommissaria* (fideicomissária), isto é, a pessoa obrigada a transmitir a outros uma herança após decorrido determinado tempo da morte do testador.

103 Moeda romana equivalente a 2 ½ asses.

104 O termo usado por Fedro é bastante pejorativo: a *moecha* era a concubina, a mulher adúltera. É uma alusão ao que dissera no início desta fábula, ao se referir à moça como a que está “maridos caçando”.

Para a fiadeira cordeirinhos, rebanho, vila, operários,
Bois, jumentos e utensílios rústicos;
Para a bêbada uma adega cheia de antigos barris,
Casa ornada e delicados jardinzinhos.
Como assim os projetos a cada uma quisesse dar
E aprovasse o povo, que lhes conhecia,
Esopo, de súbito, no meio da turba parou:
“Ah, se mantivesse o sentido pelo pai estabelecido,
Quão fortemente diria que a sua vontade
Interpretar não puderam os atenienses!”
Interrogado, então, o erro de todos resolveu:
“A casa e os ornamentos com graciosos jardinzinhos
E os vinhos velhos à rústica fiadeira dai;
A veste, as enormes pérolas, os criados¹⁰⁵ e demais
Distribuí à que a vida no luxo leva;
Campos e currais e gado com pastores
À concubina doai. Nenhuma poderia tolerar
Que com seus costumes o alheio tivesse.
A disforme a cultura venderá para o vinho adquirir;
Aos campos rejeitará a concubina para dos enfeites se apoderar;
Mas a que se alegra com gado e à lã dedicada



105 Trata-se dos escravos que acompanham seu amo a pé (*pedisequi*).

Por qualquer soma a casa de luxo entregará.
Assim, nenhuma possuirá o que lhe for dado,
E o dinheiro à mãe determinado conferirão
Com o valor dos bens que cada uma vender.”
Assim, o que à imprudência de muitos escapou,
A sagacidade de um só homem reparou.

6. *Pugna murium et mustelarum*

*Cum victi mures mustelarum exercitu
(historia, quot sunt, in tabernis pingitur)
Fugerent et artos circum trepidarent cavos,
Aegre recepti, tamen evaserunt necem:
Duces eorum, qui capitibus cornua
Suis ligarant ut conspicuum in proelio
Haberent signum quod sequerentur milites,
Haesere in portis suntque capti ab hostibus;
Quos immolatos victor avidis dentibus
Capacis alvi mersit tartareo specu.
Quemcumque populum tristis eventus premit,
Periclitatur magnitudo principium,
Minuta plebes facili praesidio latet.*



6. A briga dos ratos e das doninhas.

Como os ratos vencidos do exército das doninhas
 (Cuja história nas tabernas – quantas forem – está pintada¹⁰⁶)
 Fugissem e à volta dos apertados buracos se agitassem,
 A custo retirados, entretanto, escaparam à matança.
 Os chefes deles, que às suas cabeças cornos¹⁰⁷
 Ligaram, para, na peleja, um visível
 Sinal terem, que os soldados seguiriam,
 Se prenderam nas portas e pelos inimigos foram capturados;
 Os quais, imolados, com ávidos dentes o vencedor
 Mergulhou na tártara caverna¹⁰⁸ do extenso ventre.
 Qualquer povo que um triste evento oprime,
 A grandeza dos primeiros põe em perigo,
 E a diminuta plebe em acessível asilo se oculta.



7. *Phaedrus*

*Tu qui nasute scripta destringis mea,
 Et hoc iocurum legere fastidis genus,
 Parva libellum sustine patientia,*

106 Era comum se ver nas tabernas representações pictóricas de cenas mitológicas, mas de forma um tanto debochada.

107 Os chifres, ou cornos, são representações de força e coragem entre muitos povos antigos, tal como os germanos e gauleses.

108 Alusão a uma parte dos Infernos, o Tártaro, para onde iam os criminosos.

*Severitatem frontis dum placo tuae
Et in coturnis prodit Aesopus novis:
“Utinam nec umquam Peli in nemoris iugo
Pinus bipenni concidisset Thessala,
Nec ad professae mortis audacem viam
Fabricasset Argus opere Palladio ratem,
Inhospitalis prima quae Ponti sinus
Patefecit in perniciem Graium et Barbarum.
Namque et superbi luget Aeetae domus,
Et regna Peliae scelere Medae iacent,
Quae, saevum ingenium variis involvens modis,
Illinc per artus fratris explicuit fugam,
Hic caede patris Peliadum infecit manus.”
Quid tibi videtur? “Hoc quoque insulsum est”, ait
“Falsoque dictum, longe quia vetustior
Aegea Minos classe predomuit freta,
Iustique vindicavit exemplum imperi.”
Quid ergo possum facere tibi, lector Cato,
Si nec fabellae et iuvant nec fabulae?
Noli molestus esse omnino litteris,
Maiorem exhibeant ne tibi molestiam.
Hoc illis dictum est, qui stultitia nausiant
Et, ut putentur sapere, caelum vituperant.*



7. Fedro.

Tu, narigudo¹⁰⁹, que meus escritos criticas
E este gênero de gracejos desprezas ler,
Com pouca paciência o livrinho sustém,
Enquanto a severidade de tua frente eu aplaco
E com coturnos¹¹⁰ novos Esopo produziu.
“Tomara que nunca no jugo do bosque de Pélio¹¹¹
O pinho pela machadinha tessália sucumbisse,
Nem, para uma via audaz de morte declarada,
Fabricasse Argos, por obra de Palas, um barco,
Que primeiro do Ponto¹¹² as inóspitas enseadas
Revelou para a perdição grega e bárbara!
Pois, a casa o soberbo Eeta¹¹³ lamenta,
E os reinos de Pélias¹¹⁴ pelo crime de Medeia¹¹⁵ jazem,
Que, um cruel engenho por vários modos envolvendo,
Ali pelos membros do irmão, se pôs em fuga,

109 Literalmente, o que mete o nariz em tudo para criticar.

110 Os coturnos eram os calçados dos atores de tragédia. Como veremos ao longo desta fábula, Fedro fará alusão à *Medeia*, tragédia contada por Eurípides, Ênio e Ovídio.

111 Monte da Tessália, de onde Jasão teria retirado a madeira para a construção da nau dos Argonautas.

112 O Ponto Euxino, no Mar Negro.

113 Eeta ou Aiete, rei da Cólquida, filho do Sol e pai de Medeia.

114 Rei da Tessália, morto por suas filhas, que pensavam fazer um ritual para rejuvenescimento do pai, por conselho de Medeia.

115 Conhecedora das artes mágicas, apaixonou-se por Jasão, a quem ajudou a conseguir o velocino de ouro. Matou o próprio irmão para retardar a perseguição do pai a Jasão.



Aqui na morte paterna, as mãos peliadas mergulhou.”
 Que te parece? “Isto também é absurdo!”, diz
 “E falsamente dito, porque muito mais vetusto,
 Com egeia frota Minos¹¹⁶ aos mares subjogou
 E o exemplo do justo império reivindicou.”
 Que, então, posso fazer a ti, leitor Catão¹¹⁷,
 Se nem as anedotas nem as fábulas¹¹⁸ te agradam?
 Não te incomodes de todo com as cartas,
 Para que moléstia maior não te exibam.
 Isto foi dito para aqueles que por tolice se enjoam
 E, para que se estime ter sabor, o céu vituperam.



8. *Serpens ad fabrum ferrarium*

Mordaciorem qui improbo dente adpetit,

Hoc argumento se describi sentiat.

In officinam fabri venit vipera.

Haec, cum temptaret si qua res esset cibi,

Limam momordit. Illa contra contumax,

116 Rei ancestral de Creta, que teria dominado o Mar Egeu.

117 Marco Pórcio Catão, o Censor, no séc. II a.C. Conhecido pela severidade de costumes, na velhice dedicou-se ao estudo da língua grega, da qual defendera o distanciamento, na juventude.

118 Jogo entre os vocábulos *fabula*, *-ae*, a fábula entendida como o mito ou a narrativa trágica, e *fabella*, *-ae*, diminutivo do anterior, significando a pequena narrativa ou a fábula esópica, traduzidas como “anedotas”.

*“Quid me,” inquit, “stulta, dente captas laedere,
Omne adsuevi ferrum quae conrodere?”*

8. A serpente ao ferreiro.

Quem o mais mordaz com perverso dente apetece
Por este argumento se sintia ser descrito.
À oficina do ferreiro veio uma víbora.
Como esta tentasse ver se alguma comida havia,
A lima mordeu. Aquela, em resposta teimosa:
“Por que”, diz “estúpida, com o dente procuras me lesar,
Que qualquer ferro me habituei a corroer?”



9. *Vulpis et caper*

*Homo in periculum simul ac venit callidus,
Reperire effugium quaerit alterius malo.
Cum decidisset vulpes in puteum ínschia
Et altiore clauderetur margine,
Devenit hircus sitiens in eundem locum.
Simul rogavit, esset an dulcis liquor
Et copiosus, illa fraudem moliens*

“Descende, amice; tanta bonitas est aquae,

Voluptas ut satiari non possit mea.”

Immisit se barbatus. Tum vulpecula

Evasit puteo, nixa celsis cornibus,

Hircumque clauso liquit haerentem vado.

9. A raposa e o bode.

Um homem astuto logo que em perigo incorre,

Habitua-se a encontrar saída no mal alheio.

Como uma raposa, ignorante, no poço caísse

E por margem mais alta encerrada estivesse,

Dirigiu-se ao mesmo lugar um bode sedento

Logo que perguntou se estaria a água agradável

E copiosa, aquela, uma fraude manejando:

“Desce, amigo; tamanha é a bondade da água

Que não pode ser saciado o meu prazer.”

O barbado¹¹⁹ se lançou. Então, a raposinha

Se evadiu do poço, apoiada nos excelsos chifres,

E no cerrado vau o bode embaraçado deixou.

119 Assim como o chifre, a barba era símbolo de virilidade entre os antigos. É também relacionada aos sábios por esses, supostamente, deixarem sua barba crescer, sendo, assim, considerada a barba como símbolo de sabedoria.



10. De vitiis hominum

*Peras imposuit Iuppiter nobis duas:
Propriis repletam vitiis post tergum dedit,
Alienis ante pectus suspendit gravem.
Hac re videre nostra mala non possumus;
Alii simul delinquant, censores sumus.*

10. Sobre os vícios dos homens.

Duas sacolas nos impôs Júpiter:
Uma repleta dos próprios vícios nas costas imputou,
Outra, pesada com os alheios, ante o peito suspendeu.
Por isso nossos males não podemos ver;
Assim que os outros pecam censores¹²⁰ nos tornamos.



11. Fur et lucerna

*Lucernam fur accendit ex ara Iovis
Ipsumque compilavit ad lumen suum.*

120 Magistrados incumbidos de efetuar o recenseamento, também velavam pelos costumes públicos e avaliavam os bens dos cidadãos. Ainda recolhiam impostos e contratavam as obras públicas.

*Onustus qui sacrilegio cum discederet,
Repente vocem sancta misit Religio:
“Malorum quamvis ista fuerint munera
Mihique invisita, ut non offender subripi,
Tamen, sceleste, spiritu culpam lues,
Olim cum adscriptus venerit poenae dies.
Sed ne ignis noster facinori praeluceat,
Per quem verendos excolit pietas deos,
Veto esse tale luminis commercium.”
Itaque hodie nec lucernam de flamma deum
Nec de lucerna fas est accendi sacrum.
Quot res contineat hoc argumentum utiles
Non explicabit alius quam qui repperit.
Significat primum saepe quos ipse alueris
Tibi inveniri maxime contrarios;
Secundum ostendit scelera non ira deum,
Fatorum dicto sed puniri tempore;
Novissime interdicit ne cum melefico
Usum bonus consociet ullius rei.*



11.O ladrão e a lamparina.

Uma lamparina do altar de Júpiter o ladrão acendeu
E para sua lâmpada ao próprio espoliou.
Como, coberto de sacrilégio, ele se apartasse,
De repente, uma voz emitiu a sagrada Religião:
“Embora esses fossem presentes dos maus,
Odiosos a mim, para não me ofender por ser furtada,
Então, celerado com o espírito a culpa expiarás,
No tempo em que o dia assinalado para a pena chegar.
Mas, para nosso fogo ao crime não alumiar,
Para quem a piedade cultiva deuses venerandos,
Eu veto que exista tal comércio de lâmpada.”
E assim, hoje, nem a lamparina da chama dos deuses
Nem da lamparina os ritos é permitido se acender.
Quantas coisas úteis este argumento contém
Não explicará senão quem as encontrar.
Primeiro, significa que muitas vezes tu mesmo alimentaste
Os que a ti se encontraram muitíssimo contrários;
Segundo, mostra que os crimes, não pela ira dos deuses,
Mas pelo tempo predito dos destinos são punidos;
Enfim, interdiz que com criminoso
O bom não associe o uso de nada.



12. *Malas esse divitias*

*Opes invisae merito sunt forti viro,
Quia dives arca veram laudem intercipit.
Caelo receptus propter virtutem Hercules,
Cum gratulantes persalutasset deos,
Veniente Pluto, qui Fortunae est filius,
Avertit oculos. Causam quaesivit Pater.
“Odi” inquit “illum quia malis amicus est
Simulque obiecto cuncta corrumpit lucro.”*

12. Más são as riquezas.

As riquezas são merecidamente odiosas ao homem corajoso,
Porque uma rica arca o verdadeiro elogio intercepta.
Recebido no céu por sua coragem Hércules¹²¹,
Como aos agradecidos deuses um a um saudasse,
Vindo Pluto¹²², que da Fortuna é filho,
Os olhos desviou. Perguntou o motivo o Pai.
“Odeio” diz “aquele, porque do mal é amigo
E simultaneamente com oposto lucro a todos corrompe.”

121 Filho de Júpiter e Alcmena, semideus dotado de grande força física, simboliza aqueles que superam as vicissitudes da vida por seu esforço e empenho.

122 Filho de Deméter e talvez de Jasão, deus que simboliza a riqueza dos campos e as colheitas. Em algumas vertentes mitológicas, é filho da Fortuna.



13. *Simius tyrannus*

“Utilius homini nil est quam recte loqui.”

Probanda cunctis est quidem sententia;

Sed ad perniciem solet agi sinceritas,

<ubi veritate plus valet mendacium.>

Duo homines, unus fallax et alter verax, iter simul agebant. Et cum ambularent, venerunt in provinciam simiarum. Quos ut vidit una ex multitudine simiarum, ipse qui prior esse videbatur, iussit eos teneri, ut interrogaret quid de illo homines dicerent. Iussitque omnes sibi similes adstare ante se ordine longo, dextra laevaue, et sibi sedile parari; sicut viderat imperatorem aliquando, taliter sibi adstare fecit. Iubentur homines adduci in medio. Ait maior “Quis sum ego?” Fallax dixit “Tu es imperator.” Iterum interrogat: “Et isti quos vides ante me stare?” Respondit: “Hi sunt comites tui, primicerii, campidoctores, militares officii.” Et quia mendacio laudatus est cum turba sua, iubet illum munerari, et quia adulatus est, omnes illos fefellit. Verax autem apud se cogitabar: “Si iste mendax, qui omnia mentitur, sic accepit, ego, si verum dixerò, magis munerabor.” Tunc ait maior simia “Dic et tu, quis sum ego, et hi quos ante me vides?” At ille, qui semper veritatem amabat et loqui consueverat, respondit “Tu es vere simia, et omnes hi similes tui simiae semper sunt.” Iubetur continuo lacerari dentibus et unguibus, eo quod verum dixisset.

Malis hominibus, qui fallaciam et malitiam amant, honestatem et veritatem lacerant.



13. O símio tirano.

“Nada é mais útil ao homem do que retamente falar.”

A máxima deve ser certamente provada por todos;

Mas à perdição a sinceridade costuma ser levada,

<onde mais que a verdade vale a mentira>.

Dois homens, um enganador e outro sincero, seguiram um caminho juntamente. E como caminhassem, à província dos símios chegaram. Quando um símio os viu, parecendo ele próprio ser o maioral, ordenou que os detivessem, para os interrogar sobre o que os homens deles diziam. E ordenou a todos os seus semelhantes a diante dele permanecerem em longa fileira, à direita e à esquerda, e dispusessem um assento para ele; tal como vira um dia um imperador, igualmente fez que junto a si permanecessem. Ordena que se coloquem os homens no meio. Diz o maioral: “Quem sou eu?” O enganador diz: “Tu és o imperador”. Novamente pergunta: “E esses que diante de mim vês?” Responde: “São os companheiros teus, os primicérios, instrutores e oficiais soldados”. E porque com uma mentira foi exaltado com a turba sua, ordenou que lhe remunerassem, e porque foi adulado, a todos eles enganou. O sincero, contudo, consigo mesmo pensava: “Se esse mentiroso, eu tudo dissimulou, isso recebeu, eu, se a verdade disser, mais serei remunerado”. Então, diz o símio maioral: “E tu, dize, quem sou eu e aqueles que diante de mim vês?” Mas ele, que a verdade sempre amava e a falar se acostumara, responde: “Tu és mesmo um símio, e todos estes semelhantes teus são sempre



símios”. De pronto ordena o dilacerarem a dentadas e unhas, porque a verdade dissera.

Aos homens maus, que a mentira e a maldade amam, a honestidade e a verdade dilaceram¹²³.

14. De leone regnante

Tacere <ubi> tormentum, <par> poenast loqui.

Cum se ferarum regem fecisset leo,

Et aequitatis vellet famam consequi,

A pristina deflexit consuetudine,

Atque inter illas tenui contentus cibo

Sancta incorrupta iura reddebat fide.

Postquam labare coepit paenitentia,

(et mutare non posset naturam, coepit aliquos ducere in secretum et fallacia quaerere si ei os puteret. Illos qui dicebant “putet,” et qui dicebant “non putet,” omnes tamen laniabat, ita ut saturaretur sanguine. Cum multis hoc fecisset, postea simium interrogabat si putorem haberet in ore. Ille quasi cinnamomum dixit fragrare et quasi deorum altaria. Leo erubuit laudatorem, sed, ut deciperet, mutavit fidem et quaesivit fraudem, atque languere se simulabat. Continuo venerunt medici; qui, ut venas consideraverunt, pulsum sanum ut viderunt, suaserunt ei sume-

¹²³ O texto em prosa se encontra somente na edição Loeb Classical Library.



re cibum aliquem qui levis esset et tolleret fastidium pro digestionem, ut regibus omnia licent. “Ignota est” inquit “mihi caro simii; vellem illam probare.” Ut est locutus, statim necatur beniloquus simius, ut eius carnem cito escam sumeret.

[Una enim est poena loquentis et non loquentis].

14. Sobre o leão reinante.

<Quando> falar é um tormento, <igual> pena é se calar.

Como rei das feras se fez o leão,

E a reputação de equidade quisesse conseguir,

Do primevo costume se desviou,

E entre aquelas feras, satisfeito com pouca comida,

Prestava sagrados juramentos com incorrupta fé.

Depois começa a vacilar com pesar,

E não pode mudar a natureza, começa a levar alguns em segredo e a buscar com falácias se a boca lhe cheira mal. Os que lhes diziam “cheira mal” e os que lhe diziam “não cheira mal”, a todos, contudo, espedaçava, de modo que se saciasse com seu sangue. Como a muitos isto fizesse, depois ao símio interrogou se mal cheiro tinha na boca. Como canela, disse aquele, que exalava e como os altares dos deuses. O leão se enrubesceu com o apolo-gista, mas, para decepcioná-lo, mudou de opinião e procurou uma cilada, simulando desfalecer. De pronto vieram os médicos, que,



como as veias observassem, como o pulso bom vissem, aconselham-no a consumir algum alimento, que leve fosse e lhe tolhesse o fastio da digestão, pois aos reis tudo é lícito. “Ele me é desconhecido, caro símio; desejo prová-lo”. Logo que falou, imediatamente é assassinado o bem-falante símio, para que a carne sua como alimento rápido consumisse.

[Uma só, de fato, é a pena para o falante e o não falante.]¹²⁴

15. *Prometheus*

<*Tum materia eadem usus formavit recens*>

A fictione veretri linguam mulieris.

Adfinitatem traxit inde obscaenitas.

15. *Prometeu*¹²⁵.

<*Então o uso recente da mesma matéria reproduziu*>

A língua da mulher a partir da criação das partes venéreas.

De onde a obscenidade tomou a afinidade.

¹²⁴ Assim como na fábula anterior, o texto em prosa se encontra somente na edição Loeb Classical Library.

¹²⁵ Filho de Themis, que teria feito o primeiro homem a partir do barro, ao que o autor alude na fábula seguinte. Roubou o fogo, que Júpiter teria interdito aos homens.



16. *Idem*

*Rogavit alter tribadas et molles mares
Quae ratio procreasset, exposuit senex:
“Idem Prometheus, auctor vulgi fictilis
Qui, simul offendit ad fortunam, frangitur,
Naturae partes veste quas celat pudor
Cum separatim toto finxisset die,
Aptare mox ut posset corporibus suis,
Ad cenam est invitatus subito a Libero;
Ubi inrigatus multo venas nectare
Sero domum est reversus titubanti pede.
Tum semisomno corde et errore ebrio
Adplicuit virginale generi masculino,
Et masculina membra adposuit feminis.
Ita nunc libido pravo fruitur gaudio.”*

16. *Idem.*

Perguntou alguém por que razão as tríbadas e
Os efeminados machos criasse, expôs o velho:
“O mesmo Prometeu, autor da massa de barro,
Que, logo que no destino esbarra, se quebra,



As partes da natureza, que com veste o pudor encobre,
 Como separadamente por todo um dia as modelasse,
 Para que logo a seus corpos adaptá-las pudesse,
 A jantar foi, de súbito, convidado por Líber¹²⁶;
 Quando, muito as veias regado de néctar,
 Tarde a casa regressou com titubeante pé.
 Então, de coração meio adormecido e com ébria ilusão,
 O gênero virginal ao masculino ligou,
 E os masculinos membros às mulheres acrescentou.
 Assim, agora, de pervertido prazer o desejo usufrui.



17. *De capris barbatis*

*Barbam capellae cum impetrassent ab Iove,
 Hirci maerentes indignari coeperunt
 Quod dignitatem feminae aequassent suam.
 “Sinite,” inquit, “illas gloria vana frui
 Et usurpare vestri ornatum muneris,
 Pares dum non sint vestrae fortitudini.”
 Hoc argumentum monet ut sustineas tibi
 Habitu esse similes qui sunt virtute impares.*

¹²⁶ Divindade ancestral italiana, identificada como protetor das plantações de vinha e daí, por extensão, considerado como deus do vinho. Por este fato, era comumente tido como Baco.

17. Sobre as cabras barbadas.

Como as cabrinhas de Júpiter uma barba impetrassem,
Começaram a se indignar os bodes, aflitos,
Porque à sua dignidade as fêmeas se iguallassem.
“Consenti” diz “que elas de vã glória usufruam
E o ornamento de vossa dádiva usurpem,
Contanto que pares não sejam de vossa fortaleza.”
Este argumento adverte que sustentas que a ti
Por compleição são semelhantes os que por virtude são desiguais.



18. *De fortunis hominum*

*Cum de fortunis quidam quereretur suis,
Aesopus finxit consolandi hoc gratia.
“Vexata saevis navis tempestatibus
Inter vectorum lacrimas et mortis metum,
Faciem ad serenam ut subito mutatur dies,
Ferri secundis tuta coepit flatibus
Nimiaque nautas hilaritate extollere.
Factus periclo sic gubernator sophus:
“Parce gaudere oportet et sensim queri,
Totam quia vitam miscet dolor et gaudium.”*

18. Sobre o destino dos homens.

Como sobre seu destino alguém indagasse,
Esopo imaginou isto para lhe consolar:
Agitado por severas tempestades o navio,
Em meio às lágrimas dos passageiros e ao medo da morte,
‘té que a um aspecto sereno, de súbito, o dia se altera,
Por ventos favoráveis, seguro, começa a ser levado
E com excessiva alegria todos se exultaram.
Afeito aos perigos, assim, o sábio piloto:
“Convém moderadamente se alegrar e pouco a pouco se queixar,
Aquele a quem por toda a vida se misturam dor e alegria.”



19. *Canes legatos miserunt ad Iovem*

*Canes legatos olim misere ad Iovem
Meliora vitae tempora oratum suae,
Ut sese eriperet hominum contumeliis,
Furfuribus sibi consparsum quod panem darent
Fimoque turpi maxime explerent famem.
Profecti sunt legati non celeri pede;
Dum naribus scrutantur escam in stercore,
Citati non respondent. Vix tandem invenit*

*Eos Mercurius et turbatos adtrahit.
Tum vero vultum magni ut viderunt Iovis,
Totam timentes concacarent regiam.
Vetat dimitti magnus illos Iuppiter;
Propulsi vero fustibus vadunt foras...
Mirari sibi legatos non revertier;
Turpe aestimantes aliquid commissum a suis,
Post aliquod tempus alios ascribi iubent.
Rumor cacatus superiores prodidit;
Timentes rursus aliquid ne simile accidat,
Odore canibus anum, sed multo, replent.
Mandata dant; legati mittuntur; statim
Abeunt; rogantes aditum continuo impetrant.
Consedit genitor tum deorum maximus
Quassatque fulmen; tremere coepere omnia.
Canes confusi, subitus quod fuerat fragor,
Repente, odore mixto cum merdis, cacant.
Di clamant omnes vindicandam iniuriam.
Sic est locutus ante poenam Iuppiter:
“Non est legatos regis non dimittere,
Nec est difficile poenas culpae imponere.
Sed hoc feretur pro ludibrio praemium:*



*Non veto dimitti, verum cruciari fame,
Ne ventrem continere non possint suum.
Illi autem qui miserunt bis tam futtiles
Numquam carebunt hominum contumelia.”
Ita nunc legatos expectantes posteru,
Novum ut venire quis videt culum olfacit.*

19. Os cães enviaram embaixadores a Júpiter.

Um dia os cães enviaram embaixadores a Júpiter
Para melhores ensejos de sua vida pedir,
Que aos próprios subtraísse dos ultrajes dos homens,
Pois em farelos o pão espalhado lhes davam
E, principalmente, em torpe esterco matavam a fome.
Marcharam os legados com pé não célere;
Enquanto com os narizes o alimento no estrume farejam,
Chamados, não respondem. A custo, enfim, os encontra
Mercúrio e aos perturbados atrai.
Então, de fato, como o vulto do grande Júpiter viram,
Temerosos, todo o palácio de excremento sujaram.
Repelidos a pauladas vão para fora, mas
Proíbe que os despeçam o grande Júpiter...



Admiram-se pelos embaixadores a eles não voltarem;
Vergonhosamente estimando algo aos seus incorrido,
Depois de algum tempo ordenam que outros sejam enviados.
Um boato revelou os anteriores borrados;
De novo temendo que algo semelhante aconteça,
Com perfume, mas muito, o rabo dos cães enchem.
As ordens dão; os embaixadores são enviados imediatamente.
Afastam-se; pedindo aproximação e logo a obtêm.
Então, o genitor maior dos deuses toma assento
E o raio brande; todos começaram a tremer.
Os cães confusos porque imprevisto fora o estrondo,
De repente, com odor misturado a merda, defecam.
Os deuses todos bradam a vingar a injúria.
Assim antes da pena falou Júpiter:
“Não é próprio do rei não despedir os embaixadores
Nem difícil castigos pelo delito impor,
Mas este prêmio ultraje se tolere:
Não proíbo se afastarem, mas sejam atormentados pela fome,
Que o ventre seu não possam conter.
Para seu ventre não poderem conter.
Contudo, aqueles que duas vezes tão fúteis enviaram
Nunca carecerão da afronta do senhor.”



Assim agora, os últimos esperando os embaixadores,
Quando um vê um novo chegar, seu cu cheira.

20. *Serpens misericordi nociva*

*Qui fert malis auxilium, post tempus dolet.
Gelu rigentem quidam colubram sustulit
Sinuque fovit, contra se ipse misericors;
Namque, ut refecta est, necuit hominem protinus.
Hanc alia cum rogaret causam facinoris,
Respondit “Ne quis discat prodesse improbis.”*



20. A serpente nociva ao misericordioso.

Quem auxílio aos males traz, depois de um tempo sofre.
Enrijecida pelo gelo, uma cobra alguém pegou
E no colo a esquentou, contra si o misericordioso;
Com efeito, logo que se refez, ao homem imediatamente matou.
Como outra a esta o motivo do crime perguntasse,
Respondeu: “Para que ninguém aprenda a ser útil aos perversos.”

21. *Vulpis et draco*

*Vulpes cubile fodiens dum terram eruit
Agitque pluris altius cuniculos,
Pervenit ad draconis speluncam ultimam,
Custodiebat qui thesauros abditos.
Hunc simul aspexit: “Oro ut imprudentiae
Des primum veniam; deinde si pulchre vides
Quam non conveniens aurum sit vitae meae,
Respondeas clementer: quem fructum capis
Hoc ex labore, quodve tantum est praemium
Ut careas somno et aevum in tenebris exigas?”
“Nullum” inquit ille, “verum hoc ab summo mihi
Iove adtributum est.” “Ergo nec sumis tibi
Nec ulli donas quidquam?” “Sic Fatis placet.”
“Nolo irascaris, libere si dixero:
Dis est iratis natus qui est similis tibi.”
Abiturus illuc quo priores abierunt,
Quid mente caeca miserum torques spiritum?
Tibi dico, avare, gaudium heredis tui,
Qui ture superos, ipsum te fraudas cibo,
Qui tristis audis musicum citharae sonum,
Quem tiliarum macerat iucunditas,*



*Obsoniorum pretia cui gemitum exprimunt,
Qui dum quadrantes aggeras patrimonio
Caelum fatigas sordido periurio,
Qui circumcidis omnem impensam funeris,
Libitina ne quid de tuo faciat lucri.*

21. A raposa e o dragão.

Uma raposa, uma toca escavando, enquanto a terra extrai
E mais fundo várias cavidades faz,
À derradeira caverna do dragão chega,
O qual tesouros escondidos guardava¹²⁷.
Logo que o observou: “Peço que à imprudência
Primeiro desculpes; depois, se perfeitamente vires
Como o ouro à minha vida não é conveniente,
Bondosamente responde: que proveitos tens
Com este trabalho, ou que tamanho prêmio há,
Para que de sono te privas e nas trevas a eternidade passes?”
“Nenhum” diz ele. “Em verdade, isto me foi pelo supremo
Júpiter atribuído.” “Portanto, nem para ti pegas

127 Considera-se o dragão como um ávido guardador de tesouros, portanto, símbolo da avareza.



Nem a outro algo doas?” “Assim aos Fados apraz.”
 “Não te irrites, se francamente eu disser:
 Aos deuses irados nasceu quem a ti se semelha.”
 Partindo lá para onde os anteriores partiram:
 Por que cegamente o mísero espírito torturas?
 Digo-te, avarento, alegria de teu herdeiro,
 Que com incenso os deuses e a ti próprio com comida fraudas,
 Que triste ouves a melodia da cítara,
 A quem o prazer das flautas amolece,
 A quem os preços das provisões um lamento exprimem,
 Que, enquanto centavos¹²⁸ ao patrimônio amontoas,
 Com sórdido perjúrio o céu cansas,
 Que toda despesa do funeral reduzas,
 Para que Libitina¹²⁹ sobre ti não faça lucro.



22. *Phaedrus*

Quid iudicare cogitas, Livor, modo?
Licet dissimulet, pulchre tamen intellego.
Quicquid putabit esse dignum memoria,

128 Em latim, *quadrans*, o quadrante, moeda no valor de uma quarta parte de um asse, ou seja, de valor ínfimo.

129 Deusa italiana da morte.

*Aesopi dicet; si quid minus adriserit,
A me contendet fictum quovis pignore.
Quem volo refelli iam nunc responso meo:
Sive hoc ineptum sive laudandum est opus,
Invenit ille, nostra perfecit manus.
Sed exsequamur coepti propositum ordinem.*

22. Fedro.

Que pensas agora julgar, Inveja?
Embora dissimule, contudo, perfeitamente percebo.
O que quer que julgue ser digno de memória,
A Esopo consagra: se algo menor fizer rir,
Por mim afirmará uma mentira por qualquer caução.
A quem desejo já seja refutado agora com minha resposta:
Quer este trabalho seja inepto, quer seja louvado,
Ele inventou e nossa mão aperfeiçoou.
Mas prossigamos a ordem proposta do projeto.

23. De Simonide

*Homo doctus in se semper divitias habet.
Simonides, qui scripsit egregium melos,*



Quo paupertatem sustineret facilius,
Circum ire coepit urbes Asiae nobiles,
Mercede accepta laudem victorum canens.
Hoc genere quaestus postquam locuples factus est,
Redire in patriam voluit cursu pelagio;
Erat autem, ut aiunt, natus in Cia insula.
Ascendit navem; quam tempestas horrida
Simul et vetustas medio dissolvit mari.
Hi zonas, illi res pretiosas colligunt,
Subsidium vitae. Quidam curiosior:
“Simonide, tu ex opibus nil sumis tuis?”
“Mecum” inquit “mea sunt cuncta.” Tunc pauci enatant,
Quia plures onere degravati perierant.
Praedones adsunt, rapiunt quod quisque extulit,
Nudos relinquunt. Forte Clazomenae prope
Antiqua fuit urbs, quam petierunt naufragi.
Hic litterarum quidam studio deditus,
Simonidis qui saepe versus legerat,
Eratque absentis admirator maximus,
Sermonem ab ipso cognitum cupidissime
Ad se recepit; veste, nummis, familia
Hominem exornavit. Ceteri tabulam suam



*Portant, rogantes victum. Quos casu obvios
Simonides ut vidit: “Dixi” inquit “mea
Mecum esse cuncta; vos quod rapuistis perit.”*

23. Sobre Simonides.

Um homem sábio sempre tem consigo suas riquezas.

Simonides¹³⁰, que egrégios cantos compôs,

Para mais facilmente a pobreza suportar,

As nobres cidades da Ásia começou a circundar,

Por pagamento o elogio dos vencedores cantando.

Com este tipo de ganho, depois que rico se tornou,

Em viagem por alto-mar à pátria quis retornar;

Contudo, como contam, na Ilha de Ceos nascera.

Sobe ao navio; que horrenda tempestade

E ainda a antiguidade no meio do mar dissolveu.

Estes o dinheiro, aqueles as preciosidades colhem,

Subsídio à vida. Um mais curioso:

“Simonides, tu das riquezas tuas nada pegas?”

“Comigo” diz “tudo meu está.” Então, poucos se salvam a nado;

Porque vários, pelo peso carregados, pereceram.

¹³⁰ Simonides de Ceos, poeta lírico grego, que teria sido o primeiro a compor poemas sob encomenda.



Advêm os salteadores; roubam o que cada um exulta,
Nus os deixam. Por acaso, perto Clazomenas¹³¹,
Antiga cidade estava, a qual os náufragos buscaram.
Ali alguém ao estudo das letras dedicado,
Que com frequência os versos de Simonides lera,
E grande admirador em sua ausência era,
Pela própria fala ao conhecido, de boníssima vontade,
Junto a si o recebeu; de roupa, moedas, criadagem
Ao homem aparelhou. Outros a tábua sua
Levam¹³², víveres pedindo. Ao acaso, como de encontro,
Simonides os viu: “Eu falei” diz “que comigo
Tudo meu estava; o que vós arrastastes pereceu.”



24. *Mons parturiens*

*Mons parturibat, gemitus immanes ciens,
Eratque in terris maxima expectatio.
At ille murem peperit. Hoc scriptum est tibi,
Qui, magna cum minaris, extricas nihil.*

131 Cidade situada na Jônia.

132 Os náufragos deveriam vagar pela cidade pedindo esmolas, carregando uma tábua ou quadro revelando o seu tipo de desventura.

24. A montanha parturiente.

Uma montanha parturia, medonhos gemidos soltando,
E pela terra a maior expectativa havia.
Mas ela gestou um rato. Isto foi escrito para ti,
Que, quando muito ameaças, nada obténs.

25. *Formica et musca*

[Nihil agere quod non prosit fabella indicat.]

*Formica et musca contendebant acriter,
Quae pluris esset. Musca sic coepit prior:
“Conferre nostris tu potes te laudibus?
Moror inter aras, templa perlustro deum;
Ubi immolatur, exta praegusto omnia;
In capite regis sedeo cum visum est mihi,
Et matronarum casta delibo oscula;
Laboro nihil atque optimis rebus fruor.
Quid horum simile tibi contingit, rustica?”
“Est gloriosus sane convictus deum,
Sed illi qui invitatur, non qui invisus est.
Aras frequentas? Nempe abigeris quom venis.
Reges commemoras et matronarum oscula?*



*Super etiam iactas tegere quod debet pudor.
Nihil laboras? Ideo, cum opus est, nihil habes.
Ego grana in hiemem cum studiose congero,
Te circa murum pasci video stercore;
Mori contractam cum te cogunt frigora,
Me copiosa recipit incolumem domus.
Aestate me lacessis; cum bruma est siles.
Satis profecto rettudi superbiam.”
Fabella talis hominum discernit notas,
Eorum qui se falsis ornant laudibus,
Et quorum virtus exhibet solidum decus.*



25. A formiga e a mosca.

[Nada fazer que não seja útil é o que esta anedota indica.]

A formiga e a mosca vivamente discutiam

Qual valia mais. Assim a mosca primeiro começa:

“Tu podes com nossas glórias te comparares?

Demoro-me entre os altares, os templos dos deuses percorro;

Onde se imola, todas as vísceras antes provo;

Na cabeça do rei sento quando me apetece,

E os castos beijos das matronas saboreio;
Nada trabalho e de ótimas coisas usufruo.
O que semelhante a isto toca a ti, rústica?”
“É, decerto, gloriosa a convivência dos deuses,
Mas para quem é convidado, não para quem é odiado.
Altars frequentas? Com efeito, és enxotada quando chegas.
Recordas os reis e os beijos das matronas?
Ainda mais te gabas do que o pudor deve ocultar.
Nada trabalhas? Por isso, quando é necessário, nada tens.
Quando para o inverno zelosamente os grãos eu amontoo,
Ao pé do muro no esterco vejo te alimentares;
Quando o frio te impele a contraída morreres,
Uma copiosa casa, incólume, me recebe.
No verão me persegues; quando é inverno silencias.
Sem dúvida, a soberba muito embota.”
Tal anedota os caracteres dos homens distingue:
Aqueles que com falsos elogios se ornam
E aqueles cuja virtude sólida dignidade exibem.



26. Poeta

Quantum valerent inter homines litterae
Dixi superius; quantus nunc illis honos
A superis sit tributus tradam memoriae.
Simonides idem ille de quo rettuli,
Victori laudem cuidam pyctae ut scriberet
Certo conductus pretio, secretum petit.
Exigua cum frenaret materia impetum,
Usus poetae more est et licentia
Atque interposuit gemina Ladae sidera,
Auctoritatem similis referens gloriae.
Opus adprobavit; sed mercedis tertiam
Accepit partem. Cum relicuas posceret:
“Illi” inquit “reddent quorum sunt laudis duae.
Verum, ut ne irate te dimissum sentiant,
Ad cenam mihi promitte; cognatos volo
Hodie invitare, quorum es in numero mihi.”
Fraudatus quamvis et dolens iniuria,
Ne male dimissus gratiam corrumperet,
Promisit. Rediit hora dicta, recubuit.
Splendebat hilare poculis convivium,
Magno apparatu laeta resonabat domus,



*Repente duo cum iuvenes, sparsi pulvere,
Sudore multo diffluentes, corpore
Humanam supra formam, cuidam servolo
Mandant ut ad se provocet Simonidem;
Illius interesse ne faciat moram.
Homo perturbatus excitat Simonidem.
Unum promorat uix pedem triclinio,
Ruina camarae subito oppressit ceteros;
Nec ulli iuvenes sunt reperti ad ianuam.
Ut est vulgatus ordo narratae rei
Omnes scierunt numinum praesentiam
Vati dedisse vitam mercedis loco.*



26. O poeta.

O quanto entre os homens as letras valem
Mais acima eu disse; o quanto agora a honra
Pelos deuses lhes foi atribuído à memória confiarei.
Aquele mesmo Simonides de quem falei,
Como um elogio a um pugilista vencedor escrevesse,
Pago por certo salário, um retiro busca.
Como a exígua matéria o ímpeto refreasse,

De natureza e licença poética usou
E os astros gêmeos, filhos de Leda¹³³, intercalou,
Referindo a autoridade de semelhante glória.
Aprovou o trabalho; mas, como pagamento a terça
Parte recebeu. Como as restantes ele reivindicasse:
“Eles” diz “pagarão suas duas partes do elogio.
Em verdade, para indignamente não te julgarem abandonado,
Promete ir jantar comigo, quero os parentes
Hoje convidar, no número dos quais estás.”
Embora prejudicado e pela afronta sofrendo,
Para muito abandonado a graça não estragar,
Prometeu. Chegou a hora marcada, recostou-se.
O banquete alegre com beberagem resplandecia,
Com grande aparato a casa alegre retumbava,
Quando, de repente, dois jovens, cobertos de pó,
De muito suor transbordando, de corpo
Uma beleza sobre-humana, a um serviçalzinho
Mandam para junto a si chamar Simonides;
Interessava-lhe que não se demorasse.
O homem, perturbado, chama a Simonides.
Logo que o pé fora do triclínio pôs,

133 Referência a Castor e Polux, filhos gêmeos de Leda e Júpiter, protetores dos atletas, tendo sido um deles exímio domador de cavalos e o outro um pugilista.



A queda do teto, de súbito, aos outros surpreendeu;
Nenhum jovem junto à porta foi encontrado.
Como foi divulgada a sucessão da narrativa,
Todos souberam que a presença das divindades
Ao vate a vida deu no lugar do pagamento.

Epilogus. Poeta ad Particulonem

*Adhuc supersunt multa quae possim loqui,
Et copiosa abundat rerum varietas;
Sed temperatae suaves sunt argutiae,
Immodicae offendunt. Quare, vir sanctissime,
Particulo, chartis nomen victurum meis,
Latinis dum manebit pretium litteris,
Si non ingenium, certe brevitatem adproba;
Quae commendari tanto debet iustius,
Quanto cantores sunt molesti validius.*

Epílogo. O poeta a Particulão.

Ainda restam muitas coisas de que eu possa falar,
E copiosa transborda a variedade de assuntos:



Mas os gracejos suaves são comedidos,
Os destemperados ofendem. Por isso, homem honradíssimo,
Particulão, nome que em meus escritos viverá,
Enquanto nas latinas letras o prêmio restar,
Se não o talento, decerto a brevidade aprova;
Que tão mais justamente deve ser recomendada,
Quanto mais fortemente os cantores são importunos.





Liber quintus

Prologus. Idem Poeta

*Aesopi nomen sicubi interposuero,
Cui reddidi iam pridem quicquid debui,
Auctoritatis esse scito gratia;
Ut quidam artifices nostro faciunt saeculo,
Qui pretium operibus maius inveniunt novis
Si marmori adscripserunt Praxitelen suo,
Detrito Myn argento, tabulae Zeuxidem.
Adeo fucatae plus vetustati favet
Invidia mordax quam bonis praesentibus.
Sed iam ad fabellam talis exempli feror.*



Livro 5

Prólogo. O mesmo poeta.

Se alguma vez o nome de Esopo inseri,
A quem há muito paguei o que devia,
Saiba que foi por causa da autoridade¹³⁴;

¹³⁴ A prática literária da emulação procurava evidenciar as fontes (autoridades) usadas para a composição do trabalho, em que o autor buscava superar seu modelo.

Quando alguns em nosso tempo artistas se tornam,
 Quando um preço maior por novas obras adquirem,
 Se a seu mármore Praxíteles¹³⁵ ajuntam,
 À gasta prata de Miro¹³⁶, ao quadro Zêuxis¹³⁷.
 Por isso, à tingida velhice mais favorece
 A Inveja mordaz que aos bons presentes.
 Mas agora a uma anedota com tal exemplo sou levado.

1. *Demetrius rex et Menander poeta*

*Demetrius rex, qui Phalereus dictus est,
 Athenas occupavit imperio improbo.
 Ut mos est vulgi, passim et certatim ruit;
 “Feliciter!” succlamant. Ipsi principes
 Illam osculantur qua sunt oppressi manum,
 Tacite gementes tristem fortunae vicem.
 Quin etiam resides et sequentes otium,
 Ne defuisse noceat, repunt ultimi;
 In quis Menander, nobilis comoediis,
 Quas ipsum ignorans legerat Demetrius
 Et admiratus fuerat ingenium viri,*

135 Escultor renomado do séc. IV a.C.

136 Outro renomado escultor do séc. V a.C.

137 Pintor do séc. V a.C., natural da cidade de Heracleia.



*Unguento delibutus, vestitu fluens,
Veniebat gressu delicato et languido.
Hunc ubi tyrannus vidit extremo agmine:
“Quisnam cinaedus ille in conspectu meo
Audet cevere?” Responderunt proximi:
“Hic est Menander scriptor.” Mutatus statim
“Homo” inquit “feri non potest formosior.”*

1. O rei Demétrio e o poeta Menandro.

O rei Demétrio¹³⁸, que Falero é chamado,
Com perverso comando Atenas governou.
Como é costume ao vulgo, confusamente e à porfia se lançou:
“Viva!” proclamam. Os próprios príncipes
A mão, pela qual foram oprimidos, beijam,
Tacitamente deplorando o triste revés do destino.
Além disso, ainda os inativos e os obedientes ao ócio,
Para que a ausência não lhes cause mal, arrastam-se por último;
Entre eles Menandro¹³⁹, nobre pelas comédias,

138 Demétrio de Falero foi um autor de fábulas esópicas, dentre outros tipos de obras. Fedro parece confundir-lo nesta fábula com o tirano Demétrio Poliorcete, que expulsou a Demétrio de Falero da cidade de Atenas e condenado à morte. Tendo escapado, propôs a Ptolomeu Filadelfo a construção de uma grande biblioteca.

139 Autor grego da Comédia Nova, que serviu de inspiração para a Comédia Latina.



As quais, Demétrio a esse mesmo desconhecendo, lera
E admirara o talento do homem,
Com unguento ungido, em traje fluído,
Vinha em marcha delicada e lânguida.
Quando o tirano o viu no fim da multidão:
“Acaso que devasso é aquele à minha vista
Que ousa as nádegas mover?” Responderam os próximos:
“Este é Menandro, o escritor”. Imediatamente mudado:
“Um homem” diz “não pode ser mais formoso.”

2. *Duo milites et latro*

*Duo cum incidissent in latronem milites,
Unus profugit, alter autem restitit
Et vindicavit sese forti dextera.
Latrone excusso timidus accurrit comes
Stringitque gladium, dein reiecta paenula
“Cedo” inquit “illum; iam curabo sentiat
Quos attemperarit.” Tunc qui depugnaverat:
“Vellem istis verbis saltem adiuvissem modo;
Constantior fuissem vera existimans.
Nunc conde ferrum et linguam pariter futilem.*



*Ut possis alios ignorantes fallere,
Ego, qui sum expertus quantis fugias viribus,
Scio quam virtuti non sit credendum tuae.”
Illi adsignari debet haec narratio,
Qui re secunda fortis est, dubia fugax.*

2. Dois soldados e o ladrão.

Como dois soldados com um ladrão se encontrassem,
Um bateu em fuga, mas o outro ficou
E com a direita firme se defendeu.
Abatido o ladrão, o medroso companheiro acorreu
E o gládio brandiu, depois de lançada a capa:
“Mostra-o” diz “já cuidarei para que perceba
Contra quem atentou”. Então, o que pelejara:
“Desejaria que com estas palavras, ao menos, agora ajudasses;
Mais firme eu ficaria julgando-as verdadeiras.
Agora esconde a espada e igualmente a língua fútil.
Para que a outros, ignorantes, possas enganar,
Eu, que experimentei com quanta força foges,
Sei como em tua virtude não se deve acreditar.”
Deve ser atribuída esta narração àquele que
No momento favorável é forte, e no incerto é covarde.



3. *Caluus et musca*

*Calvi momordit musca nudatum caput,
Quam opprimere captans alapam sibi duxit gravem.
Tunc illa inridens: “Punctum volucris parvulae
Voluisti morte ulcisci; quid facies tibi,
Iniuriae qui addideris contumeliam?”
Respondit: “Mecum facile redeo in gratiam,
Quia non fuisse mentem laedendi scio.
Sed te, contempti generis animal improbum,
Quae delectaris bibere humanum sanguinem,
Optem carere vel maiore incommodo.”
Hoc argumento venia donari decet
Qui casu peccat. Nam qui consilio est nocens,
Illum esse quavis dignum poena iudico.*

3. O calvo e a mosca.

A mosca picou a cabeça desnuda de um calvo,
Que, ao tentar matá-la, grande bofetada se deu.
Então, ela, caçoando: “A picada de pequenino inseto
Quiseste com a morte vingar; que farás a ti,
Que à afronta um agravo acrescentaste?”



Respondeu: “Facilmente faço as pazes comigo,
Porque sei que não tive intenção de me lesar.
Mas de ti, animal perverso de desprezível raça,
Que te deleitas em sangue humano beber,
Desejaria me privar até com maior incômodo.”
Com este argumento convém se perdoar
Quem por acidente erra. Mas quem por decisão é nocivo,
Julgo-o de qualquer pena ser digno.

4. *Asinus et porcelli hordeum*

*Quidam immolasset verrem cum sancto Herculi,
Cui pro salute votum debebat sua,
Asello iussit reliquias poni hordei.
Quas aspernatus ille sic locutus est:
“Libenter istum prorsus adpeterem cibum,
Nisi qui nutritus illo est iugulatus foret.”
Huius respectu fabulae deterritus,
Periculosum semper vitavi lucrum.
Sed dicis “Qui rapuere divitias, habent.”
Numeremus agedum qui deprensi perierunt;
Maiorem turbam punitorum reperies.
Paucis temeritas est bono, multis malo.*



4. O asno e a cevada do porquinho.

Como alguém um porco imolasse ao sagrado Hércules,
A quem um voto devia pela saúde sua,
Ao burrinho ordenou se depositar o resto da cevada.
Que aquele, rejeitando, assim falou:
“Com prazer essa comida perfeitamente me apeteceria,
Se aquele, que por ela fora nutrido, não fosse degolado.”
Dissuadido pela reflexão desta fábula,
Um arriscado lucro sempre evitei.
Mas dizes: “Quem roubou riquezas, as tem.”
Enumeremos os que, apanhados pelo ato, morreram;
Maior turba de vingadores encontrarás.
A poucos a irreflexão é um bem, para muitos, um mal.

5. *Scurra et rusticus*

*Pravo favere labi mortales solent
Et, pro iudicio dum stant erroris sui,
Ad paenitendum rebus manifestis agi.
Facturus ludos dives quidam nobilis
Proposito cunctos invitavit praemio,
Quam quisque posset ut novitatem ostenderet.*



*Venere artifices laudis ad certamina;
Quos inter scurra, notus urbano sale,
Habere dixit se genus spectacula
Quod in theatro numquam prolatum foret.
Dispersus rumor civitatem concitat.
Paulo ante vacua turbam deficiunt loca.
In scaena vero postquam solus constitit
Sine apparatu, nullis adiutoribus,
Silentium ipsa fecit expectatio.
Ille in sinum repente demisit caput,
Et sic porcelli vocem est imitatus sua,
Verum ut subesse pallio contenderent
Et excuti iuberent. Quo facto, simul
Nihil est repertum, multis onerant laudibus
Hominemque plausu prosequantur maximo.
Hoc vidit fieri rusticus: “Non mehercule
Me vincet” inquit, et statim professus est
Idem facturum melius se postridie.
Fit turba maior. Iam favor mentes tenet
Et derisuros, non spectaturos, scias.
Uterque prodit. Scurra degrunnit prior,
Movetque plausus et clamores suscitatur.*



*Tunc simulans sese vestimentis rusticus
Porcellum obtegere (quod faciebat scilicet,
Sed, in priore quia nil compererant, latens),
Pervellit aurem vero, quem celauerat,
Et cum dolore vocem naturae exprimit.
Adclamat populus scurram multo similium
Imitatum, et cogit rusticum trudi foras.
At ille profert ipsum porcellum e sinu,
Turpemque aperto pignore errorem probans:
“En hic declarat quales sitis iudices!”*



5. O histrião e o camponês.

Os mortais costumam tropeçar em torto favor
E, enquanto no julgamento de seu erro permanecem,
Pelas ações manifestas a se arrepender são levados.
Um rico, que iria promover jogos ilustres,
Por um prêmio afixado a todos convidou,
Para que alguém pudesse uma novidade apresentar.
Vieram os artistas com elogios para os certames;
Entre eles um histrião, notório pelo espírito urbano,
Disse ter um tipo de espetáculo

Que no teatro nunca exibido fora.
Disperso, o boato a cidade excita.
Pouco antes vazios, lugares faltam à turba.
Então, em cena, depois que só ficou
Sem apetrechos, nenhum ajudante,
Fez silêncio a própria curiosidade.
Ele, de repente, a cabeça no peito afundou,
E assim a voz do porquinho a sua imitou,
De modo que afirmavam o verdadeiro estar sob o manto,
E ordenaram ser sacudido. Feito isto, logo que
Nada foi encontrado, com muitas loas encobrem
E o homem com maior aplauso recompensam.
Vendo isto acontecer, o camponês: “Sem dúvida, não
Me vencerá” diz e, sem demora, professou
No dia seguinte o mesmo melhor fazer.
Faz-se multidão maior. Já o favorecimento toma as mentes
E, saberás, de zombeteiros, não de espectadores.
Cada um se mostra. O histrião grunhe primeiro,
Ganha aplausos e aclamações suscita.
Então, o camponês, simulando sob sua vestimenta
Um porquinho ocultar (fazia isto, é bom saber,
Mas, porque no anterior nada descobriram, às ocultas),



Puxou a orelha do verdadeiro, que escondera,
E com dor a voz da natureza reproduziu.
Aclama o povo que o histrião muito mais semelhante
Imitou, e constrange o camponês porta afora.
Mas o próprio porquinho do regaço ele tira,
O torpe erro com evidente sinal comprovando:
“Eis que ele declara que juízes sois!”

6. *Duo calvi*

Invenit calvus forte in trivio pectinem.
Accessit alter aequae defectus pilis.
“Heia” inquit “in commune quodcumque est lucri!”
Ostendit ille praedam et adiecit simul:
“*Superum voluntas favit; sed fato invido*
Carbonem, ut aiunt, pro thesauro invenimus.”
Quem spes delusit, huic querela conuenit.

6. Os dois calvos.

Por acaso, o calvo um pente na praça encontra.
Aproxima-se outro, igualmente deficiente de cabelos:



“Ei” diz “em comum¹⁴⁰ o que houver de lucro!”

Ostentou a presa e logo acrescentou:

“A vontade dos deuses favorece; mas, pelo destino adverso

Um carvão, como dizem, ao invés de um tesouro encontramos.”

A esperança iludiu aquele a quem a queixa convém.

7. *Princeps tibicen*

Ubi vanus animus aura captus frivola

Arripuit insolentem sibi fiduciam,

Facile ad derisum stulta levitas ducitur.

Princeps tibicen notior paulo fuit,

Operam Bathyllo solitus in scaena dare.

Is forte ludis, non satis memini quibus,

Dum pegma rapitur, concidit casu gravi

Necopinus et sinistram fregit tibiam,

Duas cum dextras maluisset perdere.

Inter manus sublatus et multum gemens

Domum refertur. Aliquot menses transeunt,

Ad sanitatem dum venit curatio.

140 Pelo direito romano, quem encontrasse algo por acaso deveria dividir o achado, caso houvesse outra pessoa por perto na mesma ocasião.



*Ut spectatorum molle est et lepidum genus,
Desiderari coepit, cuius flatibus
Solebat excitari saltantis vigor.
Erat facturus ludos quidam nobilis.
Is, ut incipiebat Princeps ad baculum ingredi,
Perducit pretio precibus ut tantummodo
Ipso ludorum ostenderet sese die.
Qui simul advenit, rumor de tibicine
Fremit in teatro: quidam adfirmant mortuum,
Quidam in conspectum proditurum sine mora.
Aulaeo misso, devolutis tonitribus,
Di sunt locuti more translaticio.
Tunc chorus ignotum modo reducto canticum
Insonuit, cuius haec fuit sententia:
LAETARE INCOLVMIS ROMA SALVO PRINCIPE.
In plausus consurrectum est. Iactat basia
Tibicen; gratulari fautores putat.
Equester ordo stultum errorem intellegit
Magnoque risu canticum repeti iubet.
Iteratur illud. Homo meus se in pulpito
Totum prosternit. Plaudit inludens eques;
Rogare populus hunc choro veniam aestimat.*



*Ut vero cuneis notuit res omnibus,
Princeps, ligato crure nivea fascia,
Niveisque tunicis, niveis etiam calceis,
Superbiens honore divinae domus,
Ab universis capite est protrusus foras.*

7. Príncipe, o flautista.

Quando um pensamento vazio, por frívola aura tomado,
De excessiva confiança se apodera,
Facilmente à zombaria a estúpida leviandade é levada.
Príncipe¹⁴¹ foi um flautista um pouco mais notável,
Acostumado a servir a Batilo¹⁴² em cena.
Por acaso, nos espetáculos, não lembro bem em quais,
Enquanto se eleva o alçapão¹⁴³, em grande queda decai
O inopinado e a perna esquerda quebra,
Quando as duas direitas¹⁴⁴ ele preferiria perder.
Entre mãos erguido e muito gemendo,

141 Havia um flautista chamado Lúcio Cássio Príncipe. Evidentemente, aqui Fedro brinca com o nome do artista e com o Príncipe romano, isto é, o imperador Tibério.

142 Criador da pantomima, liberto de Mecenas, à época de Augusto.

143 Máquina que elevava os atores nos ares.

144 Jogo com o vocábulo *tibia*, que designa o osso da perna e também a flauta, feita com caniços. Obviamente, o flautista se refere à flauta.



Para casa é carregado. Alguns meses se passam,
Até que o tratamento a saúde restaura.
Como é flexível e encantadora a raça dos espectadores,
Começa a ser requerido, com seus apupos
Costumava se animar a força do dançarino.
Certo nobre jogos iria promover.
Assim, como começava Príncipe a caminhar com um cajado,
Seduzia-o com um prêmio, pedindo que tão somente
No próprio dia dos jogos se revelasse.
Logo que chegou, um boato sobre o flautista
Ecoou pelo teatro: alguns o afirmam morto,
Outros, à vista, se apresentaria sem demora.
Descerrado o pano, precipitados os trovões,
Os deuses falaram, conforme costume tradicional.
Então, o coro um dissonante canto ao recém reconduzido
Ressoou, do qual foi esta a deixa:
ALEGRA-SE ROMA, INCÓLUME, ESTANDO SALVO O PRÍNCIPE.¹⁴⁵
Levantam-se aplaudindo. Lança beijos
O flautista; julga que os torcedores o congratulam.



145 Cântico em honra ao imperador Augusto, quando retornava são e salvo de alguma ação arriscada. A fala apresenta um quiproquó, recurso usado em comédias, em que o flautista Príncipe acredita que falam de sua pessoa, “salvo” da queda.

O tolo erro a ordem equestre¹⁴⁶ entende
 E com grande riso ordena o canto repetir-se.
 Recomeçam-no. Meu caro homem no palco
 Se prosterna todo. Aplauda, divertindo-se, a cavalaria;
 Estima o povo que este agracia ao coro.
 Quando, em verdade, o fato deu-se a conhecer a toda a assembleia,
 Príncipe, de perna amarrada com uma faixa branca,
 Em túnica branca, com calçados também brancos,
 Ensoberbando-se com a estima da divina casa,
 Por todos foi sumariamente posto porta afora.



8. *Tempus*

*Cursu volucris, pendens in novacula,
 Calvus, comosa fronte, nudo corpore,
 Quem si occuparis, teneas, elapsum semel
 Non ipse possit Iuppiter reprehendere,
 Occasionem rerum significat brevem.
 Effectus impediret ne segnis mora,
 Finxere antiqui talem effigiem Temporis.*

146 Os catorze primeiros degraus do teatro eram reservados aos membros da ordem equestre.

8. O Tempo.

Em veloz andar, suspenso no fio da navalha,
Calvo, de frente cabeluda e corpo nu,
Se o dominares, mantém-no; uma vez, esgotado
Nem o próprio Júpiter poderá retê-lo,
Significa um breve ensejo das coisas.
Para que a indolente demora os resultados não impeça,
Os antigos¹⁴⁷ tal efígie do Tempo produziram.

9. *Taurus et vitulus*

Angusto in audito taurus luctans cornibus
Cum vix intrare posset ad praesepia,
Monstrabat vitulus quo se pacto flecteret.
“Tace” inquit; “ante hoc novi quam tu natus es.”
Qui doctiorem emendat sibi dici putet.

147 Alguns autores de tempos mais remotos representavam o Tempo como um jovem, com um tufo de pelos na frente e calvo na nuca. Depois foi descrito com asas, trazendo uma lâmina na mão.



9. O touro e o novilho.

Como num acesso estreito um touro com os chifres lutando

A custo no presépio pudesse entrar,

Mostrava o novilho como se revirar.

“Cala-te” diz; “Sabia disso antes de nasceres.”

Quem a um mais sábio corrige, a si julga falar.

10. *Canis vetulus et venator*

Adversus omnes fortis et velox feras

Canis cum domino semper fecisset satis,

Languere coepit annis ingravantibus.

Aliquando obiectus hispidi pugnae suis,

Arripuit aurem; sed cariosis dentibus

Praedam dimisit rictus. Venator dolens

Canem obiurgabat. Cui senex contra Lacon:

“Non te destituit animus, sed vires meae.

Quod fuimus lauda, si iam damnas quod sumus.”

Hoc cur, Philete, scripserim pulchre vides.



10. O cão velhinho e o caçador.

Contra todas as feras forte e veloz,
Como o cão sempre a seu senhor satisfizesse,
Começa a desfalecer pelos anos agravados.
Um dia oposto em eriçada luta contra um porco,
Arrancou-lhe a orelha; mas, com apodrecidos dentes
A presa deixou o ricto. O caçador condoído
Ao cão censurava. Ao qual, contrário, o velho espartano:
“Não foi o ânimo que te deixou, mas as forças minhas.
O que fomos, exalta; se agora condenas o que somos.”
Por isso, Fileto¹⁴⁸, escrevi o que bem vêis.



148 Provável amigo de Fedro, liberto de Cláudio, a quem dedicou esse livro.



Appendix Perottina

1. [*Simius et vulpes*]

Avarum etiam quod sibi superest non libenter dare.

Vulpem rogabat partem caudae simius,

Contegere honeste posset ut nudas nates;

Cui sic maligna: “Longior fiat licet,

Tamen illam citius per lutum et spinas traham,

Partem tibi quam quamvis parvam impartiar.”



Apêndice de Perotti¹⁴⁹.

1. O símio e a raposa.

O avarento de boa vontade não dá nem mesmo o que lhe é supérfluo.

Um símio à raposa parte de sua cauda pedia,

Para que as nuas nádegas pudesse honrosamente cobrir;

A quem assim a maligna: “Ainda que mais longa fosse,

Contudo, mais rapidamente por lama e espinhos, eu a arrastaria,

A contigo, ainda que uma sua pequena parte, repartir.”

¹⁴⁹ Constam desse apêndice 32 fábulas, presentes em alguns manuscritos, sem *promitio* ou *epimitio*, isto é, sem a moral expressa.

2. [Auctor]

*De his qui legunt libellum.
Hoc quaecumque est Musa quod ludit mea,
Nequitia pariter laudat et frugalitas,
Sed haec simpliciter; illa tacite irascitur.*

2. O autor.

Sobre aqueles que leem o livrinho.
O que quer que haja que minha Musa componha,
A maldade e igualmente a moderação louvam,
Mas esta com simplicidade; aquela em silêncio se irrita.



3. [Auctor]

*Non esse plus aequo petendum.
Arbitrio si Natura finxisset meo
Genus mortale, longe foret instructius.
Nam cuncta nobis attribuisset commoda
Quae cui Fortuna indulgens animali dedit,
Elephanti vires et leonis impetum,
Cornicis aevum, gloriam tauri trucidis,*

*Equi velocis placidam mansuetudinem;
Et adesset homini sua tamen sollertia.
Nimirum in caelo secum ridet Iuppiter,
Haec qui negavit magno consilio hominibus,
Ne sceptrum mundi raperet nostra audacia.
Ergo contenti munere invicti Iovis
Fatalis annos decurramus temporis,
Nec plus conemur quam sinit mortalitas.*

3. O autor.

Não se deve pedir mais do que é justo.
Se ao meu arbítrio a Natureza modelasse
A raça mortal, de longe seria mais versado.
Pois nos atribuiria todas as comodidades,
Que a Fortuna, indulgente, aos animais deu,
Do elefante a força e do leão o ímpeto,
Da gralha a eternidade¹⁵⁰, a glória do touro feroz,
Do cavalo veloz a plácida mansidão;
E estaria junto ao homem, pois, sua sagacidade.

150 A longevidade era atribuída à gralha, segundo alguns testemunhos literários antigos. Cf. Cic. *Tusc.* 3, 69; Hor. *Carm.* 3, 17.



Certamente no céu consigo mesmo ri Júpiter,
Que isto aos homens negou em seu grande decreto,
Para que o cetro do mundo nossa audácia não roubasse.
Então, contentes com o presente do invicto Júpiter
Os anos do tempo mortal transcorramos,
E mais não nos esforcemos do que permite a mortalidade.

4. [Mercurius et mulieres duae]

De eodem alia fabula.

Mercurium hospitio mulieres olim duae

Inliberali et sordido receperant;

Quarum una in cunis parvum habebat filium,

Quaestus placebat alteri meretricius.

Ergo ut referret gratiam officiis parem,

Abiturus et iam limen excedens ait:

“Deum videtis; tribuam vobis protinus

Quod quaeque optarit.” mater suppliciter rogat

Barbatum ut videat natum quam primum suum;

Moecha ut sequatur sese quidquid tetigerit.

Volat mercurius, intro redeunt mulieres.

Barbatus infans, ecce, vagitus ciet.



*Id forte meretrix cum rideret validius,
Nares replevit umor ut fieri solet.
Emungere igitur se volens predit manu
Traxitque ad terram nasi longitudinem,
Et aliam ridens ipsa ridenda extitit.*

4. Mercúrio e as duas mulheres.

Outra fábula sobre o mesmo.

Duas mulheres, *um dia*, a Mercúrio¹⁵¹

Em indigna e baixa hospitalidade receberam;

Das quais uma no berço um pequeno filho tinha,

O ofício de nutriz à outra agradava.

Então, para render igual agradecimento pelos serviços,

Ao sair e já excedendo o limiar, diz:

“Um deus vedes; logo vos concederei

O que cada uma desejar.” A mãe humildemente pede

Que, o quanto antes, seu filho barbado veja;

A adúltera que lhe siga tudo que tocar.

Voa Mercúrio, para dentro voltam as mulheres.

151 Uma das representações mais comuns desse deus o mostra com asas nas sandálias e no pequeno chapéu que porta.



A criança barbada, de repente, vagidos solta.
Como a nutriz, acaso, mais fortemente ri,
As narinas o muco encheu, como sói acontecer.
Logo, desejando se assoar, segura-o com a mão
E ao chão arrastou do nariz a imensidão,
E, rindo-se da outra, ela própria risível se tornou.

5. [*Prometheus et dolus*]

De veritate et mendacio
Olim Prometheus saeculi figulus novi
Cura subtili Veritatem fecerat,
Ut iura posset inter homines reddere.
Subito accersitus nuntio magni Iovis
Commendat officinam fallaci Dolo,
In disciplinam nuper quem receperat.
Hic studio accensus, facie simulacrum pari,
Una statura, simile et membris omnibus,
Dum tempus habuit callida finxit manu.
Quod prope iam totum mire cum positum foret,
Lutum ad faciendos illi defecit pedes.
Redit magister, quo festinanter Dolus



*Metu turbatus in suo sedit loco.
Mirans Prometheus tantam similitudinem
Propriae videri voluit artis gloriam.
Igitur fornaci pariter duo signa intulit;
Quibus percoctis atque infuso spiritu
Modesto gressu sancta incessit Veritas,
At trunca species haesit in vestigio.
Tunc falsa imago atque operis furtivi labor
Mendacium appellatum est, quod negantibus
Pedes habere facile et ipse adsentio.
Simulata interdum initio prosunt hominibus,
Sed tempore ipsa tamen apparet veritas.*



6. Prometeu e o dolo.

Sobre a verdade e a mentira
Um dia Prometeu, oleiro do novo século,
Com minucioso cuidado a Verdade fizera,
Para os direitos entre os homens poder restituir.
De súbito, chamado pelo mensageiro do grande Jove,
Confia a oficina ao falacioso Dolo,
O qual há pouco à instrução recebera.

Este, por zelo instigado, um simulacro de igual rosto,
Com estatura e semelhante nos membros todos,
Enquanto tempo teve, com hábil mão moldou.
Quando estava este assentado, já quase todo admirável,
O barro, para os pés fazer-lhe, faltou.
Volta o mestre, pelo que, às pressas, o Dolo,
De medo atordoado, em seu lugar sentou.
Admirando Prometeu tamanha semelhança,
Quis que a glória da própria arte aparecesse.
Logo, no formo igualmente as duas imagens colocou;
Bem cozidas e de espírito infundido,
Com modesto andar avançou a Sacra Verdade,
Mas, a mutilada espécie pregou-se a seu rastro.
Então, a falsa imagem, e trabalho de obra furtiva,
Mentira é chamada, e aos que negam
Que pés tenha, facilmente eu mesmo isso confirmo.
Por vezes, os bens simulados, de início, aos homens são úteis,
Mas, com o tempo, a própria verdade aparece.



7. [Auctor]

*Sensum aestimandum esse, non verba.
Ixion quod versari narratur rota,
Volubilem Fortunam iactari docet.
Adversus altos Sisyphus montes agens
Saxum labore summo, quod de vertice
Sudore semper irrita revolvitur,
Ostendit hominum sine fine <esse> miserias.
Quod stans in amne Tantalus medio sitit,
Avari describuntur, quos circumfluit
Usus bonorum, sed nil possunt tangere.
Urnis scelestae Danaides portant aquas,
Pertusa nec complere possunt dolia;
Immo luxuriae quicquid dederis perfluet.
Novem porrectus Tityos est per iugera,
Tristi renatum suggerens poenae iecur;
Quo quis maiorem possidet terrae locum,
Hoc demonstratur cura graviore adfici.
Consulto involvit veritatem antiquitas
Ut sapiens intellegeret, erraret rudis.*



7. O autor.

Deve-se estimar o sentido, não as palavras.

Narra-se que Íxion¹⁵² rolava numa roda,

Ensinando que a volúvel Fortuna se move.

Levando Sísifo¹⁵³ ao alto dos montes

Um seixo com suprema fadiga, que do alto

Com esforço sempre inútil é rolado,

Mostra dos homens <serem> as misérias sem fim.

Que, estando no meio do rio, Tântalo¹⁵⁴ tem sede,

Os avarentos são descritos, dos quais circunda

A prática dos bons, mas nada podem tocar.

Em urnas as celeradas Danaides¹⁵⁵ levam água,

E, furadas, as talhas não podem completar;

Longe disso, escapa a luxúria que granjeaste.

152 Rei da Tessália, que jogou o pai de Dia, sua pretendente, num fosso em brasas. Por flertar a deusa Juno, foi condenado a permanecer preso a uma roda que girava incessantemente no Tártaro.

153 Rei de Corinto, tido como um homem astuto e traiçoeiro, foi condenado por seus crimes a rolar uma pedra até o cume de um monte, mas ela sempre voltava ao início, em eterno processo, no Tártaro.

154 Foi condenado por seus crimes a permanecer no meio de um rio, que afastava suas águas quando ele tentava beber. Perto dele havia uma árvore frutífera, que afastava seus galhos para não ser alcançada.

155 Cinquenta jovens que planejaram matar seus maridos na noite. Todas concordaram, exceto uma. As criminosas foram condenadas a retirar água de um fosso com baldes furados, impedindo de cumprir a tarefa.



Foi estirado Títio¹⁵⁶ por nove jeiras,
 O renascido fígado fornecendo à triste pena;
 Pois quem o maior lugar na terra possui,
 Com maior aflição é oprimido, isto se demonstra.
 De propósito, a antiguidade envolve a verdade,
 Como o sábio percebera, e se enganara o toско.

8. [Auctor]

De oraculo Apollinis.

*Utilius nobis quid sit dic, Phoebe, obsecro,
 Qui Delphos et formosum Parnasum incolis.*

*Subito sacratae vatis horrescunt comae,
 Tripodes moventur, mugit adytis Religio,
 Tremuntque lauri et ipse pallescit dies.*

Voces resolvit icta Pytho numine:

“Audite, gentes, Delii monitus dei:

Pietatem colite, vota superis reddite;

Patriam, parentes, natos, castas coniuges

Defendite armis, hostem ferro pellite;

156 Gigante, filho da Terra, violentou Latona e, por esse delito, foi condenado a ficar no Tártaro preso por correntes, tendo seu fígado devorado por abutres todos os dias.



*Amicos sublevate, miseris parcite;
Bonis favete, subdolis ite obviam;
Delicta vindicate, corripite impios,
Punite turpi thalamos qui violant stupro;
Malos cavete, nulli nimium credite.”
Haec elocuta concidit virgo furens;
Furens profecto, nam quae dixit perdidit.*

8. O autor.

Sobre o oráculo de Apolo.

O que nos for mais útil, diz, Febo, por favor,
Que Delfos¹⁵⁷ e o formoso Parnaso¹⁵⁸ habitas.
De súbito, do vate as sacras comas se eriçam,
Os trípodes¹⁵⁹ se movem, retumba nos santuários a Religião,
E tremem os loureiros e empalidece o próprio dia.
Solta a voz a pitonisa¹⁶⁰, ferida pela divindade:
“Ouvi, nações, do deus de Delos¹⁶¹ as predições:

157 Cidade da Fócida, onde se encontrava um santuário dedicado a Febo Apolo.

158 Montanha de Delfos, tida como a morada de Apolo e das Musas.

159 Peça mobiliária de três pés, onde a profetisa de Delfos anunciava os oráculos do deus.

160 A pitonisa é a profetisa de Apolo, que recebia e transmitia os oráculos.

161 O próprio Apolo, nascido na Ilha de Delos.



A piedade cultivai; os votos aos deuses restituí;
Pátria, pais, filhos, castas esposas
Com armas defendei; o inimigo com a espada ferí;
Os amigos levantai; aos infelizes poupai;
Aos bons favorecei; aos astutos enfrentai;
Os delitos vingai; repreendei os ímpios;
Puni os que os tálamos violam com torpe desonra;
Dos maus vos acautelai; em ninguém muito acreditai.”
Isto enunciando, sucumbiu a virgem delirante;
Delirante, sem dúvida, pois o que disse se dissipou.



9. [Aesopus et scriptor]

De malo scriptore se laudante.

Aesopo quidam scripta recitarat mala,

In quis inepte multum se iactaverat.

Scire ergo cupiens quidnam sentiret senex,

“Numquid tibi” inquit “visus sum superbior?”

Haud vana nobis ingeni fiducia est.”

Confectus ille pessimo volumine,

“Ego” inquit “quod te laudas vehementer proba;

Namque hoc ab alio numquam continget tibi.”

9. Esopo e o escritor.

Sobre o mau escritor se elogiando.

A Esopo alguém obras ruins recitara,

Em que, desastradamente, muito se jactara.

Desejando, pois, saber o que sentia o velho,

“Acaso” diz, “te pareço mais altivo?

A confiança em nosso talento vã não é.”

Consumido aquele pelo péssimo volume:

“Eu” diz “veementemente aprecio que te elogies;

Pois de outro modo isto nunca te ocorreria.”



10. [Pompeius et miles]

Quam difficile sit hominem nosse.

Magni Pompeii miles vasti corporis

Fracte loquendo et ambulando molliter

Famam cinaedi traxerat certissimi.

Hic insidiatus nocte iumentis ducis

Cum veste et auro et magno argenti pondere

Avertit mulos. Factum rumor dissipat;

Arguitur miles, rapitur in praetorium.

Tum magnus: “Quid ais? Tune me, commilito,

*Spoliare es ausus?" Ille continuo exscreat
Sibi in sinistram et sputum digitis dissipat:
"Sic, imperator, oculi exstillescant mei,
Si vidi aut tetigi." Tum vir animi simplicis
Id dedecus castrorum propelli iubet,
Nec cadere in illum credit tantam audaciam.
Breve tempus intercessit, et fidens manu
Unum de nostris provocabat barbarus.
Sibi quisque metuit; primi iam mussant duces.
Tandem cinaedus habitu, sed Mars viribus,
Adit sedentem pro tribunali ducem,
Et voce molli: "Licet?" Eum vero eici,
Ut in re atroci, magnus stomachans imperat.
Tum quidam senior ex amicis principis:
"Hunc ego committi satius fortunae arbitror,
In quo iactura levis est, quam fortem virum,
Qui casu victus temeritatis te arguat."
Assensit Magnus et permisit militi
Prodire contra; qui mirante exercitu
Dicto celerius hostis abscidit caput,
Victorque rediit. His tunc Pompeius super:
"Corona, miles, equidem te dono libens,
Quia vindicasti laudem Romani imperi;*



*Sed exstillescant oculi sic” inquit “mei,”
Turpe illud imitans ius iurandum militis,
“Nisi tu abstulisti sarcinas nuper meas.”*

10. Pompeu e o soldado.

Como é difícil conhecer um homem.

Do Grande Pompeu¹⁶² um soldado de vasto corpo,
Efeminadamente falando e caminhando delicadamente,

A reputação de devasso manifestíssimo contraíra.

Este, de noite, à espreita, das mulas do chefe,

Com roupas e ouro e grande carga de prata

Dos burros se afasta. Do fato um rumor se dispersa;

Censura-se o soldado; ao pretório¹⁶³ é arrastado.

Então, o Grande: “Que dizes? Acaso, camarada,

Ousaste me espoliar?” Ele, sem demora, escarra

À sua esquerda e o cuspe com os dedos dispersa:

“Assim, general, os olhos meus gotejem,

Se os vi ou toquei”. Então, o homem de singelo ânimo

A esse opróbio do acampamento ordena ser afastado

162 Lúcio Gneu Pompeu, general do exército romano, entre os séculos II-I a.C., um dos membros que compuseram o 1º triunvirato, morto no Egito.

163 Aqui designa uma tenda no acampamento, preparada para o general do exército.



E não se credite cair sobre ele tão grande audácia.
Breve tempo decorre, e confiante no combate
A um dos nossos provoca um bárbaro.
Cada um temeu por si; os primeiros a hesitar já são os chefes.
Por fim, o devasso nos costumes, mas um Marte em forças,
Vai ao chefe estabelecido pelo tribunal¹⁶⁴
E com voz mansa: “Permitem?” Mas, expulsá-lo,
Como em caso atroz, o Grande, agastando-se, manda.
Então, um idoso dentre os amigos do comandante:
“Eu julgo que, de preferência, o confie à sorte,
Cuja perda é leve, a um homem forte,
Que, vencido pelo acaso da temeridade, te acusará.”
Assentiu o Grande e ao soldado permitiu
Avançar contra; o qual, observando o exército,
Diz-se que mais rápido a cabeça do inimigo cortou,
E vencedor retornou. Então, Pompeu sobre eles:
“Com uma coroa, soldado, decerto, contente, te gratifico,
Porque reivindicaste a glória do império romano;
Mas, gotejando os olhos meus” diz, “assim”,
Vergonhosamente imitando o juramento do soldado,
“Se recentemente as minhas bagagens não tivesses afanado?”



164 A tribuna do general, lugar onde se sentava para dar suas ordens.

11. [Iuno, Venus et gallina]

De mulierum libidine.

Cum castitatem Iuno laudaret suam,

Iocunditatis causa non renuit Venus,

Nullamque ut affirmaret esse illi parem

Interrogasse sic gallinam dicitur:

“Dic, sodes, quanto possis satiari cibo?”

Respondit illa “Quidquid dederis, satis erit,

Sic ut concedas pedibus aliquid scalpere.”

“Ne scalpas” inquit “satis est modius tritici?”

“Plane, immo nimium est, sed permitte scalpere.”

“Ex toto ne quid scalpas, quid desideras?”

Tum denique illa fassa est naturae malum:

“Licet horreum mi pateat, ego scalpam tamen.”

Risisse Iuno dicitur Veneris iocos,

Quia per gallinam denotavit feminas.

11. Juno, Vênus e a galinha.

Sobre a luxúria das mulheres.

Como Juno a sua castidade louvasse,

Por prazer Vênus não deixou de consentir,



E como afirmasse nada igual existir,
 Assim diz-se que interrogou uma galinha:
 “Diz, por favor, com quanta comida podes te saciar?”
 Responde ela: “O que deres será o bastante,
 Desde que concordes que com os pés algo eu cisque¹⁶⁵.”
 “Para não ciscares”, diz, “é bastante um módio de trigo?”
 “Perfeitamente, é até demais, mas deixa-me ciscar.”
 “Para de todo não ciscares, o que desejas?”
 Então, alfim, o delito da natureza ela confessou:
 “Ainda que um celeiro me mostres, ainda assim eu ciscarei.”
 Diz-se Juno ter rido das brincadeiras de Vênus,
 Porque pela galinha designou as mulheres¹⁶⁶.



12. *Iuventus et bos vetulus*

Quomodo domanda sit ferox iuventus.

Paterfamilias saevum habebat filium.

Hic, e conspectu cum patris recesserat,

Verberibus servos afficiebat plurimis

¹⁶⁵ *Scalpo* significa propriamente “raspar, cavar”, aqui designando o hábito da galinha ciscar.

¹⁶⁶ É provável que esta fábula faça uma alusão à política de moralização de Roma, infrutiferamente promovida por Augusto.

*Et exercebat fervidam adulescentiam.
Aesopus ergo narrat hoc breviter seni:
“Quidam iuvenco vetulum adiungebat bovem.
Is cum refugiens impari collo iugum
Aetatis excusaret vires languidas,
‘Non est quod timeas’ inquit illi rusticus;
‘Non ut labores facio, sed ut istum domes,
Qui calce et cornu multos reddit debiles.’
Et tu nisi istum tecum assidue retines,
Feroxque ingenium comprimis clementia,
Vide ne querela maior accrescat domus.”
[Atrocitati mansuetudo est remedium.]*



12. O bezerro e o boi velhinho.

Como deve ser domada a feroz juventude.
Um pai de família tinha um terrível filho.
Como do olhar do pai se desviara,
Com vários golpes aos servos afligia
E cultivava uma ardorosa adolescência.
Esopo, então, brevemente isto ao velho narra:
“Alguém ao bezerro um boi velhinho atrelava.

Como ele, com colo desigual, o jugo recusando,
Das forças débeis pela idade se desculpasse:
‘Não há o que temer’, diz-lhe o camponês;
‘Não faço isso para que trabalhes, mas para que domes a esse,
Que com o calcanhar e o chifre muitos enfermos faz.’
E, a não ser que contigo assiduamente o retenhas,
E o feroz gênio com clemência refreies,
Cuida que uma querela maior à casa não se ajunte.’”
[Contra a atrocidade, a mansidão é remédio.]

13. [Aesopus et victor gymnicus]

Quomodo comprimatur aliquando iactantia.
Victorem forte gymnici certaminis
Iactantiorem Phryx cum vidisset sophus,
Interrogavit an plus adversarius
Valuisset nervis. Ille: “Ne istud dixeris;
Multo fuere vires maiores meae.”
“Quod” inquit “ergo, stulte, meruisti decus,
Minus valentem se vicisti fortior?
Ferendus esses, arte si te diceres
Superasse eum qui te esset melior viribus.”



13. Esopo e o ginasta vencedor.

Como às vezes se contém a vaidade.

Como, por acaso, o vencedor de um certame gímnico¹⁶⁷

Mais vaidoso o filósofo frígio visse,

Interrogou se mais o adversário

Em robustez valesse. Ele: “Isso não digas;

Muito maiores foram as forças minhas.”

“Então”, diz, “estúpido, que honra mereceste,

Se a um menos valente tu, mais forte, venceste?

Deverias ser tolerado, se habilmente dissesses

Que superaste quem te foi maior em forças.”



14. [Asinus ad lyram]

Quomodo ingenia saepe calamitate intercidunt.

Asinus iacentem vidit in prato lyram;

Accessit et temptavit chordas ungula.

Sonuere tactae. “Bella res mehercules

Male cessit” inquit “artis quia sum nescius.

Si reperisset aliquis hanc prudentior,

Divinis aures oblectasset cantibus.”

Sic saepe ingenia calamitate intercidunt.

¹⁶⁷ As competições gímnicas compreendiam provas de salto, corrida, lançamento de dardos, lançamento de disco e lutas.

14. O burro à lira.

Como os gênios com frequência pela calamidade são destruídos.
Um burro uma lira jazendo no prado viu;
Aproximou-se e com a garra as cordas tateou.
Ressoaram caladas. “Belo objeto, por minha fé,
Acabou mal”, diz “porque de sua arte sou ignorante.
Se alguém mais sagaz a tivesse encontrado,
Com divinos sons aos ouvidos agradaria.”
Assim, com frequência, os gênios pela calamidade são destruídos.



15. [Vidua et miles]

*Quanta sit inconstantia et libido mulierum.
Per aliquot annos quaedam dilectum virum
Amisit et sarchphago corpus condidit;
A quo revelli nullo cum posset modo
Et in sepulchro lugens vitam degeret,
Claram assecuta est famam castae coniugis.
Interea fanum qui compilarant Iovis,
Cruci suffixi luerunt poenas numini.
Horum reliquias ne quis posset tollere,
Custodes dantur milites cadaverum,*

Monumentum iuxta, mulier quo se incluserat.
Aliquando sitiens unus de custodibus
Aquam rogavit media nocte ancillulam,
Quae forte dominae tunc adsistebat suae
Dormitum eunti; namque lucubraverat
Et usque in serum vigiliis perduxerat.
Paulum reclusis foribus miles prospicit,
Videtque egregiam facie pulchra feminam.
Correptus animus ilico succenditur
Oriturque sensim ut impotentis cupiditas.
Sollers acumen mille causas invenit,
Per quas videre posset viduam saepius.
Cotidiana capta consuetudine
Paulatim facta est advenae submissior,
Mox artior revinxit animum copula.
Hic dum consumit noctes custos diligens,
Desideratum est corpus ex una cruce.
Turbatus miles factum exponit mulieri.
At sancta mulier “Non est quod timeas” ait,
Virique corpus tradit figendum cruci,
Ne subeat ille poenas neglegentiae.
Sic turpitude laudis obsedit locum.



15. A viúva e o soldado¹⁶⁸.

Quão grande é a inconstância e a luxúria das mulheres.
Certa mulher ao marido, por alguns anos amado,
Perdeu e num sarcófago¹⁶⁹ o corpo conservou;
De onde, como ninguém, de modo algum, a pudesse arrancar
E no sepulcro chorando, a vida passava,
A ilustre reputação de casta esposa assegurou.
Entrementes, os que o templo de Júpiter pilharam¹⁷⁰,
À cruz suspensos as penas à divindade expiaram.
Para que ninguém seus restos pudesse apanhar,
Como vigias dos cadáveres soldados são atribuídos,
Junto à sepultura, em que a mulher se encerrara.
Um dia, sedento, um dos vigias
À criadinha, no meio da noite, água pediu,
A qual, por acaso, então, à sua senhora assistia
Ir dormir; com efeito, à noite trabalhando velara
E até tarde a vigília prolongara.

168 Narrativa com origem na fábula milésia, que tem como tema uma viúva “inconsolável”, que se apaixona inesperadamente por alguém que dela se aproxima. Petrônio, no *Satiricon*, conta a mesma história, conhecida como “A matrona de Éfeso”.

169 O sarcófago ou túmulo; segundo o costume romano, os defuntos poderiam ser enterrados ou cremados.

170 O sacrilégio, a violação de um lugar sagrado, como um templo, deveria ser punido com a morte dos criminosos, que tinham suas sepulturas inscritas com imprecações e ameaças, pelo delito cometido.



Pelas pouco cerradas portas o soldado espia,
E uma egrégia mulher de belo rosto vê.
Abrasado o espírito sem demora se inflama
E, naturalmente, nasce como que uma paixão nele impotente.
A ardilosa astúcia mil motivos encontra,
Pelos quais a viúva mais frequente pudesse ver.
Cativada pelo cotidiano costume,
A pouco e pouco ao estranho mais submissa se tornou,
Logo, mais estreita união ao coração venceu.
Enquanto assim consome as noites o vigia diligente,
Perdido foi o corpo de uma cruz.
Perturbado, o soldado o fato à mulher expõe.
Mas, a honrada mulher: “Não há o que temer” diz,
E o corpo do marido confia para à cruz afixar,
Para que as penas da negligência ele não sofra.
Assim, a indecência o lugar da glória ocupou.



16. [Duo proci]

Fortunam interdum praeter spem atque expectationem hominibus favere.

Unam expectebant virginem iuvenes duo.

Vicit locuples genus et formam pauperis.

Ut nuptiarum dictus advenit dies,

Amans, dolorem quia non poterat perpeti,

Maerens propinquos contulit se in hortulos,

Quos ultra paulo villa splendens divitis

Erat acceptura virginem e matri sinu,

Parum ampla in urbe visa quod fuerat domus.

Pompa explicatur, turba concurrat frequens,

Et coniugalem praefert Hymenaeus facem.

Asellus autem, qui solebat pauperi

Quaestum deferre, stabat portae in limine.

Illum puellae casu conducunt sui,

Viae labores teneros ne laedant pedes.

Repente caelum, Veneris misericordia,

Ventis movetur, intonat mundi fragor

Noctemque densis horridam nimbis parat.

Lux rapitur oculis, et simul vis grandinis

Effusa trepidos passim comites dissipat,

Sibi quemque cogens petere praesidium fuga.



*Asellus notum proxime tectum subit,
Et voce magna sese venisse indicat.
Procurrunt pueri, pulchram aspiciunt virginem
Et admirantur; deinde domino nuntiant.
Inter sodales ille paucos accubans
Amorem crebris avocabat poculis.
Ubi nuntiatum est, recreatus gaudiis
Hortante baccho et Venere, dulcis perficit
Aequalitatis inter plausus nuptias.
Quaerunt parentes per praeconem filiam;
Novus maritus coniuge amissa dolet.
Quid esset actum postquam populo innotuit,
Omnes favorem comprobarunt caelitum.*



16. Os dois pretendentes.

A Fortuna, algumas vezes, além da esperança e da expectativa, aos homens favorece.

Dois jovens uma só moça desejavam.

O opulento sobrepujou a nobreza e a beleza do pobre.

Como o dia anunciado das bodas se aproximasse,

O enamorado, porque a dor não pudera tolerar,

Triste, a jardinzinhos próximos se deixou levar,

Que um pouco além da quinta esplendorosa do rico,
 Iria acolher a moça do seio da mãe¹⁷¹,
 Pois pouco ampla a casa na cidade parecia.
 O cortejo se desdobra, a multidão assídua acorre,
 E ao feixe conjugal precede Himeneu¹⁷².
 Contudo, um burrinho, que ao pobre costumava
 Lucro conferir, no limiar da porta estava.
 Por acaso, as moças o conduziram,
 Para as fadigas do caminho a seus ternos pés não lesarem.
 De repente, o céu, por compaixão de Vênus,
 Pelos ventos é agitado, um estrondo do céu retumba
 E uma noite sombria com densas nuvens prepara¹⁷³.
 A luz aos olhos é raptada e logo a força do granizo
 Vertida aqui e ali aterrorizado cortejo dispersa,
 A cada um coagindo a buscar socorro na fuga.
 O jumento ao conhecido teto bem perto vai,
 E a alta voz ter chegado indica.

171 As cerimônias nupciais do casamento legítimo (*iustae nuptiae* ou *iustum matrimonium*) poderiam ocorrer de duas formas: a tradição (*traditio*), quando o pai da noiva fazia ou desfazia o casamento; a condução (*deductio*), em que a noiva é conduzida à casa do noivo em uma espécie de cortejo, com a entoação de um hino religioso.

172 Deus do casamento, responsável por “acompanhar” a noiva até o leito nupcial, comumente representado com uma tocha na mão direita e um véu na esquerda.

173 A tempestade como prenúncio de reconciliação amorosa é um topos da literatura grega e latina. Cf. Virg. *En.* 2, 692-693.



Avançam os servinhos, a bela moça observam
E admiram; depois, ao senhor anunciam.
Entre poucos companheiros, ele, aconchegado,
Em abarrotados copos o amor afogava;
Quando se anunciou, restabelecido de alegrias,
Exortando Baco e Vênus, entre aplausos
Dos iguais as doces núpcias celebra.
Procuram os pais por um arauto a filha;
O novo marido pela esposa perdida se condói.
O que acontecera, depois, ao povo deu a conhecer,
Todos ao favor celeste aprovaram.



17. [Aesopus et domina]

*Quam noceat saepe verum dicere.
Aesopus turpi cum serviret feminae,
Quae se expingendo totum tricaret diem,
Vestem uniones aurum argentum sumeret,
Nec inveniret digito qui se tangeret,
“Licetne paucis?” inquit. “Dicas.” “Censeo,
Quidvis efficies, cultum se deposueris.”
“Adeone per me videor tibi meliuscula?”*

“Immo, ni dederis, sponda cessabit tua.”
“At non cessabunt latera” respondit “tua”;
Et obiurgari iussit ferulis garrulum.
Post paulo armillam tollit fur argenteam.
Eam non apparere ut dictum est mulieri,
Omnes furore plena vocat, et verbera
Proponit gravia, verum si non dixerint.
“Aliis minare; me” inquit “non falles, era;
Flagris sum caesus, verum quia dixi modo.”

17. Esopo e a senhora.

Como é prejudicial frequentemente dizer a verdade.
Como Esopo a disforme mulher servisse,
A qual se maquiando todo o dia passava,
Uma veste, grandes pérolas, ouro e prata revestia,
E não encontrava quem com o dedo a tocasse,
“Acaso me permites poucas palavras?” diz. “Fala”. “Avalio
Que qualquer coisa farás, se o aparato depuseres.”
“Assim, então, a ti melhorzinha parecerei?”
“Longe disso, se não te produzires, teu leito descansará.”
“Mas não descansarão”, responde “os flancos teus”;



E ordenou com varas ao falador se punisse.
Pouco depois um ladrão seu bracelete de prata roubou.
Como à mulher se disse que ele não apareceria,
Cheia de furor a todos chama e pesados
Açoites promete, se a verdade não dissessem.
“A outros ameaces; a mim” diz “não me enganas, senhora;
Com chicotes fui ferido, só porque a verdade disse.”

18. [*Gallus et feles lepticarii*]

Nimiam securitatem saepe in periculum homines ducere.
Feles habebat gallus lepticarios.
Hunc gloriose vulpes ut vidit vehi,
Sic est locuta: “Moneo praecaveas dolum;
Istorum vultus namque si consideres,
Praedam portare iudices, non sarcinam.”
Postquam esurire coepit felum societas,
Discerpsit dominum et fecit partes funeris.



18. O galo e os gatos liteireiros.

Uma segurança excessiva com frequência ao perigo os homens leva.
Tinha gatos liteireiros¹⁷⁴ um galo.
Como a raposa o visse ser gloriosamente carregado,
Assim falou: “Aconselho a te prevenires do dolo;
Pois se o vulto desses considerares,
Uma presa levando julgarás, não uma carga.”
Depois que a sociedade dos gatos começou a sentir fome,
Despedaçou o senhor e ao funeral as partes deu.



19. [*Scrofa parturiens et lupus*]

Faciendum prius de homine periculum quam eius te committas fidei.
Premente partu scrofa cum gemeret iacens,
Accurrit lupus et obstetricis partibus
Se posse fungi dixit, promittens opem.
Quae vero nosset pectoris fraudem improbi,
Suspectum officium repudiavit malefici
Et “Satis est” inquit “si recedis longius.”
Quodsi perfidiae se commisisset lupi,
Pari dolore fata deflessset sua.

174 Os carregadores de liteiras ou cadeirinhas.

19. A porca parturiente a o lobo.

Deves confiar no homem antes de te entregares a ele.
Como a porca, em parto premente, gemesse deitada,
Acorreu o lobo e no papel de parteiro
Disse poder atuar, prometendo ajuda.
De verdade, a fraude do corrupto a fundo ela conhecendo,
O suspeito ofício do malfeitor repudiou
E “É suficiente” diz “se para mais longe te apartares.”
Pois, se à perfídia do lobo se tivesse confiado,
Com igual dor seu destino choraria.



20. [Aesopus et servus profugus]

Non esse malo addendum malum.
Servus profugiens dominum naturae asperae
Aesopo occurrit, notus e vicinia.
“Quid tu confusus?” “Dicam tibi clare, pater,
Hoc namque es dignus appellari nomine,
Tuto querela quia apud te deponitur.
Plagae supersunt, desunt mihi cibaria.
Subinde ad villam mittor sine viatico.
Domi si cenat, totis persto noctibus;

*Sive est vocatus, iaceo ad lucem in semita.
Emerui libertatem, canus servio.
Ullius essem culpae mihi si conscius,
Aequo animo ferrem. Nunquam sum factus satur,
Et super infelix saevum patior dominium.
Has propter causas et quas longum est promere
Abire destinavi quo tulerint pedes.”
“Ergo” inquit “audi: cum mali nil feceris,
Haec experiris, ut refers, incommoda;
Quid si peccaris? Quae te passurum putas?”
Tali consilio est a fuga deterritus.*



20. Esopo e o servo fugitivo.

Não se deve acrescentar o mal ao mal.
Um servo fugindo de um senhor de índole grosseira
Aproximou-se de Esopo, notório na vizinhança.
“Por que te perturbas?” “Claramente te direi, pai,
Pois por este nome és digno de ser chamado,
Porque seguramente a queixa a ti se confia.
As pancadas abundam, faltam-me alimentos.
Seguidamente à quinta sem farnel sou enviado.

Se em casa ele janta, por toda a noite fico de pé¹⁷⁵;
 Ou se é convidado, até clarear, no atalho fico¹⁷⁶.
 Merecia a liberdade, encanecido eu sirvo.
 Se consciente de alguma culpa eu estivesse,
 De bom grado suportaria. Nunca fiquei saciado,
 E, ademais, infeliz, a um cruel dominador suporte.
 Por estas e outras razões, que é longo expor,
 Destinei-me a ir até onde me levarem os pés.”
 “Pois bem”, diz “ouve: mesmo que nada de mal tivesses feito,
 Experimentarias, como se diz, estes incômodos;
 E se erres? Que julgas que sofrerás?”
 Por tal conselho da fuga foi dissuadido.



21. [*Equus circensis*]

Ferendum esse aequo animo quidquid acciderit.

Equum e quadriga multis palmis nobilem,

Abegit quidam et in pistrinum vendidit.

Productus ad bibendum cum foret a molis,

175 Referência ao fato de que o escravo deveria permanecer em pé, próximo a seu senhor, pronto a servi-lo durante as refeições.

176 Ao sair à noite, o senhor era acompanhado por um escravo, que portava alguma luz para iluminar seu caminho. Ele deveria permanecer atento, à sua espera, do lado de fora da casa, sempre de vigília.

*In circum aequales ire conspexit suos,
Ut grata ludis redderent certamina.
Lacrimis obortis “Ite felices,” ait,
“celebrate sine me cursu sollemnem diem;
Ego, quo scelestas furis attraxit manus,
Ibi sorte tristi fata deflebo mea.”*

21. O cavalo de corrida.

Deve-se suportar de bom grado o que vier a acontecer.
Alguém a um cavalo, pelas muitas vitórias conhecido,
Da quadriga enxotou e ao primeiro vendeu¹⁷⁷.
Como a beber nas mós foi levado,
Indo ao circo e seus iguais viu,
Para os certames do jogo agradecerem.
Brotando as lágrimas “Ide felizes”, diz,
“celebrai sem mim o solene dia da corrida;
Eu, a quem a criminosa mão do ladrão puxou,
Então, pela triste sorte meu destino lamentarei.”

¹⁷⁷ Ao se tornar velho, o cavalo era afastado das corridas e dos jogos, passando a prestar serviços ordinários.



22. [Ursus esuriens]

*Famam acuere animantibus ingenium.
Si quando in silvis urso desunt copiae,
Scopulosum ad litus currit et prendens petram
Pilosa crura sensim demittit vado;
Quorum inter villos haeserunt cancri simul,
In terram adsiliens excutit praedam maris,
Escaque fruitur passim collecta vafer.
Ergo etiam stultis acuit ingenium fames.*

22. O urso faminto.

A fama aguça o engenho dos vivos.
Se em algum tempo na selva ao urso faltarem víveres,
A um rio com escolhos corre e, agarrando a pedra,
As peludas patas pouco a pouco no vau afunda;
A seus pelos logo caranguejos aderem,
À terra saltando, a presa do mar sacode,
E da isca usufrui aqui e ali recolhida o astuto.
Então, também aos tolos ao engenho a fome aguça.



23. [*Viator et corvus*]

*Verbis saepenumero homines decipi solere.
Quidam per agros devium carpens iter
Ave exaudivit, et moratus paululum,
Adesse ut vidit nullum, corripuit gradum.
Iterum salutat idem ex occulto sonus.
Voce hospitali confirmatus restitit,
Ut, quisquis esset, par officium reciperet.
Cum circumspectans errore haesisset diu
Et perdidisset tempus aliquot milium,
Ostendit sese corvus et supervolans
Ave usque ingessit. Tum se lusum intelligens
“At male tibi sit” inquit, “ales pessime,
Qui festinantis sic detinuisti pedes.”*

23. O viajante e o corvo.

Muitas vezes pelas palavras os homens costumam ser enganados.
Alguém pelos campos um desvio tomando
“Salve” ao longe ouviu e, demorando-se um pouquinho,
Como não visse ninguém perto, retomou o passo.
Outra vez o mesmo som às ocultas o saúda.



Por voz hospitaleira fortificado resistiu,
Para que, se houvesse alguém, parêlo obséquo recebesse.
Como, observando, na ilusão muito se detivesse
E perdesse tempo para algumas milhas,
Revelou-se o corvo e sobrevoando
“Salve” ainda proferiu. Então, entendendo-se iludido
“Que o mal te sobrevenha” diz, “ave celerada,
Que pés apressados assim detiveste.”

24. [*Pastor et capella*]

Nihil ita occultum esse quod non revelatur.

Pastor capellae cornu baculo fregerat:

Rogare coepit ne se domino proderet.

“Quamvis indigne laesa reticebo tamen;

Sed res clamabit ipsa quid deliqueris.”

24. O pastor e a cabrinha.

Nada é tão oculto que não se revele.

Um pastor o chifre de uma cabrinha com o cajado quebrara;

Começa a rogar que ao senhor nada revele.

“Embora indignamente lesada, contudo, me calarei;

Mas o próprio fato proclamará a falta que cometeste.”



25. [Serpens et lacerta]

Ubi leonis pellis deficit, vulpinam insuendam esse;

hoc est, ubi deficiunt vires astu utendum.

Serpens lacertam forte aversam prenderat,

Quam devorare patula cum vellet gula,

Arripuit illa prope iacentem surculum,

Et pertinaci morsu transversum tenens

Avidum sollerti rictum frenavit mora.

Praedam dimisit ore serpens inritam.

**25. A serpente e o lagarto.**

Quando a pele do leão cai, a da raposa deve ser ajuntada;

Isto é, quando faltam as forças, deve-se usar de astúcia.

Uma serpente, ao acaso, um lagarto de transverso prendera,

Mas, como devorá-lo de goela aberta quisesse,

Arrebatou aquele um raminho que perto jazia,

E, com aferrada mordida, mantendo-o atravessado,

A boca voraz com ardiloso impedimento refreou.

A serpente a presa inútil da boca dispensou.

26. [Cornix et ovis]

Multos lacessere debiles et cedere fortibus.

Odiosa cornix super ovem consederat;

Quam dorso cum tulisset invita et diu,

“Hoc” inquit “si dentato fecisses cani,

Poenas dedisses.” Illa contra pessima:

“Despicio inermes, eadem cedo fortibus;

Scio quem lacessam, cui dolosa blandiar.

Ideo senectam mille in annos prorogo.”



26. A gralha e a ovelha.

Muitos aos fracos perseguem e aos fortes cedem.

A odiosa gralha¹⁷⁸ sobre a ovelha se sentara;

Como constrangida e longamente no dorso a suportasse,

“Se isto” diz “a um cão dentuço fizesses,

Castigada serias.” Por sua vez, a péssima:

“Desprezo os fracos, do mesmo modo aos fortes cedo;

Sei quem atacarei, a quem, astuciosa, afagarei.

Por isso, a velhice por mil anos prolongo.”

178 A gralha era símbolo de uma raça vil, sendo associada aos delatores.

27. [Socrates et servus nequam]

*Nullum maledictum esse gravius conscientia.
Cum servus nequam Socrati male diceret,
Uxorem domini qui corrupisset sui,
Idque ille sciret notum circumstantibus,
“Places tibi” inquit “quia cui non debes places;
Sed non impune, quia cui debes non places.”*

27. Sócrates e o servo imprestável.

Nenhum insulto é mais grave do que a consciência.
Como um servo imprestável de Sócrates falasse mal,
Que à esposa de seu senhor corrompesse,
E aquele soubesse que aos circunvizinhos isso era sabido,
“Te satisfazes” diz “porque satisfazes a quem não deves;
Mas não impunemente, porque não satisfazes a quem deves¹⁷⁹.”



179 Os dois últimos versos dessa fábula apresentam um jogo de palavras, com a inclusão do advérbio *non*.

28. [*Lepus et bubulcus*]

Multos verbis blandos esse, pectore infideles.

Cum venatorem celeri pede fugeret lepus

Et a bubulco visus veprem inreperet:

“Per te oro superos perque spes omnes tuas,

Ne me indices, bubulce; nihil umquam mali

Huic agro feci.” Et rusticus: “Ne timueris;

Late securus.” Iamque venator sequens:

“Quaeso, bubulce, numquid huc venit lepus?”

“Venit, sed abiit hac ad laevam,” et dexteram

Demonstrat nutu partem. Venator citus

Non intellexit seque e conspectu abstulit

Tunc sic bubulcus: “Ecquid est gratum tibi,

Quod te celavi?” “Linguae prorsus non nego

Habere atque agere maximas me gratias;

Verum oculis ut priveris opto perfidis.”

28. A lebre e o boiadeiro.

Muitos são meigos com as palavras, e infiéis de coração.

Como de um caçador com rápido pé a lebre fugisse

E, vista por um boiadeiro, no espinheiro se introduziu:



“Suplico a ti, aos deuses e a todas as tuas esperanças,
 Não me denuncies, boiadeiro; nunca nenhum mal
 Àquele campo fiz.” E o camponês: “Não temas;
 Oculta-te segura.” E logo o caçador seguindo:
 “Com licença, boiadeiro, acaso pra cá a lebre veio?”
 “Veio, mas se foi ali pela esquerda”, e o lado
 Direito com um aceno demonstra. O caçador ligeiro
 Não entendeu e das vistas se retirou.
 Então, assim o boiadeiro: “Não agradeces,
 Porque te escondi?” “Não nego de todo
 Dever e muito à tua língua agradecer;
 Mas dos teus olhos perversos desejo que sejas privado.”



29. [Meretrix et iuvenis]

*Multa esse nobis iocunda quae tamen sunt incommoda.
 Cum blandiretur iuveni meretrix perfida,
 Et ille laesus multis saepe iniuriis
 Tamen praeberet sese facilem mulieri,
 Sic insidiatrix: “Omnes muneribus licet
 Contendant, ego te plurimi facio tamen.”
 Iuvenis recordans quotiens deceptus foret:*

*“Lubenter,” inquit, “mea lux, hanc vocem audio,
Non quod fidelis, sed quod iucunda est mihi.”*

29. A meretriz e o jovem.

Muitas coisas nos são agradáveis, porém são molestas.
Como uma meretriz pérfida a um jovem afagasse,
E ele frequentemente fosse por muitas injustiças lesado,
Contudo, fácil à mulher se oferecia,
Assim a embusteira: “Embora todos com presentes
Contendam, dentre muitos eu ainda te elejo.”
O jovem recordando quantas vezes fora decepcionado:
“Com prazer” diz, “minha luz, esta fala ouço,
Não porque és fiel, mas porque me agradas¹⁸⁰.”



30. [Fiber]

*Multi viverent se salutis gratia parvi facerent fortunas.
Canes effugere cum iam non possit fiber
(Graeci loquaces quem dixerunt castorem
Et indiderunt bestiae nomen dei,*

180 Valorização dos prazeres sexuais em oposição ao amor verdadeiro.

*Illi qui iactant se verborum copia),
 Abripere morsu fertur testiculos sibi,
 Quia propter illos sentiat sese peti.
 Divina quod ratione fieri non negem;
 Venator namque simul invenit remedium,
 Omittit ipsum persequi et revocat canes.
 Hoc si praestare possent homines, ut suo
 Vellent carere, tuti posthac viverent;
 Haud quisquam insidias nudo faceret corpori.*

30. A lontra.

Muitos viveriam, se, graças à saúde, poucos fizessem fortuna.
 Como a lontra¹⁸¹ aos cães já não pudesse escapar
 (Os gregos verborrágicos por castor o chamaram
 E o nome de um deus à besta impuseram,
 Aqueles que com abundância de palavras se exaltam),
 Diz-se que com uma mordida seus testículos arrancou,
 Para que, por causa deles, se sinta ser atacado.

¹⁸¹ O vocábulo *fiber* ou *feber* significa, literalmente, “marrom, moreno”, alusão à cor da lontra e do castor. Esse termo latino é usado para evitar o grecismo *castor*, fato mencionado no verso seguinte.



Que isso acontece por divino desígnio¹⁸², não negarei;
 Pois logo que o caçador o remédio encontra¹⁸³,
 Renuncia ele próprio a perseguir e os cães faz voltar.
 Se os homens pudessem isto preferir, que do seu
 Quisessem se abster, seguros depois disso viveriam;
 Ninguém ardis a um corpo nu faria.

31. [Papilio et vespa]

Non praeteritam sed praesentem aspiciendam esse fortunam.

Papilio vespam prope volantem viderat:

“O sortem iniquam! Dum vivebant corpora,

Quorum ex reliquiis animam nos accepimus,

Ego eloquens in pace, fortis proeliis,

Arte omni princeps inter aequalis fui;

En cuncta levitas putris et volito cinis.

Tu, qui fuisti mulus clitellarius,

Quemcumque visum est laedis infixo aculeo.”

At vespa dignam memoria vocem edidit:

“Non qui fuerimus, sed qui nunc simus, vide.”

182 Castor é também o nome de um deus, gêmeo de Polux.

183 O animal produz em suas bolsas um líquido chamado castóreo, de odor forte, utilizado contra espasmos ou como estimulante, além de ser um fixador de perfumes. Cf. Pl. HN 3,13.



31. A borboleta e a vespa.

A sorte pretérita não se deve observar, mas a presente.

A borboleta uma vespa voando por perto vira:

“Ai, sorte injusta! Enquanto viviam os corpos,

De cujos restos a alma acolhemos¹⁸⁴,

Eu, eloquente na paz, forte nas pelejas,

Em toda arte maioral entre iguais fui;

Eis que toda leveza é espedaçada e as cinzas revoo.

Tu, que um mulo de carga foste,

A qualquer um parece que lesas com espetado ferrão.”

Mas a vespa uma palavra digna de memória expôs:

“Vê não quem fomos, mas quem agora somos.”



32. [Terraneola et vulpes]

Pravis non esse fidem adhibendam.

Avis quam dicunt terraneolam rustici,

In terra nidum quia componit scilicet,

Forte occurrit improbae vulpeculae,

Qua visa pennis altius se sustulit.

184 Alusão às metamorfoses de alguns animais e à metempsychose, processo em que a alma passa a habitar um novo corpo após a morte do primeiro. Cf. Virg. *Georg.* 4.

“Salve,” inquit illa, “cur me fugisti obsecro?
 Quasi non abunde sit mihi in prato cibus,
 Grilli, scarabaei, locustarum copia;
 Nihil est quod metuas, ego te multum diligo
 Propter quietos mores et vitam probam.”
 Respondit cantrix: “Tu quidem bene praedicas,
 In campo non par, <par/> sum sublimis tibi.
 Quin sequere; tibi salutem hic committo meam.”

32. A cotovia e a raposa.

Aos perversos não se deve dar crédito.
 A ave que os camponeses chamam cotovia¹⁸⁵,
 Porque no chão convém saber que o ninho edifica,
 Por acaso a uma imprudente raposinha acorreu,
 Que, ao ser vista, com as asas mais alto se elevou.
 “Salve”, diz ela, “Diz-me, por que de mim fugiste?
 Como se em abundância no prado comida não houvesse,
 Riqueza de grilos, escaravelhos, gafanhotos;
 Nada há que temer, muito eu te estimo

185 Em latim, *terraneola* designa uma espécie de cotovia, que tem seu nome latino oriundo do fato de a ave fazer seu ninho no chão.



Pelos tranquilos costumes e vida honrada.”

Responde a cantora: “Decerto tu bem predizes,

No campo não sou par, <par> te sou nas alturas.

Porque não me seques, meu bem estar daqui te confio.”





Referências bibliográficas

ADRADOS, Francisco Rodríguez. *History of the Graeco-Latin fable*. Vol. 1. Translated by Leslie A. Ray. Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava, Supplementum 201, 1999.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2005.

BABRIUS AND PHAEDRUS. Edited and Translated by Ben Edwin Perry. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1990.

CASCÓN DORADO, Antonio. La injusticia social en las fábulas de Fedro: origen y tradición. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos* 38 (1), 2018, p. 23-40. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/CFCL.60931>.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p. 21-28.

DUARTE, Adriane da Silva. Apresentação ao Romance de Esopo. In: ESOPPO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*. Seleção, tradução e apresentação das Fábulas de André Malta. Tradução e apresentação do Romance de Esopo por Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 185-200.

HALPORN, James W.; OSTWALD, Martin; ROSENMEYER, Thomas G. *The meters of Greek and Latin poetry*. Revised edition. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1980.



HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (Primeira parte). Introdução, tradução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

LIBBY, Brigitte B. The intersection of Poetic and Imperial authority in Phaedrus' fables. Princeton, Stanford Working Papers, in *Classics Paper* n°. 020804, 2008, p. 1-24. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrr.1427424>.

MALTA, André. Apresentação às Fábulas de Esopo. In: ESOPHO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*. Seleção, tradução e apresentação das Fábulas de André Malta; Tradução e apresentação do Romance de Esopo por Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 9-21.

MATTIACCI, Silvia. Il liberto 'Greco' in cerca di un'identità romana: autorappresentazione e programma letterario in Fedro. In: MORDAGLIA, C. (a cura di). *Lupus in fabula. Fedro e la favola latina tra antichità e medioevo*. Studi offeti a Ferruccio Bertini. Bologna: Pàtron Ed., 2014, p. 49-71.

NUÑEZ, Manuel Mañas. Introducción. In: FEDRO; AVIANO. *Fábulas*. Edición de Manuel Mañas Nuñez. Madrid: Ediciones Akal, 1998, p. 19-165.

QUINTILIANO. *Instituição oratória*. Tomo I. Tradução e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

RENDA, Chiara. Poesia degli oggetti e oggetti di poesia nelle favole di Fedro. *Antichistica* 32, *Filologia e Letteratura* 5, Paulo maiora canamus. Raccolta di studi per Paolo Mastandrea. Venezia: Edizione Ca'Foscari, 2021, p. 83-99.

STOCCHI, Christian. *Dizionario della favola antica*. Milano: Bur, 2013.





ISBN: 978-65-6061-101-6



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS CLÁSSICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

